



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS LATINO-
AMERICANOS (PPG IELA)**

**PELAS PALAVRAS DELES:
TORNADO-SE HOMENS, DO PODER À QUEDA EM NOSSA AMÉRICA**

NELSON SOUTERO COUTINHO NETO

Foz do Iguaçu
2019



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS LATINO-
AMERICANOS (PPG IELA)**

**PELAS PALAVRAS DELES:
TORNANDO-SE HOMENS, DO PODER À QUEDA EM NOSSA AMÉRICA**

NELSON SOUTERO COUTINHO NETO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Latino-Americanos.

Orientador: Profa. Dr. Angela Maria de Souza

Foz do Iguaçu
2019

NELSON SOUTERO COUTINHO NETO

PELAS PALAVRAS DELES:
TORNANDO-SE HOMENS, DO PODER À QUEDA EM NOSSA AMÉRICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Latino-Americanos.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Angela Maria de Souza

Profa. Dra. Tânia Sandroni
UNIP

Prof. Dr. Waldemir Rosa
UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - PTI

C871p

Coutinho Neto, Nelson Soutero.

Pelas palavras deles: tornado-se homens, do poder à queda em nossa América / Nelson Soutero Coutinho Neto. - Foz do Iguaçu, 2020.

106 f.: il.

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino- Americanos.

Orientador: Angela Maria de Souza.

1. Estudos Latino-americanos. 2. Autobiografias - masculinidades. 3. Estudos de gênero. I. Souza, Angela Maria de, Orient. II. Título.

CDU: 305-055.1

Dedico este trabalho aos meus pais Elisete Menegusso Coutinho e João Carlos Soutero Coutinho, e às minhas avós Luiza Maria Coutinho e Olivia Vidoto.

Em memória de **João W. Nery.**

AGRADECIMENTOS

Engana-se quem afirma que o trabalho intelectual é um labor solitário. Por muito tempo - talvez por inocência - acreditei neste conto. O prazer da oportunidade de trabalhar com minha orientadora professora doutora Angela Maria de Souza me fez descobrir que conhecimento se constrói junto, e serei grato a ela por este ensinamento.

E por não ser um trabalho solitário coloco nestas linhas mais do que nomes de gente que esteve comigo nesta jornada que se pretende ao título de mestre. Trago nestas linhas afeto de pessoas que é muito provável que eu nem consiga imaginar a sua imensidão.

Educação. Desde quando escolhi 'ser doutor', e antes mesmo disso, essa palavra virou um projeto de casa. Com isso, meus pais vararam noites em jornadas duplas em seus empregos para me proporcionar o melhor possível para que conquistássemos este objetivo: minha Educação. Assim, o filho deles se aventurou por Buenos Aires, na Argentina, depois se tornou bacharel, mergulhou em subempregos, se jogou pela tríplice fronteira e agora chega até aqui: mestrando. *"Ainda tem mais quatro anos de doutorado"*, minha mãe fala para sua irmã, minha tia, do outro lado da chamada telefônica. Meu pai se orgulha de até onde conseguiu levar seu filho. Dedicar este trabalho a eles, ou escrever uma dúzia de linhas os agradecendo não serão suficientes para quem me lê conseguir entender as dores que minha mãe sente nos pés, nas costas e na cabeça de tantos plantões duplos feitos para enviar dinheiro para eu conseguir pagar aluguel, fazer despesa, pagar passagens e inscrições para participar de congressos e outras atividades acadêmicas. Tampouco vão conseguir entender o desespero do meu pai toda vez que eu ligava para ele pedindo socorro, ou simplesmente desaparecia por alguns dias por causa da sobrecarga que a tal produtividade científica que nosso perverso sistema educacional exige para que a gente se mantenha na Universidade.

Com meus pais estiveram pessoas fundamentais para a minha continuidade nesta aventura. Egberto Cunha, Vitor Guedes, Clara Clariana, Gabriel Prata, Hanna Sian, Daniel Cadernas, Luisa Pérez, Gean Gonçalves, Brian e Flávio são pessoas que levarei comigo para todo o sempre. Pessoas que me ajudaram financeiramente, com apoio psicológico, médico e sentimental. E jamais me esquecerei de minha professora orientadora da graduação Tânia Sandroni, que sempre me acompanha desde a graduação, além de meus amigos que estão na luta em me ajudar na batalha de furar as barreiras do

mercado de trabalho que são Mariana Macario, Alan Leite e Ricardo Sales.

Também agradeço os professores Mara Viveros Vigoya e o professor Franklin Gil por todo o apoio e ensinamentos compartilhados durante minha estadia como aluno visitante na *Escuela de Estudios de Género*, da *Universidad Nacional de Colombia*, assim como todos os técnicos que colaboraram para minha melhor estadia em Bogotá.

Este intercâmbio só foi possível graças os esforços também de todos os funcionários e técnicos da Seção de Mobilidade Acadêmica da Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA).

Em tempo, não posso deixar de agradecer o carinho, atenção e dedicação do secretário Newton Camargo da Silva Cruz do Programa de Pós-graduação em Estudos Latino-americanos (PPG-IELA). Além dos os nossos professores.

Por fim, agradeço a Pró-reitoria da Pós-graduação da UNILA por conceder uma bolsa por três meses por Demanda Social e um auxílio para participação de eventos, além da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por conceder também uma bolsa pelo Programa de Demanda Social e colaborarem para a continuidade deste trabalho.

*Queres respostas, mas tê-las não significa poder com
elas. **Sayak Valencia Triana***

RESUMO

Muitos desafios estão postos aos homens e às masculinidades a partir das teorias feministas e de gênero. O momento atual em que vive o ocidente é de que estes sujeitos masculinos e os homens (re)pensem seu lugar social. Neste sentido, a pergunta que se insere como eixo central e se desenvolve nesta pesquisa está em questionar: *falar de si pode ser uma potência para falar de 'nós?* Por este motivo, antes de tudo, assumimos uma perspectiva teórico-política que dialoga com uma ética feminista ao propor outras possibilidades de sociedades onde os marcadores como raça, classe e gênero não sejam bases fundadoras de desigualdade entre seres humanos. Para tentar responder tal pergunta traremos ao debate três autobiografias de homens que escreveram sobre suas vidas tendo como linha central de exposição ou sua sexualidade, ou sua identidade e gênero ou sua raça. Estas obras são: *Eu*, de Ricky Martin (2010); *Viagem Solitária: memórias de um transexual trinta anos depois*, de João W. Nery (2011); e *Na minha pele*, de Lázaro Ramos (2018). A partir das leituras desses textos buscaremos localizar as percepções de masculinidades e as construções dos sujeitos homens em suas narrativas com o objetivo de tentar ampliar o debate, a reflexão e a crítica que cercam o modo com que se dão os trânsitos de saberes e culturais para a sujeição (BUTLER, Judith, 2017) desses sujeitos. Consideramos e priorizamos produções teóricas desde Nossa América (MARTÍ, José. 1980; GONZALES, Lélia. 1988; SILVIA, R. C. 2010; ANZALDÚA, Glória, 2005. VIVEROS, V. Mara, 2018), e que dialoguem também com outros saberes e conhecimentos interdisciplinares ao debate social e crítico para outras visões de mundo. Metodologicamente este trabalho está dividido em dois eixos teóricos. O primeiro tem como proposta explorar a paisagem interior das percepções de masculinidades e das narrativas de construção dos sujeito-autores homens nas obras. O método biográfico (VIEYTES, Rut, 2009) tem como objetivo localizar desde os atores as situações, os contextos, os comportamentos e percepções de determinados enfoques. Então dedicamos às paisagens exteriores do texto por meio de uma metodologia hermenêutica-fenomenológica (Ibid., 2009) que possam explicar como os corpos, os afetos e as cotidianidades narradas se dão. Consideramos a relevância de perceber que as sujeições, assim como o próprio processo de narrar-se e de interpretar, estão constantemente atravessadas por marcadores para além das fronteiras de gênero. Estudar homens e masculinidades desde as teorias feministas, sobretudo teorias feministas nossamericanas e negras podem colaborar não somente ao aprofundamento destas mesmas, mas também às mais diversas ações mobilizadoras que há algum tempo, pelo menos desde a segunda metade do século XX (VIVEROS, Mara, 2018) diversas mulheres teóricas e ativistas estão propondo não só como desafios aos homens, mas propondo outras sociedades possíveis em que, sobretudo, o gênero não seja uma categoria fundante de desigualdades, violações de direitos humanos, e de relações de poder entre os sexos.

Palavras-chave: Teorias feministas. Estudos de Gêneros. Masculinidades. Estudos Latino-americanos. Autobiografias.

ABSTRACT

Many challenges are placed on men and masculinities from feminist and gender theories. The present moment in which the West lives is that these male subjects and men (re) think their social place. In this sense, the question that is inserted as central axis and develops in this research is in question: to speak of itself can be a power to speak of 'us? For this reason, we first assume a theoretical-political perspective that dialogues with a feminist ethic in proposing other possibilities of societies where markers such as race, class and gender are not foundational foundations of inequality among human beings. To try to answer such a question we will bring to the debate three autobiographies of men who have written about their lives having as central exposure line or their sexuality, or their identity and gender or their race. From the readings of these texts we will seek to locate the perceptions of masculinities and the constructions of the male subjects in their narratives in order to try to broaden the debate, the reflection and the criticism that surround the way in which the transits of knowledge and cultural the subjection (Butler, Judith, 2017) of these subjects. We consider and prioritize theoretical productions from Our America (MARTÍ, José, 1980, GONZALES, Lélia, 1988, SILVIA, RC 2010; ANZALDÚA, Glória, 2005 VIVEROS, V. Mara, 2018), and also dialogue with other knowledge and knowledge interdisciplinary to social debate and critical to other worldviews. Methodologically this work is divided in two theoretical axes. The first is to explore the inner landscape of the perceptions of masculinities and the construction narratives of the male subject-authors in the works. The biographical method (VIEYTES, Rut, 2009) aims to locate from the actor's situations, contexts, behaviors and perceptions of certain approaches. In the second chapter, we focus on the exterior landscapes of the text through a hermeneutic-phenomenological methodology (Ibid, 2009) that can explain how the bodies, affections and daily lives narrated. We consider the relevance of perceiving that subjections, as well as the process of narration itself and of interpreting, are constantly crossed by markers beyond the boundaries of gender. Studying men and masculinities from feminist theories, especially feminist and black feminist theories, can contribute not only to their deepening, but also to the most diverse mobilizing actions that have existed for some time, at least since the second half of the twentieth century (VIVEROS, Mara, 2018), various theoretical women and activists are proposing not only as challenges to men, but also proposing other possible societies in which, above all, gender is not a founding category of inequalities, human rights violations, and power relations among sexes.

Key words: Feminist theories. Gender Studies. Masculinities. Latin American Studies. Autobiographies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – PAISAGENS EXTERIORES DOS TEXTOS	23
1.1 Em busca de um possível mínimo denominador comum	28
1.2 São eles quem mais morrem	32
1.3 Enquanto eles morrem, elas são violentadas ou assassinadas	38
CAPÍTULO II – EXPLORANDO A PAISAGEM INTERIOR DAS PERCEPÇÕES DE MASCULINIDADES E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO HOMEM	44
2.1 Interpolações a um investigador homossexual investigando masculinidades e homens	52
2.2 Relatar a si mesmo. Apresentando as obras autobiográficas	58
2.3 A paisagem interior das percepções de masculinidades e fazendo homens	60
2.3.1 Ricky Martin	61
2.3.2 João W. Nery	70
2.3.3 Lázaro Ramos	77
CAPÍTULO III – FALAR DE SI COMO POTÊNCIA PARA FALAR DE NÓS	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS	104

INTRODUÇÃO

O sangue escorria pelas bordas da mesa, no centro da cozinha. Em torno do porco morto pelos homens da casa naquela manhã, cerca de seis ou sete mulheres dilaceram parte por parte do animal. Estou no canto da cozinha, quieto, observando cada gesto daquele ritual familiar. São, além de minha mãe, minhas tias, primas de minha mãe e uma tia-avó, esta última tomando a posição de líder por ser mais velha dos presentes. Neste dia, aos nove anos de idade, descobri que o que se esperava de mim era ser homem.

As teorias feministas e de gênero¹ têm sido importantes ferramentas aos estudos sobre homens e masculinidades em nossa contemporaneidade, o que não significa que em sua recente história os homens estiveram distantes ou não tocados pelos desafios postos por estas mesmas teorias (VIVEROS, V. Mara; 2007, p. 25)².

Desde meados do século XIX estes dois campos teóricos se desenvolveram substancialmente criando categorias, aprofundando conceitos e leituras particulares das sociedades onde estavam e estão inseridas. A própria categoria gênero é uma categoria relativamente recente, sobretudo como categoria de análise. Entretanto, podemos afirmar que, em algum momento, estes dois campos estiveram em um só espaço seja teórico, de pensamento, de prática ou de ação mobilizadora.

Ainda dentro de uma perspectiva colonizadora norte-centrada, podemos situar a antropóloga norte-americana Margaret Mead (1961; 1935) como uma investigadora de vanguarda em se dedicar aos estudos em torno da construção do sexo desde a infância e os temperamentos dos sujeitos. Podemos voltar ainda mais no tempo e encontrar os estudos do antropólogo polonês Bronislaw Kasper Malinowski (1973; 1924) em que coloca

¹ Escolho separar 'teorias feministas' e 'teorias de gênero' por compreender que, mesmo ambas tratando da mulher e feminino em sociedade, muitas delas compõem objetos e recortes de análises distintas no campo científico.

² Como posicionamento teórico-político este trabalho tomará o cuidado de citar pesquisadoras e pesquisadores com (SOBRENOME, Nome) para evidenciar as autoras e que as mulheres estão propondo ao campo teórico-político que elas próprias criaram.

em xeque a própria construção em torno das ideias do *Complexo de Édipo*, do psicanalista alemão Freud Sigmund (1924).

Não trataremos aqui de tentar criar uma historiografia dos estudos feministas, de gênero e sexualidade, até mesmo porque não queremos cair na armadilha colonialista de embranquecer a própria construção dos conhecimentos e os inúmeros debates dados sobre estes temas. Já é sabido que, não muito raro, ao tentarmos criar uma história cronológica de nomes, teorias e escolas acadêmicas acabamos pensando que o mundo intelectual e cultural em Nossa América começa apenas a partir de 1500. Minha limitação no campo da historiografia poderia trazer esse posicionamento aqui, por este motivo prefiro pensar em um mapa das ideias feministas, de gênero e sexualidade que possam colaborar para nosso objetivo final.

O importante neste momento é perceber como alguns campos científicos e de outros saberes começaram a se debruçar sobre as diferenças dos sexos/gêneros e como os sujeitos estão constituídos social e culturalmente a partir destas diferenças. E nesta proposta de apresentar tal mapa histórico mental das teorias feministas e dos estudos de gênero que poderemos encontrar uma aparente trajetória homogênea de ação-reação resultante dos debates em torno de categorias e marcadores que estes campos proporcionam em nossa contemporaneidade.

A começar pela icônica frase “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, Simone; 1960, p. 9) da obra *O segundo sexo: a experiência vivida*. E então poderíamos seguir este trabalho elencando seja em uma perspectiva de “ondas” do feminismo, ou até mesmo trazendo uma série de nomes sobretudo de mulheres, e homens também, que se dedicaram às temáticas em torno do gênero, sexo e sexualidade, com o risco de construir uma história colonialista sobre estas teorias e estes estudos, o que nos resultaria em uma questão sobre a existência ou não de uma epistemologia feminista e:

Na consideração da existência de uma/várias epistemologia/s feminista/s, valeria então destacarmos de início, dois pontos: o primeiro aponta para a participação do feminismo na ampla crítica cultural, teórica, epistemológico em curso, ao lado da Psicanálise, da hermenêutica, da Teoria Crítica Marxista, do Desconstrutivismo e do Pós-modernismo. Esta crítica revela o caráter particular de categorias dominantes, que se apresentam como universais; propõe a crítica da

racionalidade burguesa ocidental, marxista incluso, que não pensa em sua dimensão sexualizada, enquanto criação masculina, logo excludente. Portanto, denuncia uma racionalidade que opera num campo ensimesmado, isto é, a partir da lógica da identidade e que não dá conta de pensar a diferença. E neste ponto que o feminismo se encontra especialmente com o pensamento pós-moderno, com a crítica do sujeito, com as formulações de Derrida e Foucault, entre outras. O segundo, embutido no primeiro, traz as propostas desta nova forma de conceber a produção do conhecimento, do projeto feminista de ciência alternativa, que se quer potencialmente emancipador (RAGO, Margaret, 1998, p. 4).

E é neste sentido que o presente trabalho tem alguns objetivos importantes a serem expostos desde este momento. O primeiro tanto já explicitado aqui em tentar não cair em uma chave universalizante na construção de uma história das teorias feministas e de gênero que apague vozes outras colocadas à margem da construção do conhecimento, sobretudo por considerar neste trabalho a subscrição de masculinidades específicas e localizadas em um tempo e espaço, ou seja, desde Nossa América.

Assim poderemos chegar à reflexão sobre como estas teorias feministas e de gênero tiveram, e ainda têm, no campo acadêmico a proposição de gerar sérias objeções desde seus princípios sobre “*la misoginia expresada por teólogos, filósofos, científicos y por los discursos populares*” (VIVEROS, V. Mara; 2007, p. 25). E ainda trazer para nosso debate que se inicia neste trabalho a problematização de se os próprios filósofos franceses Derrida e Foucault de fato estiveram alinhados com essas formulações teórico-feministas da constituição do sujeito, como apresenta Margareth Rago, a partir de pensamento que não seja eurocentrado.

Por Nossa América entendemos a região dada como latino-americana carregada por uma ficção colonizada, e colonizadora, que perpassa a construção da própria história não a partir daqui, mas desde um lugar que apagou culturas e sujeitos. Esse processo de colonização em Nossa América resulta ainda em um profundo processo de autoconsciência incluindo também um processo de integração regional que ultrapasse o plano econômico.

La única posibilidad de que emerja una [Nuestra] América autoconsciente es la de encontrar el modo de unir [Nuestra América] en el plan de sus élites sindicales, culturales y políticas – y evidentemente de pensamiento – para que generacionalmente, en grupo, sentimiento y haciendo sentir su existencia comience, por

primera vez, la unidad independiente y autónoma de la que fue una [Nuestra] América unida, pero colonial, y siempre heteronomía – heteronomía cuyo centro se ha situado en Europa y desde hace algún tiempo igualmente en Estados Unidos. (DUSSEL, Enrique, 1983, p. 144)

Encarregaremos de considerar também as elites, sobretudo de pensamento, constituídas a partir das teorias feministas e de gênero desde Nossa América, o que passa da própria ideia de *Nossa América* para além do ensaio do cubano José Martí (1891). Estamos falando de mulheres como a chicana Gloria Anzaldúa (2005) e sua obra *La conciencia de la mestiza: ruma a uma nova consciência*, e a brasileira Lélia Gonzalez (1988) em sua obra *Por um feminismo afro-latino-americano*. Ambas autoras que nos trazem ideias importantes de como o colonialismo e os sistemas estruturais de racismo forjam durante a história até nosso cotidiano sujeitos vulnerabilizados e precarizados em direitos, além de assaltados de sua própria herança cultural. Assim, acreditamos que não haverá possibilidade de que emerja uma Nossa América sem, também pensarmos em nossas relações de gênero.

Trazer estas perspectivas para este trabalho não significa negar as autoras e autores do Norte, mas de propormos um exercício ao pensamento social latino-americano desde aqui e a partir de vozes particulares desde Nossa América. Nos interessa a preposição “desde”, pois é dentro dela que também está incluída a preposição “para”. Pensar “desde” é também nos deslocar de uma perspectiva da “vontade de sair” da margem/periferia nos dada dentro de uma cosmologia acadêmica, econômica, política, histórica e cultural colonialista que nos localiza como citadores de gente do Norte³. Esta perspectiva também tem interesse em subverter esta lógica marginalizada para reivindicar este lugar periférico como um lugar de autoria e de produção. Lugar este que não tem interesse de colonizar, mas de exercer outro labor, e outros interesses, que ressignifica o próprio sentido de “acadêmico”. É assim que o ‘desde’ Nossa América nos liberta de sermos os objetos a serem dissecados, explicados e entendidos para sermos os dissecadores destas epistemologias norte-centrada e podermos negar, ampliar, contribuir ou até mesmo refazê-las e devolvê-las com as questões reformuladas, acrescidas, reificadas,

³ A expressão ‘gente do Norte’ busca colaborar com a crítica de que muitos trabalhos acadêmicos se preocupam, ou por vezes, apenas consideram interpretações da sociedade feitas em ‘qualidade’ apenas por sujeitos do Hemisfério Norte e em suas instituições seculares. Onde, muitas delas, só existem graças a exploração dos povos e das terras colonizadas, colocando o Sul Global como periferia e marginal da possibilidade de se fazer ciência.

transpassadas desde este lugar contraditório onde já não se enuncia como América Latina, mas de Nossa América escrita por quem lhe interessa e para quem lhe interessa.

Deste modo, acreditamos ser interessante pensar, apesar do sentido que propomos de Nossa América, em um discurso marcado dentro de um âmbito superestrutural, e em um discurso que acaba por forjar “identidades, estratégias de ascensão socio-econômico, conductas matrimoniales e imaginarios colectivos” (CUSICANQUI, Silvia, 2010, p. 116).

Portanto, em este aspecto, esse trabalho encontra-se dentro de um marco teórico-político que considera o complexo cenário social, político, histórico e econômico de Nossa América. Uma América que como poderemos observar nas próximas linhas tem muito a dizer sobre seus fundamentos e sua própria constituição.

A teórica feminista e ativista social norte-americana negra bell hooks (2017) nos alerta sobre a importância de observarmos como a ação “neocolonial patriarcal capitalista branca” já se articula no ocidente há algum tempo desafiando os feminismos a compreender as categorias de opressão não de forma limitadora ao gênero, até mesmo porque o gênero não é uma categoria autônoma, mas que se aciona através, a partir e por meio de outros marcadores como raça/etnia, classe, sexualidade, local, política, geração, e outras categorias.

Não há como deixar de percebermos movimentos neocoloniais patriarcais suprematistas brancos localizados com cenários como o da Colômbia⁴ como o processo de paz em jogo, pelo atual presidente de Iván Duque Marquez. Estas decisões têm resultados diretos nas violências de sexo⁵ dentro do conflito armado no país. Ou até mesmo deixar de

4 Ver: EL ESPECTADOR. **Objeciones del presidente Duque a la JEP: más políticas que de conveniencia.** In Justicia. Disponível em: <https://www.elespectador.com/colombia2020/justicia/jep/objeciones-del-presidente-duque-la-jep-mas-politicas-que-de-conveniencia-articulo-857740/> Acessado em 12 de mar. 2019.

5 Compreendo que é consenso na academia, sobretudo entre aqueles e aquelas que se dedicam aos estudos de gênero que a terminologia mais aceita é “violência de gênero”. Entretanto, considerando que vivemos onde existe um violento movimento contra nossos estudos que expõe os privilégios que o sistema patriarcal supremacista branco nos impõe como a ideia de “ideologia de gênero”, prefiro aqui retroceder, não na ideia, mas no termo, para deixar mais claro do que estamos falando para o maior número de pessoas.

considerar a história do presidente do Paraguai⁶, Mário Abdo Benítez. Membro de uma família que apoiou o ditador Alfredo Stroessner, responsável por perseguir homossexuais no país durante seu regime ditatorial. Ou de deixar de considerar os intensos debates sobre o aborto que levaram milhares de mulheres, aliados e opositores às ruas de Buenos Aires durante a presidência de Maurício Macri, da Argentina⁷. Ou de deixar de considerar sobre a eleição do atual presidente chileno Sebastián Piñeda do Partido Renovación Nacional – resultado da fusão de três grupos de direita organizados na década de 1990 – quando em 2018 promulga a Lei de Identidade de Gênero que permite a hormonização e cirurgias de mudança de gênero às pessoas transexuais no Chile.

No movimento de curva à ultradireita, o Brasil encabeça a controversa eleição do presidente Jair Bolsonaro em que desde sua campanha promete atacar o que chama de “ideologia de gênero” e acabar com o “comunismo no país”. Uma das suas tomadas de decisões mais polêmicas está na nomeação da evangélica e assessora do pastor Magno Malta, Damares Alves⁸ quando ela afirma que “menino veste azul e menina veste rosa”, para o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.

Em nossas américas do Norte e Central também podemos citar o movimento migratório, de 2018, que em sua maioria hondurenhas e hondurenhos marcharam até a fronteira México-EUA⁹ em busca de uma sonhada vida melhor. Atravessando toda Nossa América Central. O primeiro grupo que chega à fronteira são lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. Acreditamos ser interessante pensar que, diferente da ideia de que as

6 Ver: VALOR. **Mário Abdo Benítez é eleito novo presidente do Paraguai**. Valor, Internacional, 22 de mar. de 2018. Disponível em: <<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2018/04/22/mario-abdo-benitez-e-eleito-novo-presidente-do-paraguai.ghtml>> Acesso em 29 de mar. de 2019.

7 CENTENERA, M. **Buenos Aires, dividida entre ‘verde’ y ‘celestes’ por el aborto**. El País, 8 ago. 2018. Argentina. Disponível em <https://elpais.com/internacional/2018/08/08/argentina/1533718936_046269.html> Acesso em 9 de mar. 2019.

8 PAINS, Clarissa. **'Menino veste azul e menina veste rosa', diz Damares Alves em vídeo**. 3. jan. 2019. O Globo. Sociedade. Disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damares-alves-em-video-23343024>>. Acesso em 15 fev. 2019

9 Ver: G1. **Primeiros migrantes de caravana chegam à fronteira México-EUA**. G1 mundo, 14 de nov. de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/11/14/migrantes-centro-americanos-chegam-a-fronteira-mexico-eua.ghtml>> Acesso em 29 de mar. de 2019.

“revoluções” se dão a partir da camada da sociedade chamada de ‘classe média’, quando, no exemplo que citamos acima sobre a caminhada por entre a Nossa América Central rumo a fronteira com os Estados Unidos da América, são grupos vulnerabilizados socialmente e precarizados economicamente e em direitos que produzem sua própria revolução. Como provocação: ousaríamos colocar esses grupos apenas na categoria de “refugiados”?

A pergunta que inaugura este trabalho nos permite localizar as perspectivas do nosso marco-teórico-político em um lugar dentro das muitas possibilidades dos estudos sobre homens e masculinidades. Ou seja: por que estudar homens e masculinidades dentro das teorias feministas e de gênero?

Como já dito nesta introdução “a relação entre as teorias feministas e os estudos sobre homens e masculinidades tem uma longa história. Assim como a implicação dos homens nas lutas pela igualdade de gênero, mesmo tendo sido sempre uma causa menor para eles” (VIVEROS, V. Mara, 2018, p. 34)

Historicamente a mulher e o feminino estiveram, e ainda estão, no centro das pesquisas sobre as desigualdades entre os sexos e gêneros¹⁰, de modo geral, estão localizadas dentro das teorias feministas. Muitas mulheres questionam justamente a pretensão dos homens de ocupar este lugar acadêmico em assaltar e se apropriarem do caráter universal da humanidade e de constituir as mulheres como um sujeito a ser explicado, explorado, objetivado e dissecado pela ciência.

Não podemos nos deixar cair em algumas armadilhas e riscos que nos tocaram no decorrer deste trabalho e desde já vale a importância de citá-los. A primeira armadilha está em encarar as teorias feministas e de gênero como homogêneas em suas epistemologias, o que não são.

Existem diferentes modos de se pensar sexo, gênero, identidade, sexualidade dentro dessas próprias teorias. Há inclusive correntes feministas que não consideram

¹⁰ Mais uma vez, prefiro aqui separar ‘sexo’ e ‘gênero’ para deixar claro que de um lado falo sobre a corporalidade biológico e do outro o modo com que sujeitos habitam seus corpos. E essa relação, na minha ideia, é uma das principais chaves em que são excluídos ou incluídos nas relações sociais.

travestis e transgêneros como mulheres, muito menos como agentes políticos e sociais que possam colaborar para ações e práticas feministas. Essas mesmas correntes acreditam na impossibilidade de homens e masculinidades estarem dentro das contribuições dessas teorias, como aponta o antropólogo colombiano Franklin Gil Hernández (2018).

A comunicadora social argentina Susana Gamba (2008) ao demonstrar a história e correntes dos movimentos feministas colombianas revela como que organizadas sobre uma mesma agenda em que propunha questionar as desigualdades entre homens e mulheres havia, e ainda há, perspectivas diferentes para alcançar determinados objetivos.

Aqui trataremos de nos alinhar com feminismos latinos e negros que vão na contracorrente das ideias separatistas de algumas vertentes teóricas e de ação política que têm como centro o separatismo e o neoliberalismo. Acreditamos que “o separatismo não é uma estratégia analítica e política adequada para dar conta da complexidade do contexto social no qual opera a dominação masculina” (VIVEROS, V. Mara, 2018, p. 20), e também acreditamos na necessidade de considerarmos como em nossa atualidade estão articuladas as relações de poder movimentadas pelo neocolonialismo ocidental patriarcal capitalista supremacista branco (hooks, bell, 2017) e como estão justamente cooptando, de modo estratégico, as mais diversas pautas relacionadas não só sobre as desigualdades entre homens e mulheres, como também de modo geral contra as pautas relacionadas aos direitos fundamentais da pessoa humana.

Não se trata, neste sentido de dizer que só é possível desenvolver um avanço das pautas dos direitos humanos, das pautas feministas e de gênero a partir de um pensamento progressista e de esquerda. Entretanto, se trata de percebermos – como demonstrado nos casos do Paraguai, Argentina, Brasil, Colômbia, Honduras e México – localizar as estratégias deste neocolonialismo em suas muitas práticas culturais onde determinados homens e determinados masculinos são as principais ferramentas para a manutenção de poderes e privilégios a determinados grupos e ainda na manutenção das desigualdades entre homens e mulheres.

Em tempo, devemos entender que “la agenda de género ‘solita’ es poco ambiciosa y muy limitada. No podemos esperar cambios radicales en la distribución de las tareas

domésticas, por ejemplo, en medio del desempleo, del subempleo y de la precarización del trabajo” (HERNÁNDEZ, Franklin Gil, 2008, p.5). E na tentativa de compreender essa agenda, este trabalho é atravessado por uma condição global importante que colabora na compreensão de como o sistema patriarcal supremacista branca alarga o desemprego, o subemprego e a precarização do trabalho. Sendo mais direto, traremos aqui uma análise de como a pandemia do COVID-19 demonstra justamente como essas desigualdades entre sujeitos deixa determinados sujeitos protegidos de determinadas vulnerabilizações, enquanto outros grupos tornam-se a mira fatal de um vírus que se espalha principalmente a partir de uma classe média que tem acesso à mobilidade mundial, seja em um contexto de lazer, ou em um contexto econômico global.

Para isso, que ao lermos as vidas autobiografadas dos autores que trazemos poderemos encontrar tais elementos que tornam grupos mais precários do que outros, ultrapassando o argumento biologista em que pode defender que determinados corpbológicos são mais suscetíveis ao vírus do que outros, mas mostrar que comportamentos determinados colocam grupos em risco, e neste caso, como veremos neste trabalho, o sistema patriarcal coloca determinados homens, com determinada raça/etnia, classe, orientação sexual e identidade de gênero no centro da mira da pandemia.

Esse trabalho busca dialogar com o feminismo negro por entender a “pertinência e o privilégio epistêmico de um conhecimento situado, construído a partir da valorização política de uma posição marginal para compreender a dominação” (VIVEROS, V. Mara, 2018, p. 19) e também de percebermos que é a partir de muitas feministas negras, teóricas e de ação política, que

As teóricas do *Black Feminism* buscaram relacionar-se com os homens de suas comunidades como possíveis aliados e não como seus principais opositores e tentaram compreender, de forma simultânea, a particularidade do sexíssimo vivido pelas mulheres negras e as vicissitudes experimentadas pelos homens negros. Como apontaram Aimé Césaire (1995) e Frantz Fanon (1952), os sistemas de escravidão, colonialismo e imperialismo não somente recusaram sistematicamente para eles uma posição dominante nas hierarquias de gênero, mas também impuseram formas específicas de terror com o fim de oprimi-los (VIVEROS, V. Mara, 2018, pp. 20-21).

Mara Viveros Vigoya (2018) ainda nos traz, dentro de muitos riscos, três que ela

destaca como importantes ao nos propormos a trabalhar sobre homens e masculinidades.

O primeiro risco é a ilusão de simetria [...] em que não se trata de considerar os homens como parte de um binômio simétrico, mas historicizar e contextualizar estas relações desiguais para as compreende a partir de uma perspectiva crítica [...]. O segundo risco remete aos sofrimentos e aos custos que representam para os homens responder ou não às rígidas expectativas sociais e culturais em relação à masculinidade que determinam seu valor social. [...] A maioria dos trabalhos que descrevem normas que oprimem os homens adotam uma perspectiva muito subjetiva, sem identificar com clareza a origem social do mal-estar indenitário que alguns homens não conformes às normas podem experimentar. [...] O terceiro risco é o de afirmar que o sexíssimo é fruto da ignorância e que os homens, portanto, aprendem a não ser sexistas: assim, se eliminaria a violência contra as mulheres através da educação, de oficinas de sensibilização, dos grupos de apoio etc. Isso equivale a ignorar a profunda cumplicidade que os homens compartilham no modelo hegemônico de masculinidade e o interesse que eles podem encontrar em apoiá-lo, mesmo quando seus comportamentos individuais se distanciam parcialmente dele. (VIVEROS, V. Mara, 2018, pp.15-17). [omissões minhas]

Este trabalho também tratará de situar o investigador em sua investigação. Isso significa a inclusão da posição deste autor dentro do objeto de análise. Em determinados momentos poderão encontrar o movimento de escrita em que me posicionarei como ‘nós’, ‘nosso’, ‘meu’ e ‘eu’, onde terá como exercício primeiro não só situar quem lê sobre quem escreve, mas também de expor como a própria história do investigador está interpolada por estas teorias feministas e de gênero, além do próprio exercício de se perceber enquanto homem, masculino, homossexual, de uma determinada classe social, geopolítica e de capital cultural e social.

Existe en la vida de los hombres una extraña combinación de poder y privilegios, dolor y carencia de poder. Por el hecho de ser hombres gozan de poder social y de muchos privilegios, pero la manera como hemos armado ese mundo de poder causa dolor, aislamiento y alienación tanto de las mujeres como a los hombres. Esto no significa equiparar el dolor de los hombres con las formas sistemáticas de opresión sobre las mujeres, solamente quiere decir que el poder de los hombres en el mundo – cuando estamos descansando en la casa o caminando por las calles, dedicado al trabajo o marchando a través de la historia – tiene su costo para nosotros. Esta combinación de poder y dolor es la historia secreta de la vida de los hombres, la experiencia contradictoria del poder entre ellos. (KAUFMAN, Michel, 1994, p. 33)

No capítulo um, **Paisagens exteriores do texto**, nossa proposta é de poder

perceber como as narrativas autobiográficas podem colaborar não apenas na compreensão e formação teórica dos estudos sobre homens e masculinidades, mas também na sociedade em sua contemporaneidade como é afetada por essas construções patriarcais e estratificadas, onde excluem e violentam sujeitos e corpos, como citamos acima o processo pandêmico que vivemos. Este trabalho, assim como vidas, foram atravessados por esta tragédia humanitária.

No capítulo dois, **Explorando a paisagem interior das percepções de masculinidades e a construção dos sujeitos homens**, nos aprofundamos nas leituras das autobiografias que nos propusemos a analisar a partir de uma metodologia bibliográfica que são as autobiografias *Eu*, de Ricky Martin (2010); *Viagem Solitária: memórias de um transexual trinta anos depois*, de João W. Nery (2011); e *Na Minha Pele*, de Lázaro Ramos (2018).

Por fim, no capítulo três, **Falar de si como potência para falar de nós**, refletimos sobre a hipótese que este trabalho tem como eixo central de que como podemos, enquanto homens e mulheres, trabalhar para outras possíveis sociedades em que gênero, raça e classe não sejam em si hierarquias de poder nas relações humanas. E refletimos sobre o papel destes masculinos e homens contemporâneos dentro das teorias feministas.

CAPÍTULO I – PAISAGENS EXTERIORES DOS TEXTOS

Tornar-se homem tem cada vez menos se confundido com adotar uma identidade uniforme, que remete a um conjunto igualmente uniforme de representações. A abertura à pluralidade e à invenção de si têm sido projetos que paulatinamente têm se tornados mais possíveis ao sujeito de sexo masculino. Nesse sentido, podemos pensar que, em vez de instaurar uma crise no universo da masculinidade, o momento atual pode ser especialmente profícuo por abrir novas possibilidades de se reinventar o dito "sexo forte". O movimento de questionamento dos estereótipos da virilidade clássica pode ser, então, particularmente válido por abrir aos homens novos meios para a constituição de uma existência singular e para a emergência de uma subjetividade mais criativa. O abandono do esforço diário para se auto afirmar como viril, que tão marcadamente caracterizou o cotidiano dos sujeitos de sexo masculino, pode favorecer o deslocamento dessa energia para o campo da afetividade e possibilitar a maior exploração de funções antes menos valorizadas pelos homens, como a paternidade. Desse modo, o momento contemporâneo pode ser benéfico para os homens por permitir-lhe uma reinvenção mais livre dos estereótipos de gênero aprisionadores por tanto tempo propagados pelas sociedades ocidentais. (SOUSA; GARCIA, 2010, p. 98).

Este trabalho não tem o objetivo naturalizar ou até mesmo universalizar as mais diversas masculinidades a partir do que foi apresentado nas narrativas autobiográficas. Nosso objetivo é poder localizar determinadas percepções de masculinidades não-hegemônicas, ampliar o debate em torno dos estudos sobre homens e masculinos desde Nossa América e tentar colaborar ainda mais aos Estudos Feministas e de gênero que têm como eixo central propor uma reflexão sobre o que significa ser homem e masculino em nossa contemporaneidade.

Não tenho dúvidas que haverá uma estranheza em trazer narrativas autobiográficas não como objeto de estudo, mas como ferramenta prática para percebermos possibilidades de mudanças substanciais no modo com que habitamos nossos corpos, nossa sociedade e nossa cultura. Sobretudo quando trazemos dados relacionados a uma pandemia global que passamos.

Será que há como ler uma obra; ou melhor, interpretá-la; fechada em si mesmo? O que é um livro? Um livro autobiográfico? Quem escreve? Para quem? De que modo? Quem o coloca nas prateleiras da livraria? Quem o compra e torna-se consumidor leitor? De que se trata o livro?

Não trataremos de responder estas perguntas dentro do campo dos Estudos da Linguagem, não é nosso propósito como já sabido. Mas, uma possível resposta a primeira pergunta que abre este capítulo é de que não há como ler uma obra, sobretudo a autobiográfica fechada em si própria, sem considerar seus exteriores. E é neste sentido que podemos encontrar referências de como ocorrem diferentes modos de sujeição e como elas colaboram para criarmos relações sociais e culturais.

E se tratando de homens e masculinidades, o mundo fora dessas páginas é um universo a ser explorado em muitos trabalhos de conclusão de curso, dissertações e doutorados

Acredito que quem lê esse trabalho já está situado de que estávamos falando de três personagens (ou seria autores?) com singularidades significativas, em que o frágil fio condutor que os conecta está ligado em serem homens e masculinos.

Sendo assim, há de declarar a limitação que temos neste trabalho o aprofundamento em cada uma dessas formas de habitar este mundo Lázaro Ramos, Ricky Martin e João W. Nery. Cada um deles, em sua singular narrativa já é o suficiente para uma tese de doutorado, quiçá décadas de estudos, como já acontece quando falamos sobre negritude, transsexualidade e homossexualidade. Então, qual o objetivo desse capítulo? Talvez aqui esteja uma das mais importantes perguntas.

Vamos explorar um pouco mais o cenário em que estão inseridos estes homens, tantos outros, inclusive eu, nesse lugar chamado Nossa América. Entretanto ainda é necessário enquadrar ainda mais este trabalho. Como percebemos, cada um desses personagens apresenta em suas obras relações profundas de vulnerabilizações e precarizações de direito, de afeto e até mesmo de sua própria construção. Não podemos esquecer também que esses sujeitos, embora singulares, são personagens que existem na vida real e fazem parte de uma imensa comunidade, que inclusive se cruzam. Podemos dizer de transexuais homens homossexuais negros, de negros gays, de transexuais homens heterossexuais, de homens bissexuais, de pessoas intersexo, essas vidas são atravessadas pela cotidianidade humana. E nessa cotidianidade, o mundo foi afetado por um vírus global que está longe de ser um vírus “democrático”. Os Estados e seus governos,

seus líderes, a classe média branca, as empresas globais têm sua parcela de responsabilidade em proteger o que hoje chamamos de humanidade, sem escolher quem fica para trás.

Como nossa proposta é tirar o gênero autobiografia como um objeto de estudo para ser uma ferramenta útil na compreensão social e política de como são sujeitados os homens e operadas as masculinidades, a pandemia do COVID-19 tornou-se neste trabalho um cenário interessante para demonstrar em fatos como o patriarcado sustentado por uma supremacia-branca colabora para colocar os próprios homens, sobretudo negros, LGBTI+ e pobres na ponta dos mais afetados.

De acordo com uma recente pesquisa publicada pelo Jornal da USP (2020)²⁷ a “população negra é a mais desprotegida, mas surge também uma nova faixa vulnerável formada por homens e mulheres brancas em serviços não essenciais”. Entre os serviços essenciais pouco e muito afetados são os homens negros mais atingidos, enquanto os serviços não essenciais são as mulheres brancas em segundo lugar e as mulheres negras em primeiro lugar como grupos mais atingidos, no que diz respeito ao tema do trabalho.

Essa convergência entre raça/etnia e gênero fica mais claro a partir da exposição da professora antropóloga Angela Maria de Souza:

A notícia da primeira morte causada pelo Covid-19 no Rio de Janeiro, ocorria dia 17 de março, é de uma mulher (provavelmente não branca) empregada doméstica, de 62 anos, moradora distante mais de 100km da casa onde trabalhava, no bairro do Leblon – Rio de Janeiro. Uma mulher que continuou (ou teve que continuar) trabalhando mesmo depois que seus patrões (muito provavelmente brancos) tiveram que ficar em isolamento por suspeita de Covid-19, ao retornarem de uma viagem da Europa. Suspeita que foi confirmada com o resultado dos exames. Esta mulher, empregada doméstica, procurou o serviço médico mas não resistiu e veio a óbito. Quero ressaltar neste caso, que esta mulher, representa muitas das mulheres que são empregadas domésticas neste país, mulheres negras moradoras das periferias. Mulher esta que poderia ser minha tia, minha irmã, minha prima, já que em minha família muitas mulheres atuam ou atuaram em trabalhos domésticos, servindo e cuidando. Trabalho este que traz em si fortes heranças escravocratas e que marca os corpos de quem nele trabalha,

²⁷ Ver: JORNAL DA USP. **Crise causada pela pandemia faz surgir novos grupos vulneráveis no mercado de trabalho.** Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/crise-causada-pela-pandemia-faz-surgir-novos-grupos-vulneraveis-no-mercado-de-trabalho/>> acessado em 17 de ago. de 2020.

inclusive na relação direta que estes corpos vão ter com a contaminação gerada pelo Covid-19. (SOUZA, Angela, 2020)²⁸

Esse impacto direto da pandemia sobre os corpos negros, carregado por fortes heranças escravocratas citados acima, também assume suas outras facetas quando adentramos na comunidade LGBTI+.

Em uma pesquisa publicada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Unicamp, pelo portal G1²⁹, aponta que pessoas LGBTI+ estão mais expostos ao desemprego e à depressão por causa da pandemia.

Dos dez mil brasileiros entrevistados pelo coletivo “#VoteLGBT” e por pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais e Unicamp, 44% das lésbicas; 34% dos gays; 47% das pessoas bissexuais e pansexuais; e 42% das transexuais temem sofrer algum problema de saúde mental durante a pandemia do novo coronavírus. (2020)

O convívio familiar também aparece nesta pesquisa, indicando que 10% dos entrevistados enfrentam algum problema em casa. Além disso, em outro estudo também apontado pela reportagem 28% dos entrevistados já receberam diagnóstico prévio de depressão.

Tendo em vista este contexto, torna-se necessário pensarmos a pandemia a partir dos corpos que ela atravessa de forma mais contundente. Além do risco da doença, estes corpos são perpassados pelas múltiplas formas de discriminação e desigualdade que só agravam a situação. A pandemia, vai muito além de uma doença, ela explicita problemas sociais dos mais graves.

O que me interessa nesse tópico é trazermos uma provocação, e espero que seja

²⁸ Ver: OUTRA COLUNA. SOLIDARIEDADE ANTIRRACISTA COMO URGÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA. (**Questionar a branquitude neste contexto de pandemia é determinante**). Disponível em: <<https://outracoluna.wordpress.com/2020/06/11/angela-souza-questionar-a-branquitude-neste-contexto-de-pandemia-e-determinante/>> Acessado em 17 de ago. 2020

²⁹ Ver: G1. **Pesquisa da UFMG e Unicamp aponta que população LGBT está mais vulnerável ao desemprego e à depressão por causa da pandemia**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/05/17/pesquisa-da-ufmg-e-unicamp-aponta-que-populacao-lgbt-esta-mais-vulneravel-ao-desemprego-e-a-depressao-por-causa-da-pandemia.ghtml>> Acessado em 17 de ago. de 2020.

recebido de bom grado por quem lê. O objetivo não é de tornar homens vítimas de suas próprias masculinidades e condutas, mas de exercermos uma exploração mais profunda de seus contextos em um recorte maior sobre seu lugar na história, como aponta Mara Viveiros:

No que hoje chamamos de América Latina, muitos homens dos grupos subalternizados, em razão de sua classe, de sua raça, etnicidade ou de suas preferências sexuais, têm submetidos à supremacia dos homens brancos, ricos e heterossexuais. Ao mesmo tempo, muitos desses homens dominados têm agido como se acreditassem que fortalecer sua masculinidade e sua autoridade sobre as mulheres fosse uma parte essencial de emancipação [...]. A violência estrutural e simbólica de raça e classe das quais eles têm sido vítimas tem se prolongado na violência político-militar e, da mesma maneira, tem sido transferida para novas formas de violências interpessoais dentro das mesmas comunidades. O período pós-colonial conheceu muitas reivindicações por cidadania por parte de homens racializados em termos de sua inclusão na nação e no acesso à certos privilégios econômicos que, um e outro, coloniais da honra nacional [...] e das preocupações com a segurança das mulheres. Suas demandas estavam fundadas precisamente na adesão aos valores da honra nacional e da proteção das mulheres; eles buscavam ser reconhecidos enquanto homens e estabelecer alianças e uma fraternidade patriarcal com os homens da elite [...]. (VIVEROS, V. Mara, 2018, p. 161, omissões minhas)

Ou seja, não estamos tratando aqui de saber quem é mais ou menos vítima, quem sofre mais ou menos, mas de expor em fatos que existe um sistema estruturado que se sistematiza em bases raciais, de gênero, de classe, de geração e outras categorias para ora subalternizar sujeitos, ora privilegiá-los criando uma ilusão de que Estado faz o possível e que existe uma relação de “paz” entre os diferentes grupos, o que não é, aparentemente, um fato.

Após meses de pandemia, alguns dados interessantes com recorte de gênero, raça e classe começaram a ser divulgados. E nesse momento percebi que os recortes de raça/etnia, orientação afetivo-sexual e de gênero estavam atravessando os grupos mais atingidos pelo vírus.

Conforme a pandemia foi se desenvolvendo de modo global diversas estruturas do sistema patriarcal-capitalista foram sendo pressionadas a se adaptar. O mundo do trabalho precisou, radicalmente, se transformar fechando escritórios e colocando trabalhadores (aqueles que não foram demitidos) trabalhando em suas casas. Aqueles que

tiveram a oportunidade de trabalhar remotamente de suas residências precisaram adaptar-se a uma outra rotina, onde filhos e esposa não eram vistos apenas pela manhã e pela noite após a jornada de trabalho. Ser pai, tornou-se parte do trabalho também.

O mercado financeiro recuou em todo o planeta fechando a torneira que os bancos de capital de risco faziam nas chamadas startups de homens bancos que não se importavam com a lucratividade em curto prazo, mas com crescimento rápido, empregando centenas de trabalhadores que se viram desempregados, depois de promessas de um 'novo' modo de ver a relação empresa-patrão-trabalhado.

Na vida doméstica, homens começaram a perceber que existe 'trabalho doméstico' e como seus filhos crescem e são educados pela escola e pelas esposas. A lógica cômoda em que todos estavam se desmorona por um vírus global colocando em xeque a promessa de produção infinita que o capitalismo governado por homens brancos dava ao mundo até aquele momento. Sustentar o Estado economicamente tornou-se a prioridade de muitos governos, resultando em revolta por parte da população que desejava que a Saúde estivesse em primeiro lugar.

A ferida ficou aberta, exposta e sangra até o momento da escrita desse trabalho. Pois, nesse tempo que passa foi-se percebendo a ineficácia do Estado, a crueldade do trabalho em que os mais pobres e menos qualificados pela educação formal perderam suas rendas, criaram extensas filas nas portas dos bancos estatais em busca de alguma ajuda do estado, as novas tecnologias não deram, e não estão dando conta na diminuição do impacto do vírus. Esse sistema ainda se sustentará após termos uma vacina para esta doença?

1.1 EM BUSCA DE UM POSSÍVEL MÍNIMO DENOMINADOR COMUM

É possível existir um mínimo denominador comum passível de análise, e que resulte em uma dissertação de mestrado das narrativas de si que apresentamos até aqui? O que há de denominador e comum entre Ricky Martin, João W. Nery e Lázaro Ramos? Desafiei minha leitura, até o momento, sobre as obras, em extrair os significados e como se constituem as masculinidades nas escritas autobiográficas desses três sujeitos que se afirmam enquanto homens, entretanto, até que ponto é possível uma costura entre eles?

Se minhas perguntas que inauguram esse capítulo ainda não iluminaram os meus passos, então, tento ser mais específico nas indagações.

Falar sobre ‘masculinidades’ e ‘homens’ me ocorreria em muitas possíveis armadilhas. Meu primeiro argumento que justificava essa dissertação, ainda em fase de escrita do projeto de pesquisa, estava justamente em colocar as masculinidades como linha que liga essas três narrativas: três homens que escrevem sobre si.

Porém percebi que, ao ler mais profundamente as obras, eu estava estudando mais do que simplesmente sobre homens e masculinidades. Estava dialogando com outras categorias que expõem a sociedade violenta que vivemos, tanto para os homens quanto para as mulheres. Sobretudo homens e mulheres que não fazem parte da hegemonia política, social, cultural e econômica de Nossa América.

A interseccionalidade situada entre raça/etnia, gênero, sexualidade como ferramenta de leitura dessas obras nos proporcionou observar dores, terrores, exclusões e a solidão que determinados homens sofrem, não por serem homem, mas por estarem carregados em categorias outras não hegemônicas na sociedade.

Antes de dar continuidade ao trabalho, desejo trazer mais um elemento autobiográfico, como já fiz no início dessa dissertação.

Após terminar minha qualificação, assim que retornei de uma temporada na Universidad Nacional da Colômbia, minha orientadora e eu fomos tomar um café e conversamos sobre como fomos durante a avaliação da banca. Ao final fiz um uma promessa — não se preocupe, nos próximos seis meses vou me dedicar integralmente à escrita.

Estava tudo certo, até então. Eu tomaria o voo de volta para a casa dos meus pais e seguiria o cronograma combinado naquela cafeteria no subúrbio de Foz do Iguaçu. Mas não foi bem assim.

Tenho quase trinta anos de idade, e durante o processo de pesquisa na Universidade Federal da Integração Latino-americana tive que enfrentar um diagnóstico de Transtorno de Ansiedade Generalizada entre constantes ataques de ansiedade, dois

ataques de pânico, uma avó diagnosticada com Alzheimer, uma mãe desempregada e um pai com um salário mínimo e pouco para sustentar a família. Tudo isso em uma casa inserida em um bairro periférico da cidade de São Paulo, o que inclui uma igreja evangélica que divide parede com a minha casa, dois bares, e uma boca de fumo. E eu, um homem de quase trinta anos de idade. Para ajudar, meu psiquiatra faleceu, e eu já não tinha condições de pagar consultas, já que o sistema público de saúde brasileiro não leva muito a sério a saúde mental da população pobre.

Dois meses depois, o mundo enfrentava uma das maiores pandemias do mundo contemporâneo, com milhões infectados, centenas de milhares de mortos. E eu perdi uma dúzia de amigos. Como trabalhar nessas condições? Como extrair dessa experiência biográfica o lugar dos homens e dos masculinos que pretendi estudar?

Quero lembrar, que estamos falando de autobiográficas de três autores bastantes distintos entre si. E desde o início deste trabalho relatos pessoais sobre este homem e masculino que me habitam foram trazidas para essas páginas.

Minha estratégia para manter o mínimo de saúde mental foi me desligar completamente. Sobreviver com os medicamentos que me restavam, colaborar em casa financeiramente com o que eu podia.

Até que no final do ano de 2019 tive uma forte infecção e precisei ficar internado por alguns dias. Como não tenho plano de saúde, o que me restou foi parar em uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA)³⁰ perto da minha casa.

Assim que cheguei logo fui elogiado pela médica de plantão, que parecia não estar interessada em meu nome, mas sim de me apelidar de “o menino dos cachinhos”. Como já disse, sou um rapaz já com seus 29 anos na costa, alguns títulos acadêmicos e uma carreira profissional ‘capenga’, mas de se dar orgulho para os pais. Entretanto, o que me tocou mesmo foi ser “o menino dos cachinhos”.

Quando ela me nomeou desse modo, para mim, para as enfermeiras de plantão

³⁰ Irei preservar nomes e endereços em respeito aos profissionais e pacientes que me acompanharam naqueles momentos e não sabia de minha pesquisa.

e todo o resto da equipe presente, parecia, em seu tom de voz uma estratégia simpática de aproximar médico do paciente. Mas não foi bem assim. O “menino de cachinhos” dito pela médica branca me remeteu diretamente àquela situação racista que passei em meus primeiros dias de mudança para a cidade de Foz do Iguaçu, no Paraná.

A ala de internação lotada, a sala de espera igualmente lotada. E ela nitidamente sobrecarregada tentando identificar o que cada paciente que passava por sua sala tinha. Receitar, pedir exames, verificar resultados, retornar para a ala de internação lotada. E quando falo lotada preciso descrever quem estava nessa sala com cerca de seis leitos. Eu – o “menino de cachinhos” –, um senhor branco, uma senhora branca e mais três idosos negros moradores de rua com alguma enfermidade que não consegui entender. As enfermeiras, brancas, faziam questão de dizer que eles estavam ali mais pela cama e pela comida.

A primeira missão da médica, naquele plantão, foi de “despachar” aqueles indivíduos, que não deveriam estar ali. Me lembro nitidamente: “tenho uma recepção cheia de gente precisando de leito”. Em ordem de tom de cor de pele, depois dos “moradores de rua” eu era ‘não branco’, e depois os idosos brancos. Eram eles, os negros, que não precisavam estar ali para “liberar espaço”. Existe um relato, da professora antropológica negra Angela Maria de Souza que explica bem esse fato ocorrido comigo pouco antes da pandemia:

Sempre que leio o ouço que médicos terão ou já optam por quem vai viver ou morrer em decorrência da falta de equipamentos nesta pandemia, penso que a grande maioria destes médicos(as) são brancos(as). Quem eles escolheriam entre um(a) paciente branco e outro negro ou indígena com as mesmas condições de viver ou morrer? Infelizmente não precisamos nem responder esta questão porque a sociedade já faz suas escolhas num país que mata seus jovens negros de forma alarmante ou que vê os casos de Femicídio aumentando durante o isolamento social, que tem comunidades quilombolas e indígenas sendo atacadas que forma vergonhosa e que tem um governo que diz: “E, daí?” E daí, que se assiste a um massacre que aumenta ainda mais os impactos da pandemia num governo que reforça uma estrutura racial excludente e perversa. O racismo é aqui atualizado de forma eficiente e silenciosa. As estruturas de poder que definem o termo racismo (Munanga, 2003) emergem e deixam suas marcas de perversidade. (Souza, Angela M, 2020)

Meus “cachinhos”, minha pele menos negra – ou menos branca –, uma certa polidez acadêmica, acompanhada de um livro sobre o Pensamento Feminista Conceitos

Fundamentais, organizado por Heloisa Buarque de Hollanda (2019), talvez tenham colaborado para eu receber a atenção básica de saúde, medicamentos a na hora correta e então a alta? E neste contexto de pandemia, qual seria meu lugar na fila para conseguir oxigênio? Assim como Lázaro Ramos, Ricky Martin e João W. Nery considerando suas identidades, sexualidade e cor.

1.2 SÃO ELES QUEM MAIS MORREM

É preciso deixar explícito que este trabalho não tem como objetivo, e nunca teve, tratar sobre a saúde do homem. Entretanto, a pandemia nos oportunizou a observar o quanto comportamentos masculinos atingem diretamente suas vidas. E quando falamos sobre comportamentos masculinos, também estamos falando de ações de sociabilização e cuidado de si dado socialmente aos homens, mas mulheres também podem tomar para si como por exemplo: abuso de drogas, violência institucionalizada em contextos macrossociais e/ou macrossociais.

O uso persistente da categoria “homem” faz sentido se considerarmos que ela não pode ser reificada e se compreendermos que a masculinidade não é uma posição fixa nas relações de gênero e que pode ser destacada dos corpos dos homens. Em geral, os estudos das masculinidades se concentram sobre os sujeitos do sexo masculino, o que tem como efeito performativo no mundo acadêmico a circunscrição da masculinidade aos corpos e aos sexos “apropriados” para representá-la. [...] Falar de “homens” faz sentido se isso permite evidenciar as continuidades entre certas práticas educativas e normas de socialização transmitidas aos homens, e o uso de armas, o exercício da violência, o desempenho masculino agressivo e frequentemente misógino. A compreensão do gênero como uma estrutura que afeta a experiência corporal, a personalidade e a cultura explica hoje que possamos vincular masculinidades e violência. Em contrapartida precisamos compreender o gênero – e o gênero, a masculinidade – como um produto histórico e uma prática produtora de história. ” (VIVEROS, V. Mara, 2018, p. 161) [omissões minhas]

A partir dessa reflexão da pesquisadora Mara Viveros Vigoya, vejamos o que a Organização Mundial da Saúde, em colaboração com a Organização Pan-americana de Saúde diz em seu relatório sobre *“Masculinidades y Salud em la Región de las Américas”*, publicada em 2019:

Puede hablarse también de las vulnerabilidades los hombres, que se origina e espacios y contextos precarios y que frecuentemente se refleja en una presencia minoritaria o de menor poder ligada a la etnia, la pobreza, la dispersión geográfica o la ruralidad o a formar parte de na minoría sexual. [...] No obstante, los hombres que viven en estas condiciones no están

exentos de ejercer los privilegios del modelo cultural de la masculinidad hegemónica. Por tanto, a la vez que resultan vulnerados por la discriminación o la violencia, también pueden asumir prácticas de riesgo para sí mismos o para otras personas. (OMS, 2019, p.4).³¹

No mesmo estudo³², a OMS em conjunto com a OPS nos apresenta algumas vulnerabilidades causadas e vividas por sujeitos masculinos. As trazemos para este estudo para que possamos mostrar como os marcadores “homem” e “masculinos” e comportamentos sociais os fazem aparecer como os mais afetados na mortalidade pelo COVID-19:

1. Ser pobre: incrementa a vulnerabilidade laboral e social.
2. Ser migrante: precariedade laboral, de saúde, de vivência e exposição às drogas ilícitas e doenças sexualmente transmissíveis.
3. Ser jovem: exposição a violência interpessoal e suicídio.
4. Ser indígena e afrodescendente.
5. Ter doenças ocultas: escasso autocuidado ao buscar ajudar e serviços de saúde inadequados.
6. Comportamento de risco: tendo maior probabilidade de morte prematura.
7. Não ser heterossexual: exclusão social, ansiedade, estigma social.
8. Estar desempregado: desgaste emocional, ansiedade, vergonha social, desvinculação social.

Retornando rapidamente aos nossos sujeitos autobiografados, percebemos que suas condições específicas e compartilhadas os tornam não apenas “homens” ou “masculinos” dotados única e exclusivamente de determinados privilégios. Mas, ao falar de si, nossa proposta de leitura, nos permite perceber que tais narrativas expõem o quanto o sistema masculinista, ou seja, a própria masculinidade coloca sujeitos homens em posições vulneráveis.

E quando falamos desses outros homens não hegemônicos, estamos falando

³¹ Ver Iris: “**Masculinidades y salud em la Región de las Américas**. Disponível em: <<https://iris.paho.org/handle/10665.2/51667#:~:text=El%20informe%20Masculinidades%20y%20salud,la%20construcci%C3%B3n%20de%20la%20masculinidad>> Acessado em 15 de junho de 2020.

³² As sete vulnerabilidades apresentadas estão em forma de infográfico no estudo citado neste trabalho. Preferi os traduzir e colocar em lista para melhor compreensão.

daqueles que estão na linha de frente para sustentar uma economia que patina frente à pandemia, bem como governo que não consegue lidar com a morte. São trabalhadores não registrados de aplicativos de entrega, de motoristas de ambulância, de guaris que coletam nosso lixo contaminado, dos desempregados, dos presos que estão sem assistência à saúde, e que inegavelmente, sua maioria é negra, periférica, que não teve acesso adequada à saúde, à educação, à alimentação adequada, à moradia digna. A assim mesmo sustenta esse sistema.

As identidades masculinas da Nossa América são fortemente articuladas ao contexto social em que se constroem, aos novos cenários econômicos, políticos e culturais que a globalização faz emergir ou desaparecer, e às mudanças trazidas pelo reconhecimento das multiculturalidade das sociedades latino-americanas. Além disso, a violência que marcou a história dos países da região desde suas origens afetou diretamente suas dinâmicas sociais, familiares e individuais, produzindo mortes, doenças físicas e mentais, situações de deficiência, deslocamentos geográficos, reagrupamentos territoriais e atos criminosos. (VIVEROS, V. Mara, 2018, p. 182)

Há uma importante informação a ser feita sobre a descrição das vulnerabilidades que homens sofrem por suas masculinidades. No item 4. Ser indígena e afrodescendente não há uma explicação sobre. Isso vem de uma longa trajetória de embranquecimento de nossas próprias vulnerabilidades, inclusive dentro das organizações mundiais de proteção e promoção dos direitos humanos. Sueli Carneiro nos alerta que:

A origem branca e ocidental do feminismo estabeleceu sua hegemonia na equação das diferenças de gênero e tem determinado que as mulheres não brancas e pobres, de todas as partes do mundo, lutem para integrar em seu ideário as especificidades raciais, étnicas, culturais, religiosas e de classe social. Até onde as mulheres brancas avançaram nessas questões? As alternativas de esquerda, de direita e de centro se constroem a partir desses paradigmas instituídos pelo feminismo que, seguindo Lélia Gonzalez, apresentam dois tipos de dificuldades para as mulheres negras: por um lado, a inclinação eurocentrista do feminismo brasileiro constitui um eixo articulador a mais da democracia raciais e do ideal de branqueamento, ao omitir o caráter central da questão da raça nas hierarquias de gênero e ao universalizar os valores de uma cultura particular (a ocidental) para o conjunto das mulheres, sem mediá-las na base da interação entre brancos e não brancos; por outro lado, revela um distanciamento da realidade vivida pela mulher negra ao negar “toda uma história feita de resistência e de lutas, em que essa mulher tem sido protagonista graças à dinâmica de uma memória cultural ancestral (que nada tem a ver com o eurocentrismo desse tipo de feminismo. Nesse contexto, quais seriam os novos conteúdos que as mulheres negras poderiam aportar à cena política para além do “toque de cor” nas propostas de gênero?” A feminista negra norte-americana Patrícia Hill Collins argumenta que o pensamento feminista negro seria: [...] um conjunto de experiências e ideias compartilhadas por mulheres afro-americanas, que oferece um ângulo particular de visão de si, da comunidade

e da sociedade [...], que envolve interpretações teóricas da realidade das mulheres negras por aquelas que a vivem [...]. (Carneiro, Sueli, 2019, pp. 318-319)

Acredito que a mesma hegemonia estabelecida pelo feminismo branco ocidental sobre as diferenças de gênero, também acontece quando nós nos propomos a pensar masculinidades e homens – suas vulnerabilidades e privilégios – nos mais diferentes contextos.

De acordo com reportagem publicada pelo Instituto Dor Pesquisa e Ensino, por meio de relatórios oficiais da China, Itália, Espanha e Brasil, mesmo com a população majoritariamente de mulheres, estes países possuem 60% das mortes atrelados aos homens.

Cientistas sociais também lançam luz em fatores culturais que aumentam a susceptibilidade de homens a alguns riscos de saúde. Em 2016, uma pesquisa do Ministério da Saúde revelou que 1/3 dos entrevistados homens não ia ao médico para exames de rotina; enquanto a Organização Mundial da Saúde (OMS) ressaltou que o descuido com a saúde masculina é também um problema predominantemente cultural e sexista na América Latina. (IDOR, 2020)

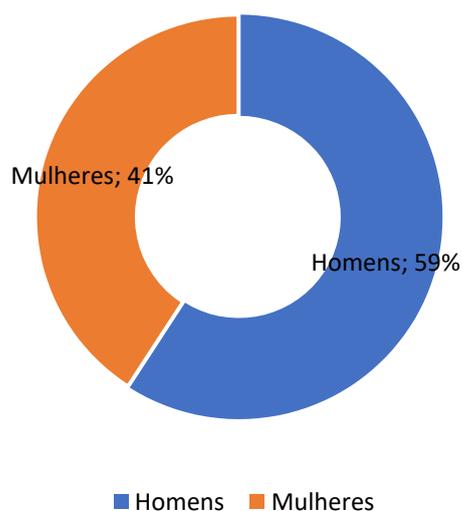
Ainda em 2016, o Ministério da Saúde do Brasil já alertava em campanhas específicas para a importância de os homens mudarem seus comportamentos, não só em relação à saúde, mas no seu modo de se socializar com o mundo, entretanto sem esquecer de que ele é quem deve cuidar da família.

É preciso desconstruir essa ideia de que o homem é um super-herói e que não precisa ir preventivamente aos serviços de saúde. Essa ideia errônea leva os homens muitas vezes a descobrir as doenças quando já estão em estágio avançado, o que prejudica a cura”, explica o secretário de Atenção à Saúde, do Ministério da Saúde, Francisco de Assis Figueiredo. De acordo com o secretário, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem, do Sistema Único de Saúde (SUS), promove ações específicas voltadas ao homem e as pessoas que ele quer bem. “O homem precisa se cuidar para estar bem ao lado da sua família”, disse o secretário. (Ministério da Saúde, 2016)

O ato de negar cuidar de si aparece em várias circunstâncias em nossos autores autobiográficos como exposto no primeiro capítulo, mas em circunstâncias distintas. Negar a homossexualidade para garantir aceitação e garantir privilégios. Negar até mesmo qualquer tipo de feminilidade para garantir o maior status possível de sua masculinidade

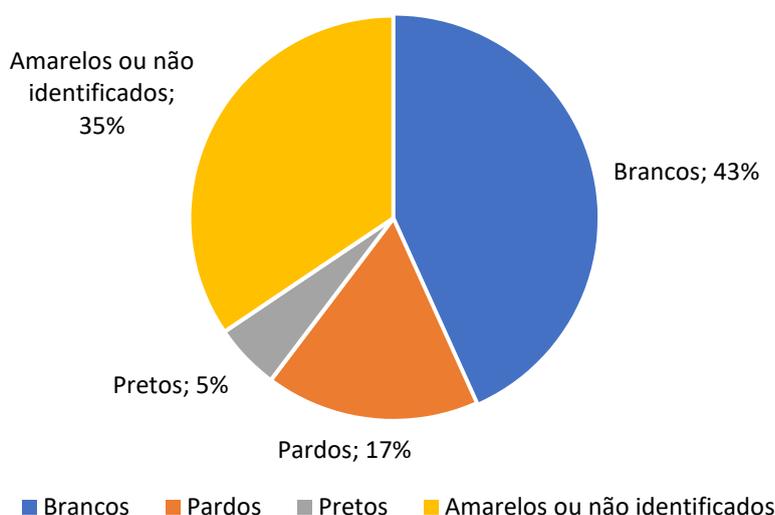
que não pode ser posta em jogo pelo corpo-genital. Mas, continuaremos traçando nosso cenário de pandemia e os impactos que ela tem sobre os homens e as masculinidades que operam:

Mortes por COVID em SP por Gênero em maio/2020



Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO: **Homens e idosos são quem mais morre de Covid-19 no estado de SP.** Disponível: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/05/homens-e-idosos-sao-quemmais-morre-de-covid-19-no-estado-de-sp.shtml>> Acessado em 16 de ago. de 2018.

Nº de mortes pelo COVID baseadas em raça/cor em maio/2020



Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO: **Homens e idosos são quem mais morre de Covid-19 no estado de SP.** Disponível: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/05/homens-e-idosos-sao-quemmais-morre-de-covid-19-no->

[estado-de-sp.shtml](#)> Acessado em 16 de ago. de 2018.

Uma possível interpretação que podemos fazer sobre como esse vírus se espalha pelo mundo é de que ela está intimamente ligada à classe. São primeiro o grupo social de classe média que viaja constantemente no eixo Europa, Ásia e América do Norte seja para negócios ou para turismo que têm o primeiro contato com a doença. Mas, acreditamos que essa seja uma análise para outra pesquisa, em outro contexto e em um momento em que possamos ter dados mais consistentes.

Para caminharmos ao fim dessa explanação em torno do impacto de uma pandemia global sobre os homens e como as masculinidades afetam diretamente suas vidas, é interessante uma explicação dada por pesquisa publicada na China e divulgadas pelo portal BBC:

Um levantamento com 99 pacientes em um hospital na cidade de Wuhan, origem do surto, descobriu que dois terços dos pacientes eram homens e mais da metade dos doentes hospitalizados tinham doenças crônicas como cardiopatias ou diabetes. Dados mais recentes do Centro de Controle e Prevenção de Doenças chinês, baseados em dezenas de milhares de casos, revelaram que 64% dos mortos por covid-19 eram homens. A causa mais provável teria a ver, então, com o estilo de vida. Ao redor do mundo, homens tendem a beber e a fumar mais do que as mulheres e, portanto, ficam mais suscetíveis a desenvolver doenças pulmonares e cardiopatias, o que os fragilizariam caso contraíssem o coronavírus. Os números embasavam essa constatação: 48% dos chineses acima de 15 anos fumam, contra apenas 2%, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Além disso, fumantes tocam a boca a todo o momento, porta de entrada para o vírus, e têm mais chances de compartilhar cigarros contaminados. Um estudo com 1.099 pacientes na China com covid-19, publicado na revista científica *New England Journal of Medicine*, em fevereiro deste ano, revelou que 26% daqueles que precisam de cuidados intensivos ou morreriam eram fumantes. (BBC, 2020)

Mas ainda há uma outra explicação que tenta contradizer a questão do comportamento do homem em relação ao da mulher, em que os colocariam na mira do vírus, e claro que a pesquisa não considera fatores econômicos e sociais:

Pesquisas mostraram que as mulheres geralmente têm sistemas imunológicos mais fortes do que os homens e, portanto, debelam infecções com mais facilidade. "Sabemos cada vez mais que há diferenças de gênero substanciais na resposta imune para uma gama de infecções e, no geral, as mulheres reagem mais forte e agressivamente", diz à BBC Philip Goulder, professor de Imunologia na Universidade de Oxford, no Reino Unido. De acordo com estudo recente publicado na revista científica *Human Genomics*, o cromossomo X contém um grande número de genes relacionados à imunidade e, como as mulheres têm dois deles (os homens

só têm), largam na frente no combate a doenças. (BBC, 2020)³³

Entretanto é preciso lembrar, como dito na mesma reportagem que ainda é preciso mais dados, visto que dos 20 países pesquisados, apenas seis tinham dados por gênero, tanto para casos confirmados quanto para casos para morte. Também não foram citados profissão, escolaridade, raça, orientação afetivo-sexual e outras categorias substanciais para uma leitura efetiva do fato biológico que temos é de que “a taxa de mortalidade dos homens por covid-19 pode superar a das mulheres em um patamar que varia de 10% a 90%, diz Sarah Hawkes, professora na Universidade College London (UCL).

1.3 ENQUANTO ELES MORREM, ELAS SÃO VIOLENTADAS OU ASSASSINADAS

Esperamos que até aqui logamos expor dois cenários importantes. O primeiro diz respeito como comportamentos diretamente relacionados as distintas performances de masculinidades afetam diretamente a vida social do homem, e de quem está a sua volta. O segundo cenário foi possível após expormos como isso ocorre a partir de uma crise sanitária global. Ou seja, o nosso principal marcador nesse trabalho (gênero), demonstra como mudanças substanciais são necessárias em nosso modo de vida e de habitar nossos corpos são importantes e urgentes. Se de um lado conseguimos expor o quanto a masculinidade está vulnerável, o que isso afeta quando globalmente é necessário o isolamento social para que vidas sejam salvas.

Entretanto, com tais cenários desenhados por nós, o que significa para parte das mulheres estarem em isolamento total ao lado de homens que foram adestrados à uma masculinidade dominadora, violência, patriarcal e que, dentro dos conceitos capitalistas, lida com o matrimônio como posse do outro?

Não é novidade que o Brasil lidera o ranking de assassinatos de mulheres na América Latina. Portanto, vamos voltar alguns meses antes da pandemia global chegar ao ponto de ser decretado quarentena em diversos países.

Em dezembro de 2019 Observatório de Igualdade de Gênero de América Latina

³³ Ver: BBC. **Por que o coronavírus está matando mais homens que mulheres?**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52209630>> Acessado em 17 de ago. de 2020

e Caribe divulgou amplamente uma pesquisa que mostra em números absolutos a situação da violência contra a mulher sofrida na região.

Feminicídio na América Latina e Caribe		
Ranking	País	Assassinadas
1º	Brasil	1206
2º	México	898
3º	Argentina	255
4º	Honduras	235
5º	El Salvador	232
6º	Guatemala	172
7º	Peru	131
8º	Bolívia	128
9º	Venezuela	122
10º	República Dominicana	106
11º	Equador	104
12º	Paraguai	59
13º	Uruguai	30
14º	Trinidad y Tabago	24
15º	Costa Rica	24
16º	Panamá	20
17º	Santa Lucia	4

Fonte: Observatório de Igualdade de Gênero de América Latina e Caribe (12/2019)

Pensar o patriarcado, masculinidade e o modo com que sujeitos homens se socializam é uma urgência que não é novidade com este trabalho. Pelo contrário, como já dito, há séculos uma quantidade significativa de grupo de mulheres e aliados estão tratando do tema entorno da violência da mulher, sobretudo na América Latina. Ainda se torna mais grave a situação quando estratificamos esses dados em outras categorias de análise como raça, classe, idade, capital social e cultural.

Também é preciso chamar a atenção em como foi construída as histórias dessas nações. Como povos nativos foram dizimados por homens brancos e europeus, como o comercio escravocrata, possivelmente o germe do capitalismo contemporâneo, e da mulher negra ser mais que um produto de mão de obra, mas um corpo à disposição do senhor da casa branca.

Se trocarmos os dados sobre a totalidade de mulheres assassinadas taxa de mortes por cada 100.000 (cem mil) mulheres, a posição de países muda.

Feminicídio na América Latina e Caribe Taxa por 100mil habitantes		
Ranking	País	Taxa por 100mil habitantes
1º	El Salvador	6,8
2º	Honduras	5,1
3º	Santa Lucia	4,4
4º	Trinidad y Tabago	3,4
5º	Bolívia	2,3
6º	Guatemala	2
7º	República Dominicana	1,9
8º	Paraguai	1,7
9º	Uruguai	1,7
10º	México	1,4
11º	Equador	1,3
12º	Brasil	1,1
13º	Argentina	1,1
14º	Costa Rica	1,1
15º	Panamá	1
16º	Peru	0,8
17º	Venezuela	0,8

Fonte: Observatório de Igualdade de Gênero de América Latina e Caribe (12/2019)³⁴

Aqui, não importa para nós posições de um ranking. O que importa é que mulheres são assassinadas, outras violentadas física e psicologicamente há séculos em nosso continente. Muitas das teóricas e teorias feministas que trouxemos até aqui mostram como se dão essas relações de poder.

Trazer esses dados para um estudo sobre homens e masculinidades significa expor que o modo com que essas estruturas de poder baseadas em raça, classe e gênero geram violência. Não estamos falando de números, mas vidas. Assim como não estamos falando apenas de “homens” e “masculinos” – entre aspas – mas, de sujeitos que são constantemente cruzados entre processos de vulnerabilizações e precarizações por seus diversos recortes interseccionais e históricos e por outro lado não escapam de uma

sociedade que os privilegiam a serem violentadores.

Mas um importante aviso. Sempre bom lembrar aos nossos leitores, e às nossas leitoras, não estamos aqui falando dos sujeitos autobiografados neste capítulo. Lembre-se do título que lhe foi dado para essa parte, estamos falando de das paisagens externas ao texto dos autores e das obras. Logo mais chegará a hora de discutirmos um pouco mais sobre esse possível “falar de si como potência para falar de nós”.

Se trouxemos dados de meses antes da pandemia, em torno do assassinato de mulheres, não nos toca a curiosidade de saber qual a situação que estamos enquanto escrevo este trabalho?

A pedido do Banco Mundial, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) divulgou um relatório em que mostra que os casos de Femicídio no Brasil cresceram 22,2%, entre março e abril deste ano.

Nos meses de março e abril, o número de Femicídio subiu de 117 para 143. Segundo o relatório, o estado em que se observa o agravamento mais crítico é o **Acre, onde o aumento foi de 300%**. Na região, o total de casos passou de um para quatro ao longo do bimestre. Também tiveram destaque negativo o **Maranhão**, com variação de 6 para 16 vítimas (**166,7%**), e **Mato Grosso**, que iniciou o bimestre com seis vítimas e o encerrou com 15 (**150%**). (AGÊNCIA BRASIL, 2020)³⁵

Infelizmente ainda não é possível, e provavelmente impossível, termos dados completos e concretos sobre como o isolamento de famílias afetou diretamente na violência doméstica globalmente, visto que cada região, país, estado e município tem suas categorias próprias de estratificar os dados dos grupos sociais. Contudo, o pouco que se é divulgado por grupos feministas, organizações não governamentais, departamentos de justiça e outras instituições internacionais, já é possível visualizar um agravamento no número de casos de violência doméstica na América Latina.

Divulgado no portal de notícias UOL, um relatório da ONU Mulheres confirma que há indícios de que mais mulheres mexicanas, brasileiras e colombianas sendo violentadas em suas casas. E que na Argentina pode haver uma duplicação no número Femicídio.

³⁵ Ver Agencia Brasil: “**Casos de feminicídio crescem 12 estados durante a pandemia**. Disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/casos-de-feminicidio-crescem-22-em-12-estados-durante-pandemia#:~:text=Na%20primeira%20atualiza%C3%A7%C3%A3o%20de%20um,pa%C3%ADs%2C%20comparativamente%20ao%20ano%20passado>> acessado 15 de jun de 2020.

O serviço de emergência 137 para vítimas de abuso da Argentina, apoiado pelo Departamento de Justiça, viu um aumento de 67% nos pedidos de ajuda em abril na comparação com o ano anterior desde que um isolamento de âmbito nacional foi imposto em 20 de março. (UOL, 2020)³⁶

Ainda de acordo com a reportagem citada, na Colômbia houve um aumento de 130% de chamadas ao disque-denúncia contra violência doméstica somente nos primeiros 18 primeiros dias da quarentena. Enquanto no México houve um aumento de um quarto em reação ao ano anterior.

Os chamados Estudos de Gênero, ou Estudos sobre Masculinidades, estão enquadrados no que chamamos de Estudos Interdisciplinares. É justamente este campo que nos dá a oportunidade de conectar informações, dados, teorias, pesquisas, sujeitos, Escolas das mais distintas áreas. Poder trazer informações que em uma primeira leitura estaria ligada exclusivamente à Saúde para um contexto social, antropológico, comportamental, e por qual motivo até filosófico. Essa é uma contribuição aos campos de não temos ainda, talvez, a capacidade de imaginar.

Quem começou a ler o primeiro capítulo dessa dissertação de mestrado poderia imaginar diversos caminhos que eu poderia seguir para a análise das autobiografias que eu trouxe em tantos outros campos. Literatura Comparada? Filosofia Contemporânea? Antropologia Social? Psicologia Social? Mas, espero que o que eu consegui expor neste capítulo é que os estudos de gênero, as teorias feministas, os estudos sobre masculinidades, os estudos interdisciplinares podem convergir ainda mais do que com as páginas escritas de um trabalho que estará no banco de teses e dissertações de uma universidade.

Como já informei, e não vou cansar de repetir. Talvez até ser um tanto redundante, esse trabalho não se resume à saúde do homem, também sobre uma análise do impacto da pandemia que passamos aos homens. Ou até mesmo encaixar as personas reais de João W. Nery, Ricky Martin e Lázaro Ramos como esses sujeitos masculinos que descrevemos aqui nesta segunda parte. Dediquei aqui a conversar com pouco sobre o que há fora dos textos deles, para então os ler novamente, de outra maneira.

³⁶ Ver UOL: “**Outra Pandemia: violência doméstica aumenta na América Latina em meio a isolamento.** Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/outra-pandemia-violencia-domestica-aumenta-na-america-latina-em-meio-a-isolamento,696edb5be1518f168164c87f6b79e3db893cigmf.html>> Acessado em 20 de jun. de 2020.

O que vamos propor no terceiro e último capítulo é justamente exercitar em como o processo de falar de “si”, enquanto homens e masculinos pode significar a possibilidade de construir um “nós” menos violento, que se reconhece dentro desse sistema e que tenta mudar sociais.

Estudar masculinidades e homens nos traz uma importante oportunidade de perceber como as estruturas, antes dadas como normalizadas, afetam diferentemente um grupo que antes era dado como homogêneo e único – no singular: o homem, o masculino – e percebemos que não. Que, assim como existem muitas formas de habitar o feminino e a mulher, também existem nos masculinos e nos homens e eles são diferentemente impactados no atual contexto global que vivemos por conta do coronavírus.

Quando interseccionadas simultaneamente categorias como raça/etnia, orientação afetivo-sexual, expressão gênero, capital cultural, identidade de gênero, classe, capital educacional percebe-se como a pandemia atinge de modo diferente estes sujeitos e grupos e assim “o homem” – no singular – não se beneficia, mas “alguns homens” aqueles que acima da cadeia de domino das produções tecnologias, políticas e sociais – que são brancos e de classe média sim, enquanto os outros em diferentes níveis são diretamente afetados, e em conjuntos as mulheres.

CAPÍTULO II – EXPLORANDO A PAISAGEM INTERIOR DAS PERCEPÇÕES DE MASCULINIDADES E A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO HOMEM

Ao nos propormos considerar trazermos estes dados sobre a pandemia abrimos uma oportunidade valiosa de compreendermos as relações de poder, as desigualdades de gênero, de raça, de classe e as distribuições de poderes entre os sujeitos, as identidades de gêneros e as sexualidades de modo que chamam os próprios homens ao diálogo com estas feministas que estão dentro e fora da academia questionando estas desigualdades.

E ainda devemos nos pautar a uma perspectiva interseccional; o que muitas feministas, sobretudo feministas negras e nossas americanas já o fazem; em considerar que as próprias masculinidades, assim como as feminilidades, não são homogêneas e se apresentam na sociedade com uma rica pluralidade, principalmente quando as vemos combinadas com outros marcadores sociais como geração, raça, classe, capital social e cultural e tantos outros marcadores.

Uma das contribuições mais importantes do *Black Feminism* à desnaturalização das categorias de raça e sexo foi sua oposição a todo tipo de determinismo biológico e, neste sentido, também a essencialização dos homens por sua condição biológica. As mulheres negras têm tido consciência de que as experiências das mulheres e dos homens negros estão unidas por solidariedades objetivas e subjetivas, ainda que isso não signifique que as mulheres negras devam descuidar-se ou tolerar mais o sexíssimo dos homens negros que o dos demais (VIVEROS, V. Mara, 2018, p. 52)

Neste sentido, pensar sobre homens e masculinidades desde Nossa América é ter em conta as múltiplas formas de habitar os gêneros, os sexos, as próprias masculinidades neste espaço geográfico tão diverso que tem em suas historicidades marcas racializadas concretas, exploração de grandes grupos populacionais, uma miscigenação politicamente estratégica para o embranquecimento de Nossa América, deslocamentos em massa, assim como assassinatos de povos originários, e uma construção fictícia de fronteiras que não reflete Estados outros que não estão representados na história oficial do continente. Tudo isso, e mais uma complexa rede contemporânea de como se articulam a economia, a sociedade, a política e a cultura resultam em muitos modos de ser.

De modo geral, o ‘desbravamento’, a indústria escravagista, a criação das fronteiras contemporâneas, a criação dos sistemas Estado-nação, as filosofias e tecnologias biologistas que criaram sujeitos de bem e sujeitos criminosos, que criam a clínica, a loucura, as devastações dos bens naturais, em sua maioria – como conta a história – não foram os povos originários, os negros, as mulheres, mas os homens brancos do outro lado do Atlântico. E de algum modo, ainda são estes homens brancos quem ditam as regras, a nova meritocracia, e as novas leis e acordos em nossa sociedade atual, que aqui chamamos de neocolonialismo.

Uma pergunta nos atravessa ao refletirmos como se faz sentido estudar os homens, sobretudo quando situados em Nossa América. Existe uma identidade masculina nossamericana? “[...] não há uma resposta única para redefinir a identidade masculina mexicana, peruana, colombiana, brasileira ou chilena, nem para redefinir o que é masculinidade hegemônica em cada país [...]” (Ibid., p. 180). Entretanto:

Falar de “homens” faz sentido se isso permite evidenciar as continuidades entre certas práticas educativas e normas de socialização transmitidas aos homens, e o uso de armas, o exercício da violência, o desempenho masculino agressivo e frequentemente misógino. A compreensão do gênero como uma estrutura que afeta a experiência corporal, a personalidade e a cultura explicam hoje que possamos vincular masculinidade e violência. Em contrapartida precisamos compreender o gênero – nos gêneros a masculinidade – como um produto histórico e uma prática produtora de história (ibid., p. 183).

A socióloga australiana Raewyn Connell (1997) em seus estudos sobre masculinidades e homens afirma que as pesquisas sobre o tema estão divididas em quatro principais perspectivas.

1. A *essencialista* tem como o núcleo masculino definido em torno de um traço central ao que se acrescenta características próprias das vidas dos homens.
2. A *positivista* busca uma definição simples da masculinidade: o que os homens realmente são, ou seja, uma base lógica da feminilidade versus masculinidade.
3. A *normativa* reconhece as diferenças entre os homens e propõe que a masculinidade é o que os homens deveriam ser (falando em termos de hegemonia) e cada homem se aproxima mais ou menos da norma, questionando assim a própria existência da masculinidade.

4. A *semiótica* define a masculinidade a partir de um sistema de diferenças simbólicas que contrastam as posições do masculino e do feminino, assim, a masculinidade é “o lugar da autoridade simbólica”.

O problema apontado por Connell e outras teóricas e teóricos do campo é de que não é possível definir as masculinidades unicamente dentro de uma dessas perspectivas, mas que as masculinidades estão constituídas em sua complexidade nos quatro campos que citamos acima. Não há uma masculinidade ou uma forma de habitar a categoria homem. Mas existem, assim como nas categorias mulheres e femininos, homens e masculinos no plural.

Em quase todos os países de Nossa América, os estudos sobre homens e masculinidades foram iniciados por mulheres provenientes do feminismo. Apenas mais tarde, homens, fortemente marcados pelas teorias e práticas feministas, se interessavam por eles, por isso a expressão “A costela de Eva” foi empregada pelo psicólogo e antropólogo Rodrigo Parrini (2000) para dar conta do processo seguido por este campo na América Latina (VIGOYA, V. Mara, 2018, p. 63).

Assim, o que significa estudar homens e masculinidades de modo interseccional desde Nossa América? O termo interseccionalidade foi cunhado pela pesquisadora norte-americana negra Kimberlé Crenshaw (2002). A autora afirma que a articulação entre dois ou mais marcadores sociais, como raça e gênero podem expor as ações e políticas específicas que geram vulnerabilização, opressões e precarização de direitos.

Vale ressaltar que antes dela e após ela, diversas autoras se dedicaram encontrar formas de capturar estas interações dos marcadores sociais dentro das Teorias Sociais. Podemos citar aqui outras perspectivas que caminham em convergência com essa ideia. A norte-americana negra Mary Ann Weathers (2000) trabalhou com ideia de opressões múltiplas em sua reconhecida obra *An Argument for Black Women's Liberation as a Revolutionary Force*. Já a também norte-americana bell hooks (1994) cunhou o termo supremacia branca para indicar a emergência de se entender para além dos grupos em vulnerabilizados pela raça, gênero e classe também questionar quem subalterna. Patrícia Hill (1990) é uma das principais interlocutoras do termo matriz da dominação em que ela demonstra que a partir da intersecção das desigualdades um sujeito pode se encontrar em diferentes posições, de acordo com suas características, experiência e modos de habitar

gênero, raça, classe e outros marcadores sociais. Em 1974 o grupo de feministas negras norte-americanas *Combahee River Collective* publicou o manifesto, que se tornou um clássico, em que indica que os principais sistemas de opressão são imbricados.

A definição mais geral de nossa política atual pode se resumir no seguinte: nós estamos ativamente engajadas na luta contra a opressão racista, sexual, heterossexual e de classe, e nos damos como tarefa o desenvolvimento de uma análise e de uma prática integrada, baseadas no fato de que os principais sistemas de opressão são imbricados. A síntese dessas opressões cria as condições nas quais vivemos. Na condição de mulheres negras, nós vemos o feminismo negro como o movimento político lógico para combater as opressões múltiplas e simultâneas que afrontam o conjunto das mulheres de cor (Combahee River Collective, 2006 [1979], p. 362)

Do século XX para o século XXI, podemos encontrar ainda outros termos que estão dentro dessa arena de disputa teórico-política. Trazemos, neste momento, o termo cunhado pela antropóloga Mara Viveros Vigoya (2012) que trabalha com o conceito de consubstancialidade onde, junto a francesa Danièle Kergoat (2009), supõe que os sujeitos estão inseridos em um cruzamento entre sexíssimo, racismo e classismo que o discurso dominante naturaliza e encerra os sujeitos em determinadas identidades.

Aqui vamos trabalhar com o conceito de interseccionalidade situada proposta pela antropóloga israelense Nira Yuval-Davis (2015) que tem como trabalho central de investigação o forjamento das identidades a partir de amplo conjunto de marcadores. Ela trabalhou principalmente com a temática de refúgio e migração. Para ela:

Uma análise de interseccionalidade de gênero relacionada à distribuição de poder e outros recursos na sociedade constitui o que na sociologia é conhecido como teoria da estratificação. A estratificação, ou melhor, a estratificação social, relaciona-se com localizações hierárquicas diferenciais de indivíduos e agrupamento de pessoas nas redes de poder da sociedade. A interseccionalidade é a abordagem mais válida para o estudo sociológico da estratificação social porque não reduz a complexidade das construções de poder em uma única divisão social, incluindo a classe, como tem sido habitualmente o caso nas teorias de estratificação. Ao mesmo tempo, é importante enfatizar que eu não vejo as diferentes divisões sociais que constroem as relações de poder como aditivas, “cruzadas” e entrelaçadas, e sim mutuamente constituídas (embora ontologicamente irredutíveis uma à outra), formando particulares nuances e significados contestáveis de determinados locais sociais em momentos históricos particulares, em contextos sociais, econômicos e políticos particulares em que algumas divisões sociais têm mais saliência e efeito. (YUVAL-DAVIS, 2015, pp. 93-94, tradução minha).

Como é possível observar, o conceito sobre interseccionalidade, mesmo estando em constante debate e forçando as fronteiras das análises dentro das teorias sociais, ocupa um lugar substancial ao questionar a complexidade das relações de poder.

As teorias feministas negras têm sua importância neste processo ao tornar o debate mais amplo e profundo trazendo a relevância de considerarmos a experiência dos sujeitos, suas características e historicidade.

Esta ideia é importante neste trabalho pois tratar sobre homens e masculinidades desde Nossa América é considerar que estes sujeitos estão localizados em determinados recortes que ultrapassa as fronteiras da hegemonia sobre o que é ser masculino e homem. Iremos aprofundar mais neste debate no capítulo dois e na conclusão deste trabalho.

Se conseguirmos até aqui introduzi-los ao nosso marco teórico-político, expomos neste momento como se dará a leitura e análise das obras autobiográficas. Este trabalho está separado em dois movimentos. O primeiro tem como eixo central encontrar nos três textos como nossos autores percebem suas masculinidades e como, a partir da sua narrativa de si, constroem sujeitos homens. Com quem aprenderam “serem homens”? Quais os valores masculinos aparecem que os fazem homens? E como se dão as convergências entre outros marcadores como raça, sexualidade, classe, geração e a geografia que cruzam diretamente nestas masculinidades e construções de sujeito que fazem aparecer características outras que aquelas hegemônicas?

Hay algo curioso en la autobiografía. Es un relato efectuado por un narrador en el aquí y ahora sobre un protagonista que lleva su nombre y que existía en el allí y entonces, y la historia termina en el presente, cuando el protagonista se funde con el narrador. Los episodios narrativos que componen la historia de una vida presentan una estructura típicamente laboviana, adhiriéndose estrictamente a la secuencia y a justificación en función de la excepcionalidad. Pero la historia mayor revela una fuerte vena retórica, como justificando por qué era necesario (*no* en un sentido causal, sino moral, social, psicológico) que la vida siguiese un camino determinado. El Yo, cuando narra, no se limita a contar, sino que además justifica. Y el Yo, cuando es protagonista, siempre está, por así decir, apuntando hacia el futuro. Cuando alguien dice, como resumiendo su infancia ‘yo era un encantador niño rebelde’, generalmente puede tomarse como una profecía además de como un resumen. Se produce una enorme cantidad de trabajo en el aquí y ahora mientras la historia se hilvana. No tiene nada de extraño, por consiguiente, que, en las docenas de autobiografías que hemos recogido

y analizado, hay aproximadamente entre un tercio y un cincuenta por ciento de 'proposiciones nucleares' en tiempo presente; es decir, el narrador está hablando del pasado, al que casi siempre se refiere en tiempo presente, sino diciendo qué sentido narrativo puede dar al pasado en el momento en que lo está contando. (BRUNER, Jerome, 1991, p. 119)

Não são poucas as perguntas que abrem o debate, e elas podem contribuir ao nosso Sul e chegamos ao segundo movimento que se apresentará neste trabalho. Após localizarmos as percepções de masculinidades e as construções de sujeitos homens nas obras citadas partiremos ao pensamento crítico destes marcadores e como eles intrinsecamente podem afetar no modo com que estes sujeitos narram suas próprias vidas, se percebem homens, justificam seus posicionamentos, se relacionam socialmente e habitam o gênero, a raça, a classe e outras identidades.

¿Hay lugar en la historia (y en las ciencias sociales) para la explicación causal (genuina)? Lo hay, ciertamente. Pero se trata de un lugar peculiar y, en un sentido característico, subordinado al ocupado por otros tipos de explicación. Conviene considerar por separado los dos principales tipos de explicación causal que hemos distinguido anteriormente, a saber: explicaciones en términos de condiciones suficientes y explicaciones en términos de condiciones necesarias. Las primeras responder a preguntas de forma esquemática. *¿Por qué necesariamente?* Y la segunda a pregunta del género *¿Cómo es que fue posible?* (HENDRIK von WRIGHT, 1979, p. 161)

Acreditamos que com estes dois movimentos, o primeiro preocupado com as paisagens interiores apresentados pelas narrativas e o segundo preocupado em encontrar as paisagens externas da narração na justificativa de encontrar como estas narrativas são possíveis na ampliação do atual debate decolonial em perspectiva com os estudos feministas e de gênero que aqui se aproximam. Desse modo, poderíamos demonstrar a potência de falar de si como potência para falar de nós

Tais contribuições estão em pelo menos três eixos principais. O primeiro na subversão do uso do gênero autobiográfico como um objeto que pode ajudar a explicar na compreensão das masculinidades e na sujeição do homem, diferente do uso comum da autobiografia como um objeto a ser explicado. O segundo eixo está no uso da narrativa de si como um caminho a ser considerado para compreender como atuam os marcadores de construção destes homens resultam em obras-produtos mercadológicos. Por fim trazemos a interdisciplinaridade e a interseccionalidade para além da fronteira metodológica e as transformando em perspectiva analítica. Essa mudança substancial considera que trabalhar

com a “perspectiva” pode colaborar na ampliação do debate e não o encerrar em uma “receita de bolo”, ou seja, a metodologia aqui se adequa ao debate para abrir outras possibilidades de compreensão e explicação.

Não estamos interessados em universalizar as identidades aqui estudadas, mas de mostrar como determinados marcadores podem cotidianamente construir valores, morais, relações de poder e identidades que afetam homens e mulheres. Esperamos trazer a quem lê este trabalho uma provocação à flexibilidade, à contradição e às ambivalências que o gênero pode trazer no modo não só como nós narramos, mas também como percebemos e habitamos nossos corpos a partir da linguagem.

Quando passarmos para o momento de observarmos as paisagens exteriores dos textos autobiográficos faremos um recorte no tempo e no espaço. Essa proposta é de facilitar a leitura de como o patriarcado e determinados modos de masculinidades hegemônicas contribuem para gerar sociedades violentas e desiguais inclusive em um contexto global.

Traremos então uma análise interseccional situada entre operações de masculinidades dentro do contexto da pandemia anunciada pelas Organizações das Nações Unidas por conta do COVID-19³⁷, sobretudo no caso do Brasil, onde a falta de atenção, por parte do Estado, a carência de coordenação conjunta entre governantes, a falta de criação efetiva de políticas sociais e de saúde para a contenção do vírus demonstram efetivamente quem são os sujeitos mais afetados pela doença. No nosso caso mostraremos os dados de que são os homens, e mulheres, negros e negras, periféricos e trabalhadores que são precarizados neste momento.

³⁷ É escolhido esse recorte para análise pois, ao apresentar as autobiografias, as trajetórias dos sujeitos que contam suas histórias mostram como pertencer a determinados grupos revela brechas substanciais que os colocam em situação de vulnerabilidade frente a possíveis contágios do vírus COVID-19. Portanto, não é de tratar sobre a saúde do homem, mas tratar de mostrar como comportamentos colocam determinados humanos em situações precárias. Poderíamos ter escolhido outras tantas situações como o alto índice de encarceramento de homens negros, ou do estigma do HIV sobre homossexuais, ou até mesmo na marginalização de pessoas transexuais. Entretanto, acreditamos que a pandemia que passamos pode ser um importante fio condutor que une as vulnerabilizações e precarizações dos três sujeitos e suas obras que apresentamos.

O descaso político não acontece sem, claro, uma considerável reação da sociedade civil, mas efetivamente não foram, até o momento da escrita desse trabalho, ações concretas que colocam tais grupos sociais no centro dessas políticas. O debate geral é: como salvar a Economia³⁸, e não em como salvar vidas³⁹. E quando se trata de Economia, o discurso que circunda o tema está sobre como salvar empresas, e não necessariamente empregos.

E ainda se tratando de metodologia, cabe a reflexão sobre o impacto que a pandemia teve durante o processo de escrita. Não só a minha pesquisa, mas como comprova o levantamento online promovido pelo grupo *Parent in Science* com 15 mil resposta entre docentes em que “76% dos homens sem filhos disseram ter consigo submeter artigos, contra 47% das mulheres com filhos” (Adusp, 2020)⁴⁰

Para além desse dado importante sobre a publicação acadêmica, quero me restringir à pesquisa em si. Sem a internet, a intensa produção e cobertura jornalística em torno da pandemia e seus impactos em determinados grupos sociais, sem o aparente aumento significativo de produção de artigos sobre os principais temas que debatemos nesta investigação, talvez, não seria possível realiza-la.

Foi preciso se reinventar enquanto discente de uma pós-graduação interdisciplinar e repensar as amarras que nos são passadas as disciplinas de metodologia do curso. O que são: fonte primária, secundária e terciária? Como ordená-las que a lógica e a retórica argumentativa deem conta do tema tratado? Como e com quem compartilhar angustias teóricas e dúvidas cruciais para a confecção dessa peça chamada dissertação?

³⁸ Ver: THE NEW YORK TIMES. **Jair Bolsonaro coloca em risco a saúde dos brasileiros e da democracia**. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/pt/2020/03/26/espanol/opinion/bolsonaro-coronavirus.html>> acessado em 16 de ago. de 2020

³⁹ Ver: CORREIO BRAZILIENSE. **Após quase 90 dias, Ministério da Saúde segue sobre comando do interino Pazuello**. Disponível em: <<https://www.correio braziliense.com.br/politica/2020/08/4867277-pazuello--o-interino-que-segue-no-cargo.html>> acessado em 16 de ago. de 2020

⁴⁰ Ver: Adusp. **Pesquisa Nacional comprova que a pandemia afeta mais a produtividade acadêmica de mulheres com filhos e pode aumentar a disparidade de gênero na ciência**. Disponível em: <<https://www.adusp.org.br/index.php/defesa-do-ensino-publico/3760-pandemia-genero>> Acessado em 17 de ago. 2017.

De modo geral, a academia já vem há um significativo tempo questionando, utilizando e testando as novas tecnologias na produção de ciência. É provável que a pandemia tenha nos adiantado alguns passos – largos passos – nesse processo. Entretanto, não acredito que o contato pessoal, em sala de aula, poderão ser substituídos apenas por vídeo-chamadas, conversas em chats e plataformas digitais dedicadas à academia. Ao mesmo tempo, a pandemia nos faz repensar e reorganizar a forma de pesquisar e nos faz repensar sobre nossas pesquisa e quais os impactos desta situação em tudo que aqui estamos apresentando. A pandemia atinge nossas vidas, conseqüentemente nossas práticas acadêmicas.

2.1 INTERPOLAÇÕES A UM INVESTIGADOR HOMOSSEXUAL INVESTIGANDO MASCULINIDADES E HOMENS

Das mulheres que cuidam do porco morto seus braços, até os cotovelos, estão sujos de sangue e vísceras. O som dos martelos e cutelos exigem falar em voz alta. Na pia, outro grupo cuida dos temperos para o chouriço e a dobradinha. No canto oposto que estou da cozinha outras duas tias cuidam de ralar o milho para fazer quitutes para o dia seguinte. Sou o único rapazinho naquele cômodo. Não passo dos nove anos de idade e já tinha os sentidos básicos, escuta e olhar, dignos de um jornalista atento, e mal saberia eu que um dia me tornaria.

O silêncio e os diálogos eram alternados sem muita lógica para mim, assim como os temas das conversas. Ora sobre o passado, ora sobre a novela do horário nobre até que então a matriarca lança uma fala paralisando todas presentes. Talvez, o que mais tenha me chamado atenção não tenha sido a fala diretamente, mas a reação daquelas mulheres. Continuei um ‘invisível’, evitando qualquer movimento que chamasse atenção a mim para que não me tirassem daquele lugar. De algum modo eu sabia que ‘ali não era lugar para meninos’, o que se confirmaria mais tarde.

E este era o meu problema. Nunca me senti muito bem no lugar dedicado aos meninos. O lugar deles significava o lugar dos homens. A sala. Sempre com a televisão ligada em algum jogo de futebol, uma conversa sem muita propriedade, mas com muita

convicção do que se diz, talvez por estar embevecida de álcool – a caipirinha de minha mãe até hoje é elogiada por todos. E tudo isso carregado de palavrões chulos, que não faziam o menor sentido para mim.

Com a simplicidade de uma criança eu me questionava como seres tão supremos, para mim, aqueles que sempre estão entre o quintal, a lavanderia e a cozinha da casa poderiam unir-se com os homens daquela mesma casa? Entre um provável retorno compulsório ao mundo deles e a invisibilidade do canto da cozinha, eu ficava sempre com a segunda opção. Assim me sentia mais seguro, também, dos beijos com bafo de cachaça em minhas bochechas e apertões de alegria deles a cada gol televisionado.

Foram alguns desses elementos que me fizeram estar naquele momento quando a matriarca da família transmitiu um dos ensinamentos – que carrego como um do demais alto valor que tenho – à uma prima com cerca de quinze anos e que também estava naquele cômodo: “Aprenda desde já, minha filha: um homem se fiska pelo estômago”. Imediatamente meus olhos e ouvidos aguçaram a um nível de extraordinária atenção. Muitas questões primárias foram se resolvendo a partir daquela fala:

2. Entendi o motivo pela qual minha mãe cozinha tão bem. Ela já tinha fiskado meu pai e eu pelos nossos estômagos. Assim, era ela quem nos possuía, não meu pai a ela;
3. Homens são fiskados, como peixes são capturados.
4. Mas se eu não me via como eles, logo seria eu um fiskador de homens?

Anotei mentalmente este ensinamento. Ainda ando treinando muito as habilidades gastronômicas. Não sei se cozinho tão bem, de acordo com minha já falecida tia-avó, afinal não fisquei nenhum homem (ainda). Da minha prima, não lembro mais dela e perdi o contato. Mas me recordo de um pouco mais do diálogo que seguiu após este ensinamento e antes de elas perceberem minha invisibilidade naquela cozinha e me lembrasse que ali não era lugar de menino.

Não demorou muito que para cada uma começasse a lamentar a vida íntima sobre

a cama com seus maridos fígados pelo estômago. A insatisfação parecia generalizada. Não compreendi então o motivo de tanto esforço gastronômico para tanta lamentação. Até que minha mãe, claro, me viu no canto da cozinha perplexo com a tempestade de outras perguntas que minha mente fazia: “vai logo para o seu pai, a cozinha é muito perigosa para você. Tem faca aqui”. Cabisbaixo, mas obediente, caminhei até a sala e lá estavam eles vangloriando o dito sexo que tinham com suas esposas. Tanta convicção para pouco conteúdo.

Quem lê esta dissertação deve estar se perguntando por qual motivo compartilho isso. Não é por acaso. Primeiro que esta dissertação trabalha com obras autobiográficas. Acredito que seria injusto propor a debruçar sobre estas obras sem ao menos compartilhar algo tão pessoal. A casa, enquanto o berço familiar é um dos dispositivos do trânsito de saberes sobre condutas, valores, ética, performatividade, e tantas outras categorias relacionadas também aos papéis de gênero. Ninguém escapa a este processo. Tampouco eu e quem lê este trabalho.

Da casa narrada, onde aprendi que homens se fígam pelo estômago, fui à escola. Outro dispositivo normatizante. Lá foi colocado a prova, para além das massacrantes ‘disciplinas disciplinares’ básicas do conhecimento, tudo o que aprendi sobre o que é ser homem, e tudo aquilo que não havia aprendido de acordo com as mais variadas regras precisou ser reajustado. Posso garantir, por experiência própria, que em alguns pontos o sistema não deu conta, e continuará não dando com as crianças de hoje.

Não deu conta, pois se de um lado havia instituições indicando o que eu deveria ser enquanto sujeito com um determinado corpo, haviam também sujeitos outros que me apontavam, gritavam e até violentavam dizendo como me viam. *Bicha! Viadinho! Marica!* Antes mesmo de eu saber o que eu era. A sociedade onde eu estava inserido fazia questão de mostrar-me.

Virilidade, sexíssimo, misoginia, heterossexismo, força física, racionalização do sentimento e silenciamento das fraquezas foram constantemente colocadas em pauta não só na escola, mas nos anos seguintes quando iniciei a vida como trabalhador, como universitário e o processo de pós-graduação, dentro e fora da Universidade.

Constantemente precisei me reafirmar enquanto homem. Mas a pergunta que me fiz, assim como me faço tantas outras é: que homem é este que afirmo dizer ser? Mas é preciso dizer ainda mais, sendo homossexual, que homem é este que desejo compartilhar minha vida?

A oportunidade de poder estudar masculinidades e homens, sobretudo a partir das narrativas de vida por uma perspectiva feminista e de gênero, me fez também questionar minha própria construção enquanto sujeito. Cotidianamente vivemos transpassados por uma tempestade de normatividades que tentam, e muitas delas conseguem, nos enquadrar e determinar nossos modos de habitar o mundo social.

Com as novas tecnologias digitais estes mecanismos de recortes de identidades se intensificaram ainda mais. Podemos perceber isso na quantidade incontável de vídeos produzidos na plataforma do Youtube com tutoriais de moda, beleza e saúde. Podemos fazer um paralelo com os manuais de organização doméstica destinado às mulheres do século XIX. O mesmo ocorre com todo este conteúdo criado em que diz também ao homem de hoje como ele deve ser homem.

Estudar sobre as matrizes de dominação, ou consubstancialidades, ou interseccionalidade situada, ou simultaneidade de opressões não diminuiu a dor que senti fisicamente, e até hoje psicologicamente, na noite em que fui cercado por três skinheads na Rua Frei Caneca, em São Paulo em 2014. E espancado por eles enquanto ouvia as palavras como *afeminado*, *bicha*, “*viado*”. Mas, com certeza, estas teorias me fazem hoje outro sujeito, um sujeito potente em si e, sobretudo, mais próximo de uma autoconsciência sobre quem posso ser enquanto cidadão.

Já fui demitido de uma redação de jornal, ou melhor, fui convidado a me retirar da empresa, por minha orientação sexual. Ocorreu quando o então candidato à Presidência da República Levy Fidelix, do Partido Renovador Trabalhista Brasileiro, afirmou durante as eleições de 2014, que “aparelho excretor não reproduz”⁴¹. Aparentemente, o dono do jornal local sentiu-se representado com a fala do político e resolveu me tirar da redação do

41 Ver: ESQUERDA DIÁRIO. “**Declaração homofóbica “Aparelho excretor não reproduz” gera multa a Levy Fidelix**”. SOCIEDADE. Disponível em <<https://www.esquerdadiario.com.br/Declaracao-homofobica-Aparelho-excretor-nao-reproduz-gera-multa-a-Levy-Fidelix>>. Acessado em 12 de jul. de 2019.

periódico.

Enquanto eu participava do programa de mobilidade internacional da Universidade Federal da Integração Latino-americana como pesquisador visitante na *Escuela de Estudios de Género da Facultad de Ciencias Humanas*, na *Universidad Nacional de Colombia* ficou mais nítido um incômodo que me tocou com minha primeira década de ativismo em direitos humanos e cidadania à população de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transgêneros e intersexo.

O incômodo que carrego comigo está na contínua reflexão sobre o momento que minha sexualidade se tornou uma política indenitária perversa e ambivalente. Se de um lado é libertador o sentimento de ‘fazer algo’, também atravessa um peso quase imensurável e subjetivo na representação de um sucesso, na representação do “homossexual ativista que deu certo”. Em algum momento da minha história meus sentimentos, desejos e afetos pelo mesmo sexo fizeram do meu corpo uma bandeira “a ser hasteada” não só nas paradas do orgulho LGBT, mas também no trabalho como repórter, como comunicador social e como produtor de conteúdo. Trabalhei em revistas da editora Mix Brasil; na Coordenação de Políticas para LGBT (CPLGBT) da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC), na Prefeitura de São Paulo; fui convidado para fazer consultoria e palestras nas Organizações Globo, no Youtube, na Natura e em organizações não governamentais que tratam sobre sexualidade.

Essa exposição me fez de algum modo “estar preparado” a qualquer indicação de violência física ou psicológica sobre minha orientação afetivo-sexual. Ou seja, sempre tive uma “resposta na ponta da língua” para qualquer afirmação negativa que tentava me empurrar para baixo ou para fora do meio por me declarar como homossexual.

Minha aproximação ao Partido dos Trabalhadores (PT), ao ocupar o cargo de coordenação de comunicação social para assuntos LGBT da Prefeitura de São Paulo durante a gestão do então prefeito Fernando Haddad, entre os anos de 2015-2016, colaborou para uma reflexão interseccionada de minha sexualidade com minha classe social. Filho de pais pobres e que não tiveram oportunidades de acesso à educação básica eu não haviam, ainda, feito esta junção de classe, sexualidade, e raça.

Comecei a perceber que as vulnerabilização e precarização de direitos que eu enfrentava não eram resultados apenas da minha orientação afetivo-sexual. Viver na periferia da cidade de São Paulo, ter estudado a vida toda em instituições públicas de ensino básico também eram marcadores fundantes para não conseguir ingressar em uma instituição de ensino superior público e de qualidade na graduação.

Precisei de programas de políticas públicas como o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) e o Programa Universidade Para Todos (ProUni) para conseguir ingressar e concluir o ensino superior a partir de cotas para estudantes de baixa renda.

Uma espada com dois cortes. O primeiro está relacionado ao fato de um aumento real na renda familiar. Hoje, com um diploma universitário consigo um salário maior quando comparado com a renda dos meus pais, entretanto, ainda carrego comigo uma dívida com o Estado em que não consigo quitar. Continuo pobre, homossexual, desempregado e com uma dívida bancária.

Se a aproximação ao Partido dos Trabalhadores trouxe uma junção das pautas de classe e sexualidade em minha constituição enquanto sujeito social, mudar do Estado de São Paulo para Foz do Iguaçu, no Paraná, oportunizou outra experiência até então vivida de modo inconsciente por mim. A racialização de minha trajetória.

Na mudança para a cidade fronteira entre Argentina e Paraguai passei por meu primeiro momento real de racismo verbalizado. Eu atravessava uma rua próximo de casa quando um senhor parou o carro em minha frente e pronunciou: “corta esse cabelo de macaco, você não precisa parecer um”.

Mudei para o Estado do Paraná para ingressar nos programas de pós-graduação em Direitos Humanos na América Latina e no atual Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-americanos da UNILA.

Diferente do senso comum que embranquece a população do Sul do país exaltando suas colônias europeias, o Estado do Paraná é onde concentra-se a maior população negra

da região de acordo com o IBGE⁴² de 2017.

Se antes minhas vivências, enquanto gay, fizeram eu sempre ter “uma resposta na ponta da língua”, naquele momento eu não tinha uma resposta para aquela violência sofrida. Não tinha um nome para mim, um pardo branquinho de cabelo cacheado, que cresceu em uma família onde o lado paterno composto por negros e o lado materno por brancos.

Percebi que quando criança, de um lado eu era um não-branco, o que me fazia ser o “café com leite” e assim deixado um tanto de lado, do outro lado eu era um “não-negro”. Esse não lugar não havia me incomodado até então. O silêncio sobre isso não havia me tocado até aquela interpolação do homem branco que para o carro em minha frente e diz que eu “não precisava ter um cabelo de macaco”.

Mais uma vez a sociedade e suas construções históricas me faziam refletir sobre meu lugar no mundo. Agora a junção era racial, de classe e de sexualidade. Foi aí que cheguei ao tema desta pesquisa. Percebi que em meio disso tudo eu fui generificado como homem. Ser homem me dava uma controversa gama de privilégios. Mas, que homem sou? Essa pergunta me acompanha durante todo este trabalho.

2.2 RELATAR A SI MESMO. APRESENTANDO AS OBRAS AUTOBIOGRÁFICAS

Não vamos entrar no conflituoso terreno do debate se o gênero autobiografia cabe em uma literatura. O que consideramos neste trabalho é a existência do fato de que a sociedade sente a necessidade de contar histórias, e estamos a todo momento contando histórias. Não nos cabe dizer se é verossímil ou não cada linha publicada pelos autobiógrafos. O importante é considerarmos que:

Estamos siempre contando historias como nosotros mismos. Cuando contamos estas historias a los *demás*, puede decirse, a casi todos los efectos, que estamos realizando simples acciones narrativas. Sin embargo, al decir que también nos contamos las mismas historias a *nosotros mismos*,

42 Ver: BEM PARANÁ. “População branca encolhe no Paraná; negros e pardos aumentam, diz IBGE”. NOTÍCIAS. Disponível em <<https://www.bemparana.com.br/noticia/populacao-branca-encolhe-no-parana-negros-e-pardos-aumentam-diz-o-ibge-#.jxR-hK hP>> Acesso em 12 de jul. de 2019.

encerramos una historia dentro de otra. Esta es la historia de que hay un yo al que se le puede contar algo, otro que actúa de audiencia y que es uno mismo o el yo de uno. Cuando las historias que contamos a los demás sobre nosotros mismos versan sobre esos otros yoes nuestros; por ejemplo, cuando decimos 'no soy dueño de mí mismo', de nuevo encerramos una historia dentro de otra. Desde este punto de vista, el yo es un cuento. De un momento a otro y de una persona a otra este cuento varía en el grado en que resulta unificado, estable y aceptable como fiable y válido a observadores informados (SCHAFER *apud* BRUNER, 1991, p.12)

Esse trabalho, como já dito, acaba por subverter o lugar que, de modo geral, encontra-se o gênero autobiográfico. Ou seja, do lugar de objeto de estudo, de algo que deve ser explicado para uma manifestação que pode explicar. Neste caso, estamos propondo perceber as masculinidades e as construções dos sujeitos homens em estas obras onde:

El 'viaje narrativo' tuvo algunos efectos sorprendentes. Dio nuevo aliento a las ya de por sí activas voces contrarias a la universalidad de la denominada 'concepción occidental de la individualidad', esa concepción de la 'persona como un universo motivacional y cognitivo compacto, único y más o menos integrado, un centro dinámico de conciencia, emoción, juicio y acción, organizado en una totalidad peculiar y en contraste con otras totalidades semejantes y con un trasfondo social y natural'. Aunque la concepción del Yo como calculador y estratégico puede, de algún modo, abrigar pretensiones de universalidad apelando a la universalidad de la razón, la universalidad no resulta tan obvia cuando invocamos la actividad de contar historias. Las historias son muchas y variadas; la razón está gobernada por una lógica única e ineludible. (Ibid., p. 113)

Desse modo as autobiografias podem colaborar fundamentalmente neste trabalho em conjunto com teorias feministas, de gênero, e com uma perspectiva interseccional que valorize a experiência do indivíduo e suas características para explicar fenômenos sociais, desigualdades, violências e constituições de identidades.

Una vez adoptado un punto de vista narrativo, podemos preguntarnos por qué una historia y no otra. Y este tipo de preguntas no tardó mucho en llevar a la sospecha de que las concepciones 'oficiales' o 'inculcadas' del Yo podrían utilizarse para establecer un control político o hegemónico de un grupo sobre otro. Incluso en la cultura occidental, una concepción masculina del Yo, activo y atareado, podría de hecho marginar a las mujeres haciendo a sus Yoes parecer inferiores. Voces críticas feministas han escrito copiosamente en los últimos años sobre la manera en que las autobiografías de las mujeres se han visto marginada por la adopción de un canon de escrito autobiográfico. (Ibid. p 114)

Portanto cabe explicar o motivo pelos quais escolhemos estas obras. Como será possível observar não foi por acaso que escolhemos os textos de Lázaro Ramos (2017), João W. Nery (2011) e Ricky Martin (2010). Estamos falando de três sujeitos homens que apresentam características particulares cruzadas diretamente na constituição de si. Estamos falando de um homem cisgênero negro heterossexual, um homem transexual heterossexual, e um homem cisgênero homossexual. Para além disso, estamos falando de homens latino-americanos, logo, sujeitados a uma extensa historicidade que inclui um processo colonizador que faz com que eles experimentem seu gênero e sua sexualidade de modo ambivalente quando comparado ao homem branco cisgênero e heterossexual europeu ou norte-americano.

Se de um lado eles podem flertar a uma “profunda cumplicidade que os homens compartilham no modelo hegemônico de masculinidades” (VIVEROS, V. Mara, 2018, p. 17) eles também são afetados por outros marcadores que também os distanciam das “normas”, dos “essencialíssimos”, da “semiótica” e de definições simplistas de masculino e de como ser homem. Assim, raça/etnia, geografia, identidade de gênero, geração e classe também definem quem e como se narram de modo distante desse sujeito masculino homogêneo.

2.3 A paisagem interior das percepções de masculinidades e fazendo homens

O que segue nos próximos subcapítulos é uma sistematização das percepções de masculinidades e como estes sujeito autobiógrafos se constroem como homens. É importante afirmar que nenhum dos três autores escrevem suas obras somente por serem homens, mas escrevem pois algo – além de serem homens – os tocam de tal modo que os potencializam a escreverem sobre suas vidas. Este ‘algo além’ é o que tentaremos expor nos excertos apresentados. Vamos observar nos próximos subcapítulo que orientação afetivo-sexual, raça/etnia e identidade de gênero são fatores decisivos ao narrarem suas vidas e publicarem suas obras.

As percepções de masculinidades e os modos com que se constituíram enquanto sujeitos homens aparecem nas narrativas de si como trânsitos de saberes e culturas, com

uma pedagogia de gênero que transmitiram a eles determinados valores e modos de habitar o gênero e o seu corpo.

2.3.1 Ricky Martin

Ricky Martin é músico, produtor e ator porto-riquenho reconhecido mundialmente nos anos 1990 por integrar o grupo de jovens músicos chamado Menudos. Ainda criança, e durante sua adolescência e vida adulta de Ricky Martin tornou-se um *sexy simbol* masculino, ou seja, ele era o máximo a ser alcançado sobre ser homem e desejável. Até que em 2010 ele decide anunciar ao público sua homossexualidade e que no próximo ano lançaria sua autobiografia intitulada *Eu*. Esse movimento de dizer ao mundo sobre quem é teve um peso importante para Ricky Martin após uma jornada interna que mistura autoconhecimento e um pouco de religiosidade.

É por isso que finalmente resolvi acabar com o segredo que guardei por tantos anos: decidi contar ao mundo que aceito a minha homossexualidade e celebro esse dom que a vida me deu. [...] O processo de escrever essas memórias não foi fácil. Exigiu de mim – muito mais do que eu esperava. Precisei amarrar as pontas soltas sobre as quais nunca tinha refletido antes, ir a fundo em lembranças que já estavam apagadas na minha cabeça e encontrar respostas para perguntas muito difíceis: mas, acima de tudo... acima de tudo, finalmente precisei me aceitar. Precisei me despir total e completamente, para me ver exatamente como sou. Descobri coisas de que gostei – outras, nem tanto. E foram justamente as coisas que não gostei muito que resolvi consertar desde o momento em que tomei consciência delas. Eu nunca teria imaginado que escrever este livro me levaria aonde levou; no entanto, hoje sei que sou um homem melhor – e um homem mais feliz – por causa do que aprendi sobre mim ao longo do processo. [...] eu sei como é ser amado e sei como é amar alguém – de forma total e absoluta, com intensidade e sem julgamentos prévios. Também sei como é ser julgado pelo que sou e pelo que não sou. Se eu não tivesse passado por isso tudo, talvez não fosse capaz de chegar ao momento em que finalmente compreendi que o caminho escolhido era o certo, já que ele fez de mim a pessoa que sou hoje (MARTIN, Ricky, 2010, pp. 15-17, omissões minhas)

Já no início da escrita de Ricky Martin nos traz dois elementos importantes em torno da sua sexualidade. A primeira está na afirmação de “acabar com o segredo”, algo que ocorre apenas após conseguir “aceitar” quem é. Tendo como resultado ser “um homem melhor”. Esses elementos em colocar a sexualidade – a homossexualidade – pode ser compreendida como “um disposto de regulação da vida de gays e lésbicas que concerne, também, aos heterossexuais e seus privilégios de visibilidade e hegemonia de valores”

(SEDGWICK, Eve Kosofsky, 2007).

Precisei de muitos anos de silêncio e reflexão para compreender o que carrego realmente em meu coração. Antes de poder contar minha verdade para o mundo, precisei chegar ao momento em que encontraria aceitação interior e a tranquilidade. Conforme fui escrevendo este livro, passei por muitos momentos em que me senti completamente vulnerável. [...] ao mesmo tempo, porém, houve outros momentos em que me senti animado, livre e feliz por, afinal, deixar o passado para trás. Foi um processo intenso de catarse que me ajudou a curar as minhas feridas e compreender muitas coisas que talvez não fizesse muito sentido antes. Agora vejo as coisas com mais clareza, e por isso sou grato. [...] desde o momento em que cliquei ENVIAR⁴³ para anunciar minha verdade para o mundo, a chuva de amor que recebi foi surpreendente, quase inacreditável. Isso me mostrou com clareza que o medo que eu sentia antes existia somente na minha cabeça – assim como todo medo. A vida é muito mais bonita quando é vivida com os braços abertos, baixando a guarda, sem ansiedades ou segredos. Hoje, mais do que nunca, sei que este é o meu momento e que, exatamente como o mestre Gandhi diz, tenho a força para viver uma vida cheia de amor, paz e verdade. (MARTIN, Ricky, 2010, p. 20-22, omissões minhas)

Esse silêncio que se guarda em segredo, e podemos chamar de ‘armário’ é necessário justamente o entendimento sobre que o que somos não é crime, não é pecado, não é doença. Enfim, quem amamos, e como habitamos nossos corpos não deve ser uma régua sobre quais direitos e fronteiras devemos nos limitar. Se de um lado o silêncio pode ser dito como censura, ele é também uma ferramenta de proteção. Essa é uma estratégia que homens gays e mulheres lésbicas, além de pessoas bissexuais e transgêneros utilizam por anos em suas vidas para se protegerem das mais diversas violências.

Após a introdução, Ricky Martin abre sua obra, o primeiro capítulo, com um título que chama atenção. Em espanhol, sua língua nativa, o capítulo chama “*Desde niño a hombre*” que para a tradução ao português foi transformado a uma alusão da francesa Simone de Beauvoir “Tornando-se homem”. Como então Ricky Martin se constitui enquanto homem e quais são os valores e características que ele aprendeu para ser como tal?

Meu avô, por exemplo, era poeta, e dos bons. Os improvisos rimados dele

⁴³ Esse “momento em que cliquei enviar” que Ricky Martin cita está em uma publicação em seu blog no dia 29 de março de 2010 em que ele, por meio de sua assessoria de imprensa, publica sua saída do armário em que cita no final da carta o quanto dizer quem é lhe toca: “Ha sido un proceso muy intenso, angustiante y doloroso pero también liberador. Les juro que cada palabra que están leyendo aquí nace de amor, purificación, fortaleza, aceptación y desprendimiento. Que escribir estas líneas es el acercamiento a mi paz interna, parte vital de mi evolución. Hoy ACEPTO MI HOMOSEXUALIDAD como un regalo que me da la vida. ¡Me siento bendecido de ser quien soy!” Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20100401032216/http://www.rickymartinmusic.com/portal/news/news.asp?item=114532>> acessado em 16 de ago. de 2020

eram românticos estilizados, de uma forma que nunca mais ouvi. Meu avô era um homem firme, muito conservador e totalmente dedicado à família. Como a maioria dos homens de sua geração, era bem machista, mas, se há uma coisa que ele ensinou a todos nós, homens que levam seu nome, foi a importância de mostrar respeito por uma mulher, a beleza de admirá-la, cuidar dela, protegê-la. Ele sempre nos dizia: “uma mulher deve ser tratada com a sutil delicadeza de uma pétala de rosa”. Ele era obviamente um romântico incurável, uma característica que sem dúvida herdei. (MARTIN, Ricky, 2010, p. 26)

Como illustrei em minha história, na introdução desse capítulo, a casa é um dos primeiros dispositivos que nos adestram sobre como devemos ser e como devemos nos relacionar com o outro. Aqui, revela Ricky Martin, que seu avô, mesmo sendo reconhecido como machista, lhe ensina que “uma mulher deve ser tratada com a sutil delicadeza de uma pétala de rosa”. Na contradição, seu avô é narrado como um homem firme, conservado e totalmente dedica à família.

Ricky Martin revela viver em um berço família cheio de afeto, atenção e ensinamentos, antes e depois dele assumir sua sexualidade. Mas devemos lembrar que esta não é a realidade da totalidade da comunidade LGBTI+. De acordo com uma pesquisa realizada, em 2019, pela Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) da Prefeitura de São Paulo, entre 5,3% e 8,9% do total da população de rua na capital pertencem à comunidade LGBT. Também, 63% dos jovens entre 18 e 25 anos relataram já terem sentido rejeição total ou parcial dos familiares após saírem do armário. Além disso, apenas 59% revelam sua orientação afetiva-sexual para a família⁴⁴. Talvez essa seja uma importante posição de Ricky Martin para a comunidade LGBTI+. O ter como referência de sucesso demonstra para muitos que ser quem é e como se é não deve ser um problema para a sociedade.

Porém, como tudo na vida, o meu ingresso no Menudo não aconteceria sem a devida dose de contradições. Apesar de os garotos do Menudos serem os meus ídolos e de eu desejar entrar para o grupo, para a maioria dos meninos da minha idade o Menudo era coisa de menina. Cultural e socialmente estávamos tão condicionados – em parte devido à ignorância e em parte à inveja – a achar que homens de verdade não gostam de cantar e dançar, que para um garoto como eu querer isso era considerado ridículo. De fato,

⁴⁴ Ver: TERRA. **Rejeitados pela família e expulsos de casa: essa é a realidade de muitos jovens que pertencem à comunidade LGBT**. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20100401032216/http://www.rickymartinmusic.com/portal/news/news.asp?item=114532>> acessado em 16 de ago. de 2020.

quando meus amigos da escola me perguntavam por que eu queria entrar para o Menudo, sempre dizia que era por causa “das meninas, do dinheiro e das viagens”. Eu deveria ter lhes falado a verdade – que eu queria cantar e dançar no palco –, mas não tenho a menor dúvida de que iriam caçoar de mim. Meninos não deveriam “gostar” do Menudo. Então, em vez de dizer a verdade, simplesmente concordei e disse o que se esperava de mim, escolhendo o caminho com menor resistência. Naquela época, não foi de maneira nenhuma uma experiência traumática, mas agora percebo como é triste não ter me sentido suficientemente à vontade para dizer a verdade. (MARTIN, Ricky, 2010, pp. 40-41)

De acordo com uma pesquisa realizada em seis países da América Latina: Argentina, Brasil, Peru, Colômbia, Uruguai e Chile, em 2016, ficou revelado os problemas sofridos por alunos LGBTI+. No Brasil, por exemplo, dos 1.016 estudantes ouvidos entre 13 e 21 anos de idade 60% se sentiram inseguros no ambiente escolar. 73% foram agredidos verbalmente, 48% ouviram comentários homofóbico e 27% foram agredidos fisicamente⁴⁵. Com o aumento de representatividade escritoras/es, artistas, pesquisas e espaços de sociabilização para a população LGBTI+, assim como tímidas políticas públicas setoriais este cenário tende a melhorar, mas não significa que efetivamente as sociedades estão mudando para um caminho de respeito e aceitação, sobretudo quando estamos falando de crianças e jovens. A experiência afetiva dentro da comunidade LGBTI+ ainda é uma experiência que acontece às margens do cotidiano, em becos, em segredo como já dito Ricky Martin.

Meu pai é um homem muito bonito – um homem que viveu sua devida quota de romances, e hoje tem uma bela mulher ao lado dele. Tenho certeza de que ele teria me ensinado uma coisa ou outra sobre sexo. No entanto, apesar de sua experiência – seja por modéstia ou por timidez –, na minha casa jamais se tocava nesse assunto. [...] de qualquer forma, apesar de na época ser do Menudo, amadureci tarde. Muitos dos meus amigos já tinham feito o papel da arrasa-corações e até estado com meninas. Todos eles, na verdade, menos eu. Em outras palavras, de todos os meus amigos, eu era o único virgem, e era constantemente pressionado por eles. Ficavam me perguntando: “Quando vai acontecer? Quando você vai estar pronto?”. Até que finalmente chegou o dia em que eu fiz sexo com uma menina. Era legal, mas minha decisão tinha muito mais a ver com a pressão dos meus amigos, assim como a da nossa sociedade, que diz que um homem nunca deve dizer não se tiver a oportunidade de transar. E ainda havia um acordo tácito entre nós, no Menudo, de que quem fazia mais sucesso era o que conseguisse mais garotas. Eu sabia que tinha que corresponder a essa obrigação. Mas não me senti à vontade e não consegui apreciar esse momento que, segundo minhas expectativas, deveria ter sido mais romântico, talvez com

⁴⁵ Ver: SENADO. **Pesquisa revela que adolescentes LGBT sofrem ‘bullying’ e se sentem inseguros**. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/11/22/pesquisa-revela-que-adolescentes-lgbt-sofrem-bullying-e-se-sentem-inseguros>> acessado em 16 de ago. 2020

um pouco mais de lampejos. (MARTIN, Ricky, 2010, pp. 51-52, omissões minhas)

Em uma pesquisa etnográfica realizada, com adolescentes entre 12 e 15 anos de idade em uma escola municipal do Rio de Janeiro, por Helena Altmann (2007, p. 337) demonstra como a “suposta ‘normalidade’ de como é visto um garoto se relacionar com várias garotas pode estar ligada a uma percepção social de que homens teriam mais necessidade de sexo do que mulheres’. Mas essa “normalidade” e “necessidade” sempre estão pressupostos relações sexuais entre homens e mulheres, e não entre pessoas do mesmo sexo-gênero. Nesse momento, quando Ricky Martin é questionando “quando vai acontecer?” ou “quando você vai estar pronto?” O pressuposto é de estar pronto em fazer sexo com uma pessoa do sexo-gênero oposto.

Dentro desses ensinamentos sobre como se deve ser um homem há um pressuposto de que um homem deve ser heterossexual. Não é difícil de imaginar que Ricky Martin precisou lidar não só com a pressão do seu círculo social próximo, família e amigos, sobre seus relacionamentos afetivo-sexuais como também teve que lidar com uma pressão quase global por ocupar um lugar de símbolo sexual masculino, sobretudo nossa-americano.

Depois da minha primeira experiência com uma garota, também tive algumas experiências com homens e, apesar de não querer enfrentar a questão, estava bastante ciente da minha sexualidade. Por dentro, sentia que estava lutando com sentimento contraditórios, mas o terror que eu tinha de descobrir – assumir então, nem pensar – a minha homossexualidade era tamanha que eu dava um jeito de não ter tempo para parar e analisar com sinceridade o que estava sentindo. Culturalmente, sempre fui ensinado que amor e atração entre dois homens era pecado, então, em vez de enfrentar o que estava sentindo, enterrei tudo, porque me assustava. (MARTIN, Ricky, 2010, p. 65)

Este depoimento de Ricky Martin sobre o “terror” ao lidar com seus sentimentos, e de como foi ensinado de que “amor e atração entre dois homens era pecado” não é uma particularidade sua, mas uma construção histórica que o filósofo francês Michael Foucault descreve como um dispositivo fundamental para o desenvolvimento do capitalismo que “só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção [...]. (FOUCAULT, Michael, 1933, p. 133). Se o corpo e a sexualidade de Ricky Martin não pudessem ter sido controlados e adestrados como heterossexual, o forçando à negação

sobre o que sente por homens, ele seria um sexy simbol masculino latino-americano? Esse controle do corpo resulta justamente o que Ricky Martin nos narra: terror, luta contra si próprio, e medo sobre como será tratado pela sociedade. Como consequência:

[...] conheci uma mulher maravilhosa que era apresentadora de um programa de televisão de muito sucesso, e desde o momento em que a vi me senti atraído por ela. Além de ser uma das mulheres mais lindas que já conheci – alta, loira, elegante como uma primeira dama, com o estilo, o ar e a classe de alguém como Coco Chanel e com a beleza e a sensualidade de uma Brigitte Bardot –, é uma mulher inteligente, doce e atenciosa. Logo começamos a namorar, e ela virou minha companheira, minha amiga, minha tudo. [...] depois que terminamos, passei alguns anos agindo como o típico macho alpha, um total conquistador. Era jovem e famoso, era artista, e me dediquei a sair com todas as mulheres que apareciam no meu caminho. Não me preocupava se eram solteiras, casadas, viúvas ou divorciadas. O que queria era me divertir e viver o máximo. Queria me conhecer e experimentar coisas novas. Não sei se na época desejava provar alguma coisa para o mundo, ou para mim, ou se estava apenas deixando a situação fluir com toda a fúria e a euforia da adolescência. Ao longo desses anos, também tive experiências com homens – parte da minha experimentação –, mas nunca eram relacionamentos que duravam ou que tenham marcado minha vida de alguma maneira. (MARTIN, Ricky, 2010, pp. 83-84, omissões minhas)

Além do pressuposto da heterossexualidade, ou melhor descrevendo, da presunção compulsória à heteronormatividade, existe também o controle sobre a racialização do desejo. O que está exposto na sua narrativa é sobre o desejo do homem por uma determinada mulher com determinados signos, “alguém como Coco Chanel” e de beleza que se enquadre fisicamente como “loira”, “alta” e “elegante”. Estes marcadores denunciam o tipo de mulher amada por ele, uma mulher branca dentro de um padrão de beleza norte-centrado. Fora, inclusive, da estética da mulher latino-americana que em geral tem traços indígenas e/ou negros e com uma diversidade de cor de pele e cabelos, altura e outros fenótipos. Até chegamos ao ponto do primeiro grande amor gay de Ricky Martin:

[...] havia todo tipo de coisas confundindo a minha cabeça. Foi nessa hora que o universo colocou outro grande amor no meu caminho – um amor daqueles em que você mergulha de corpo e alma, e dessa vez foi um homem, por quem quase desisti de tudo. [...] Ele era um homem muito bonito, é claro, mas eu já vi muitos homens bonitos na vida. Esse homem tinha uma coisa especial, muito especial; foi magnético. Foi como se nos conhecêssemos há muito tempo. Ele me entrevistou para o programa dele, e eu ficava me perguntando: “Estou sentindo uma vibração vindo dele, ou estou imaginando? Se o que estou sentindo é verdade, vou mergulhar sem medo”. (MARTIN, Ricky, 2010, pp. 88-89) [omissões do minhas]

“Estou sentindo uma vibração vinda dele, ou estou imaginando?”. Essa pergunta que Ricky Martin se faz para tentar entender qual é a real interação afetiva entre ele o homem com que ele se encontra revela mais do que apenas uma pergunta, digamos, romântica. O que nosso autor também nos revela é a diferença entre um encontro casual entre um “homem” e uma “mulher” pode haver a tranquilidade de uma pergunta: “estou sentindo uma vibração vindo de você, ou estou imaginando?” E a resposta seria dada, de modo comum. Talvez, em hipótese, um sorriso de canto de boca, talvez um convite para tomarem um café ou ouvir um show ao vivo em um barzinho de casais – heterossexuais. Mas, quando este sentimento – ou melhor, essa vibração, acontece por uma pessoa do mesmo sexo, os protocolos são outros, e cheio de precauções para proteger a própria carreira e, até mesmo a vida.

Pode ser que eu o amasse mais do que ele me amava, ou talvez ele ainda tivesse que se encontrar em alguns outros aspectos da vida dele. Quem sabe? O fato é que nós dois balançamos um ao outro. Enquanto estava com ele parei de ter medo da minha sexualidade, e estava pronto para enfrentá-la e anunciá-la para qualquer um e para todo mundo que estivesse disposto a ouvir. Foi por causa desse relacionamento que me assumi para minha mãe. Quando acabou, ela percebeu que eu estava muito triste e perguntou: “Kiki, você está apaixonado?”. “Estou, mami”, respondi, “totalmente apaixonado”. “Aaaaah”, ela disse. “E é por um homem que você está apaixonado?” “Sim, Mami. É um homem”. (MARTIN, Ricky, 2010, p. 91)

Ao encontrar alguém que nosso autor pudesse amar e se sentir amado, mesmo que sentindo que em proporções diferentes, mas alguém que fizesse ele parar de ter medo de sua sexualidade – poderíamos dizer uma fortaleza que nos protege do mundo lá fora – Ricky Martin sente a coragem de dizer para sua mãe que ama, e ama um homem. O que se quer expor aqui é que, diferente dos relacionamentos heterossexuais cisgênero, onde simplesmente apresentamos à família e aos amigos: ‘essa é a pessoa que amo’, dentro das relações homo afetivas é preciso haver uma cumplicidade, afeto, apoio e segurança em ambos do casal – seja na relação entre ele, seja na trajetória em que cada um percorre até o encontro acontecer.

O relacionamento com esse homem em particular me ensinou muito sobre emoções, mas nos anos que se seguiram aprendi mais ainda. Aprendi que é muito fácil se perder no sofrimento. O sofrimento vem, seduz você, brinca com você, e você se identifica com ele a ponto de acreditar que a vida é assim. Quando se sente esse pesar no coração, na maior parte do tempo os parâmetros do sofrimento e do alívio ficam vagos, e é muito fácil ficar preso ao que já se conhece: o sofrimento. Perdemos a memória e esquecemos os

momentos de paz em que tudo era claro e a gravidade era uma aliada. Tudo bem se sentir machucado – é humano. É importante sentir, mas você não pode se apegar à tristeza, à aflição ou a amargura por muito tempo porque elas são inevitavelmente destrutivas. [...]. No entanto, quando o relacionamento com esse homem acabou, estava me sentindo muito perdido, e toda a energia que havia investido em amá-lo estava agora sendo investida em pensar. Eu hiper analisava tudo. Tentei achar um sentido para o que tinha acontecido comigo. O que senti por ele foi muito forte, e o que me restou foi enfrentar o abismo aterrorizante da minha sexualidade. Não sabia o que fazer com todos aqueles sentimentos; estava com medo da intensidade deles e assustado por sentido aquilo por um homem. Assim como tinha me enchido de coragem para sair do armário por causa desse homem e, ser rejeitado por ele solidificou todas as minhas dúvidas e temores. Já estava difícil ser latino em Hollywood; o que poderia ser mais difícil do que ser latino e gay? (MARTIN, Ricky, 2010, p. 92, omissões minhas)

Existem muitas ‘saídas do armário’. Há um processo de autoconhecimento na trajetória de Ricky Martin que podemos trazer para este momento da narrativa. O termo “sair do armário” é usado quando pessoas homossexuais saem do lugar de esconder suas relações afetivo-sexuais com o mesmo sexo para tornar público tal orientação. Entretanto, este movimento de dizer ao mundo quem é esconde uma política de repressão social substancial na constituição destes sujeitos.

Como vimos, Rick Martin precisou de anos de silêncio e reflexão para dizer ao seu público que é homossexual. Ele precisou encontrar um “amor”, ou seja, alguém que o deslocasse das zonas de desconforto heterossexista e para aceitar a confortável zona de amar e ser amado enquanto sujeito. Primeiro foi preciso ele sair do armário para ele mesmo e depois para o público. Mas não é só isso, há também em sua narrativa uma questão intrigante. “O que poderia ser mais difícil do que ser latino e gay?”. Esta pergunta traz outro processo de autoconsciência, a da sua nacionalidade. Ser nosso-americano para seu contexto de poder é algo que o prejudica tanto quanto ser homossexual estando nos Estados Unidos da América.

Ainda existe outra categoria a ser exposta em sua narrativa. Ele diz que já havia conhecido muitos “homens bonitos”. Considerando que seu padrão de beleza feminina está diretamente ligado a um padrão eurocentrada e colonizada como: “loira” e “alta”, fica a pergunta: qual seria este tipo de “homem bonito” que ele diz ter passado por sua vida? Ricky Martin não descreve como é esse seu primeiro grande amor corpo homem. Não vamos pressupor, mas vale a pena trazer que a experiência dos homens negros gays tem

suas particularidades dentro de um continente que sofreu, e ainda sofre com o racismo:

No processo de desenvolvimento dos garotos negros está colocada, desde sempre, a possibilidade de afirmação e proteção de si pela via da submissão ao modo de vida do sequestrador, no caso, do homem-branco-heterossexual. A masculinidade ocidental que sustenta a lógica violenta do patriarcado é branca. Como não é possível a um homem negro deixar de ser negro, ele negocia a autopreservação e o amor do sequestrador, incorporando seus códigos morais e comportamentais, transformando-se num macho-beta. Isso porque, numa sociedade em que se defende, de inúmeras formas, a supremacia branca, o papel de macho-alfa pertence somente aos homens-brancos-heterossexuais que fundam e refundam *ad infinitum* esse sistema. (VEIGA, Lucas. 2018 p. 80-81)

Afirmar “homem bonito”, dentro desse sistema como descrito por Lucas Veiga, deixa muito aberto sobre qual estereótipo de beleza, ou melhor, quais são os corpos que têm o direito de serem desejados em uma sociedade historicamente marcada pelo racismo.

Na verdade, o problema não eram tanto os rumores sobre minha sexualidade. O problema real era eu mesmo não saber como me sentia sobre o assunto. Apesar de ter tido relacionamentos com homens depois de me separar do meu primeiro amor, ainda não estava pronto para me aceitar como gay. Meu momento ainda não havia chegado, e, apesar de todos sabermos agora que os rumores se baseavam na verdade, na minha cabeça, ainda não era um fato. Era um assunto que constantemente eu precisava enfrentar e me causava muito sofrimento e ansiedade. Toda vez que alguém escrevia em uma matéria que eu era homossexual, cada vez que me perguntavam sobre isso em uma entrevista – e não muito sutilmente –, eu me afastava ainda mais da minha verdade. Os rumores e as perguntas só aumentavam minha insegurança e minha auto rejeição; eles me faziam lembrar todos os motivos pelos quais não me sentia bem comigo mesmo. Às vezes, sentia que me odiava. Como isso era apresentado sempre sob um ângulo tão negativo, como uma coisa escandalosa e ruim, meu desejo de negar meus sentimentos era reforçado. E como naquele momento eu estava longe de estar pronto para me assumir, o único resultado era que tudo me causava uma enorme dose de sofrimento. (MARTIN, Ricky, 2010, p. 148)

Quais são os custos sociais, econômicos e de saúde mental ao não corresponder à integralidade hegemônica esperada pela sociedade a partir do seu corpo biológico? Esta é uma questão subjetiva e, talvez, imensurável, do ponto de vista coletivo. Não há como pensarmos em um “padrão de dor” em que todos os homossexuais passam. Podemos afirmar que cada sujeito vivencia e experimenta sua sexualidade de modo bastante particular. Um gay negro da periferia da cidade de São Paulo irá habitar sua masculinidade e sua sexualidade de um jeito completamente diferente de um gay mexicano imigrante nos

Estados Unidos da América.

Ainda assim existe o fato de que, por exemplo, o Brasil é o país que mais mata LGBTI+ no mundo⁴⁶. O mercado de trabalho não garante a estes sujeitos todos os direitos iguais aqueles que se autodeclaram heterossexuais e quando a sexualidade está associada a outros marcadores como raça/etnia, geografia, geração etc. De acordo com uma pesquisa feita pela rede social profissional LinkedIn⁴⁷, 35% dos entrevistados LGBTI+ já sofreram algum tipo de preconceito no ambiente de trabalho.

É de se esperar que mesmo ocupando um lugar de privilégio ao tornar-se um dos símbolos sexuais mundiais exportando uma latinidade hegemônica masculinista e até mesmo educado dentro de determinados padrões da sociedade patriarcal, o próprio Ricky Martin revela este incômodo e medo em dizer e se expressar sobre quem julga ser e amar. Voltamos à pergunta que encerra essa exposição de Ricky Martin para iniciarmos a leitura da obra de João W. Nery: quais são os custos sociais, econômicos e de saúde mental ao não corresponder à integralidade hegemônica esperada pela sociedade a partir do seu corpo biológico?

2.3.2 João W. Nery

Nosso segundo autor é historicamente reconhecido no Brasil por ser um dos primeiros homens transexuais a passar por cirurgias e outras intervenções para a transição de sexo. João W. Nery faleceu no ano de 2018 e deixou uma trajetória política importante para toda a comunidade de transexuais e travestis do país. Por conta de sua visibilidade e ativismo, e de muitas pessoas da comunidade LGBTI+ a Lei 6.015 de 1973 teve seu artigo 58 alterado reconhecendo a identidade de gênero.

Entretanto, esta conquista só foi possível por uma trajetória de vida que o motivou

46 Ver: O GLOBO. “**Brasil segue no primeiro lugar do ranking de assassinatos de transexuais**”. SOCIEDADE. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-segue-no-primeiro-lugar-do-ranking-de-assassinatos-de-transexuais-23234780>> Acesso em 12 de jul. de 2019.

47 Ver: G1. “**Metade dos profissionais LGBT assumiu orientação sexual no trabalho, diz pesquisa**”. ECONOMIA. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2019/06/25/metade-dos-profissionais-lgbt-assumiu-orientacao-sexual-no-trabalho-diz-pesquisa.ghtml>> Acesso em 12 de jul. de 2019.

escrever sua autobiografia. Em quase toda sua narrativa de vida, João precisa constantemente de se auto afirmar em determinados marcadores sociais para habitar um gênero que a sociedade não o enxergava como tal. Com isso poderemos observar, inclusive, questões que já estão no debate acadêmico sobre a sexualização das profissões.

A sensação de estar sendo observado pela nuca, sem defesa, e de não poder corresponder à aparência de um homem maduro e responsável. [...] durante um ano e meio fui motorista de táxi. Apesar do ofício neurotizante pelo barulho, pelos engarrafamentos e, sobretudo, pela intolerância dos motoristas, era gratificante o fato de estar exercendo, pela primeira vez, uma profissão basicamente masculina. (W. NERY, João, p. 22, omissões minhas)

Antes de avançarmos pela questão da vida adulta de João W. Nery, vamos começar por sua infância. “A transexualização vivenciada durante a infância apresenta algumas semelhanças: as brincadeiras e os jogos com outras crianças; as estratégias de disfarce da transexualização e o relacionamento com a família e com os amigos.” (SILVA, A. Lima *et* OLIVEIRA A S Adélia, 2015, p.491). De brincadeiras até ações de auto violência, João W. Nery nos narra como era seus períodos de infância e adolescência:

Geralmente, crianças adoram ganhar roupas novas nos dias de festa. Entrava em pânico quando mamãe nos carregava para a costureira. Relutava. A única coisa que conseguia reivindicar era que, pelo menos, o vestido tivesse gravata e bolsos. Mamãe não entendia ou fingia não entender. [...] pressentia que o errado deveria ser eu, e não eles, mas que confusão! O pior é que quanto mais crescia, mais exigências iam sendo feitas, aumentando as dificuldades. Sabia não possuir um pinto tão grande como o dos meninos da minha idade. Mas alimentava a esperança de que ainda crescesse. Deitava na cama e ficava puxando meu “pinto”, para ver se aumentava. Ao acordar, a desilusão! Tudo continuava na mesma. Nenhuma fada apareceu. Nenhum milagre acontece. Aos poucos, fui sentindo vergonha do meu corpo. Não ficava nu diante de ninguém. Era como se tivesse um defeito físico, um aleijão. Não trocava mais de roupa na frente das meninas e me envergonha quando o inverso ocorria. (W. NERY, João, pp. 32-33) [omissões minha]

Uma vez, experimentei colocar dentro das calças um objeto cilíndrico, para sentir a prazerosa sensação de ter um pênis grande. [...] quando entrei na adolescência, ainda não existia sequer o conceito de transexualíssimo. Eu me sentia um homem, com um físico inexpressivo, que não convencia ninguém. Eu não me via de forma alguma como homossexual, embora os outros assim o fizessem. Desconhecia outra “categoria” na qual pudesse me enquadrar e tampouco sabia de pessoas iguais a mim. Sentindo-me um fenômeno único e sem o amparo de explicações, travava uma batalha tenaz contra a marginalização. Mais tarde aprendi que a sociedade, em sua empedernida e bem traçada moral, não criticava um marginal se tivesse

dinheiro ou nível intelectual. Ambas as situações eram dignas de respeito. Sua condição mudava até de nome: passava a ser “excêntrico”. Como a primeira alternativa era difícil obter, resolvi firmemente me dedicar à segunda. Não importava se existia ou não vocação. Era uma questão de sobreviver com menos angústia. Precisava ser visto somente pelo prisma do estigma. [...] as pressões familiares e sociais iam pouco a pouco aumentando. A família tentava, de uma forma ou de outra, mostrar-me os aspectos mais positivos e motivantes da condição de ser mulher, elogiando-me tanto pelas feições do rosto quanto dá pela boa altura. Diziam que, se eu quisesse, poderia ser uma mulher extremamente bonita e interessante. Bastava “querer” e me arrumar um pouco. (W. NERY, João, pp. 52-54) [omissões do autor]

A experiência transgênero nos revela o quanto os sistemas sexuais normalizados na sociedade imputam condições precárias para uma construção de sujeitos e seus valores de modo violento. Efetivamente não podemos escolher a nossa “natureza biológica” e essa corporeidade que nos toca não deveriam ser fatores fundantes sobre o que devemos aparecer para a sociedade. Observe o quanto não ter um falo, em uma sociedade binária, patriarcal e heteronormativa afeta diretamente como João se sente em relação ao Outro e a si próprio.

Pensei, então, pela primeira vez, na necessidade social de portar um pênis postiço. Mas como? De quê? Principiei dando uma olhada geral ao meu redor. O que poderia usar para suprir a falta? Teria de ser algo macio e não muito grande, com um formato apropriado. Mas o quê? Olhava, olhava, pegava um objeto parecido, experimentava-o, não servia. Não me decidia por nada. Achava sempre um defeito qualquer. Verifiquei que o meu grau de exigência estava altíssimo e que, com isso, não iria resolver o impasse a tempo. Um dia, quando saía do banho, ao puxar a toalha, as meias penduradas no ferro da cortina vieram juntas. Eureka! Enrolei-as, amassando um pouco para não ficarem tão arredondadas, obtendo um formato melhor, semelhante ao que precisava. Coloquei-as dentro da cueca. Temporariamente, estava resolvido o problema. Entretanto, o resultado dessa operação não foi tão simples. Um sério mecanismo de inversão começou a se esboçar. Não só me preocupava agora com que tudo estivesse perfeito e natural, no lugar certo, como um novo comportamento surgia em consequência desse uso: passei a me sentar de pernas abertas, provocando posições em que pudesse evidenciar a existência dos meus genitais, numa típica atitude de autoafirmação, e por que não, de puro exibicionismo. (W. NERY, João, p. 201)

Este sentimento de falta de um pênis associado a uma masculinidade incompleta é discutido desde o alemão Freud, passando pelo francês Lacan no campo da psicanálise, como também pela psiquiatria no campo médico e pela psicologia. Ainda há muito o que ser aprofundado sobre o tema na atualidade. Há autoras como Berenice Bento e Guacira

Louro que tentam tirar do campo patologizante o debate sobre este sentimento de incompletude que vivem transgênero, sobretudo homens trans, para o campo da sociologia e pedagogia. Essa ideia podemos observar justamente na própria narrativa de João, ou seja, no seu esforço de demonstrar que boa parte de suas angústias estão no modo com a sociedade em que está inserido o vê por não ter um pênis.

Havia um abismo entre como me viam e como me sentia. Adorava brincadeiras consideradas de menino. Era reprovado. Gostava de me vestir como os garotos, tentando rivalizar e competir com eles. Era ignorado. Tremia e me apaixonava pelas meninas, mas era impedido de me declarar. Meus sonhos eram ser um super-herói, mais tarde casar com uma princesa e ser pai. Era incompreendido. Passei então a esconder meus sentimentos e minhas aspirações. Fazia ginástica para me tornar forte. Arranjei uma namorada sem que ninguém, nem mesmo ela, tomasse conhecimento. Mas o que acontecia? Será que o mundo estava de cabeça para baixo? Meu modelo mais fiel de assumir a personalidade de Zeca e saber como agir em determinadas circunstâncias era o seu Sebastião. Homem humilde, pintor de paredes, morava na parte coberta da garagem. Tornou-se um agregado da família, fazendo pequenos serviços para retribuir a moradia gratuita: conserva o ferro elétrico, pintava a casa ou lavava o carro. (W. NERY, João, p. 37).

Esse não enquadramento sobre o que se espera de si começa a atravessar a narrativa de João de modo com que as precarizações de direito, a vulnerabilização social e outras violências subjetivas começam a traçar sua trajetória evidenciando a marginalização vivida por muitos transgêneros.

Transformei-me literalmente num marginal, pois vivi à parte, à margem. Não pertencia nem ao grupo majoritário heterossexual e aceito, nem a qualquer grupo minoritário e discriminado. Não me sentia mulher nem homossexual. Ainda desconhecia todas as categorias “inventadas” em meados do século XX. Sabia que não era aprovado pela maioria. Em que grupo existente me enquadrava? [...] quando sentia medo, pelo menos pressupunha um objeto, uma ameaça, algo que eu pudesse de algum modo contornar ou dele fugir. Porém, nessa angústia nada me ameaçava claramente. Não havia um objeto a ser enfrentado para prosseguir minha estranha caminhada existencial. Percebi, então, que o “sem sentido” e o “sem valor” da minha angústia me tornavam um estrangeiro neste mundo tão cheio de categorias. A ironia era precisar de um rótulo, do que todos tentam fugir. (W. NERY, João, p. 45) [omissão do autor]

A marginalização fez com que João se recolhesse a uma solidão. Solidão essa narrada no silêncio de Ricky Martin. Entretanto, no caso de João a solidão se expressa não por sua orientação afetivo-sexual, pois ele é heterossexual, diferente de Ricky Martin que

é homossexual, no caso de João a solidão o atravessa por sua identidade de gênero que difere daquela imposta pela sociedade.

Continuei com minhas crises de solidão. Agora mais frequentes. Principalmente, quando se abria uma brecha na ilusão, e o real me abarcava por inteiro, derrubando-me numa prostração. Como um catatônico, crispava os dedos, enrijeceu o corpo, fechava os olhos numa recusa ao existente. E, ao abri-los novamente, constata o que temia: nada havia mudado. (W. NERY, João, p. 59)

Ninguém melhor do que eu para poder dizer do doído que sentia, sem escamoteação. Precisava me enfrentar. Ver-me nu, com os defeitos ali expostos, sem escudos para conseguir combater a pusilanimidade que me tomava por completo. – Vai, continua fantasiando. (W. NERY, João, p. 61)

Estava cansado deste armazenamento de amor cativo, de vontade proibidas. Continuar claudicando, sem poder ser, contando apenas com direitos amordaçados. O consolo era brincar com o meu caleidoscópio mental! Não adiantava me inventar e reinventar. Os dias prosseguem sem gozo. Uma dor lancinante, com minha alma alheia ao corpo que a vestia. Oprimida por ser sempre a sombra de um vulto que ninguém via. Tudo o que passava e que nunca passava. Precisava me rasgar todo. Abrir-me completamente. Acabar com este sem nexos. Parar de só me roçar em tudo superficialmente. Mergulhar mais fundo na minha alma! Precisava de o alívio de poder viver partilhando meu corpo. Não queria que a esperança me forçasse a dormir continuamente. Desse desterro habitado por mim, uma pergunta ficava sempre sem resposta: “E por quem foi que me trocaram?” (W. NERY, João, p. 73)

Não podia demonstrar minha afetividade na rua nem em casa. Era obrigado a mentir, para sair com Dolores. Minha mãe costumava dizer, em tom malicioso, que me “fixava” em determinadas amigas. Para acabar com esta farsa, resolvi abrir o jogo. Armei-me de coragem, chamei minha mãe no quarto. Pedi para que se sentasse, sem me interromper. (W. NERY, João, p. 75)

Com já dito, existem muitas ‘saídas do armário’. João conseguiu, neste momento dizer à mãe como se sente. Agora ele começa outras experimentações que envolvem o sexo enquanto ato. O interessante aqui é percebermos o quanto a masculinidade também está imbricada em um tipo específico de performance com o Outro. A seguir, veremos uma sequência de excertos que expõe estas especificidades esperadas das condutas dos homens sobre o sexo enquanto ato.

Nunca fui adepto da restrição de papéis bem definidos no âmbito sexual. No eu caso, uma variável interferia decisivamente. Por falta de definições

apriorísticas, dando margem a me confundir com uma mulher, a clareza de papéis passou a ser um recurso indispensável, para maior integração comigo e com a parceria. Num vínculo hétero, pelas próprias condições sociais e anatômicas, tudo está definido de saída. Seja o homem ativo, seja o passivo, a sua identidade sexual não é questionada. Tinha de lançar mão de certos artifícios para fazer compreender como me sentia. De qualquer forma, não creio que a sintonia seja tão pereira quando, num casal, ambos são passivos ou totalmente ativos. Na verdade, ninguém é inteiramente uma coisa em outra. Existe também a questão da preferência, de como o sujeito gosta mais de amar e ser amado, independentemente dos papéis. (W. NERY, João, p. 77)

Minha expansão sexual não se restringiu apenas ao fato de andar de peito nu dentro de casa. O fortalecimento da autoimagem me proporcionou uma reintegração maior como todo o meu corpo. Com o tempo, deixei Mercedes tocar nos meus genitais, mas só se fosse com um trato masculino. Fui desenvolvendo comportamentos adaptativo para suprir as deficiências como macho. (W. NERY, João, p. 94)

Chegamos a um ponto da narrativa importante em que João revela como percebe a masculinidade no modo como os homens se relacionam entre eles. Neste sentido abre-se uma porta para pensarmos sobre uma sororidade masculina, ou podemos também dizer em uma cumplicidade masculina.

Foi o táxi que me mostrou mais claramente algo que, enquanto mulher, jamais experimentara: o relacionamento entre dois homens. Há um companheirismo, uma solidariedade, uma espécie de carinho, mesmo quando não são amigos, que nunca senti entre duas mulheres ou mesmo entre um homem e uma mulher. É uma camaradagem, uma expansividade afetiva intensa e espontânea, seja para comemorar o nascimento de um filho, seja a vitória de um time de futebol. (W. NERY, João, p. 114)

Viver dois gêneros numa só vida era enlouquecedor. Estar sempre pulando de um lado para outro. Uma hora, engrossava a voz, em outra era obrigado a afiná-la; ou me viam como um menino de 16 anos e me barraram em qualquer ambiente impróprio para menores, ou como mulher que já passava da idade de casa. Num primeiro contato, nunca sabia como estavam me vendo. Antes de falar, esperava pelo tratamento, se ia ser senhor ou senhora. Só então sintonizava meu modo de agir. Estava farto de condutas tão diametralmente opostas, em que minha imagem era jogada pelos outros conforme as conveniências. (W. NERY, João, p. 129)

Terminamos o último subcapítulo com uma questão, sobre o custo de não representar o esperado pela sociedade a partir do corpo biológico. Um caminho para uma possível resposta pode começar a ser esboçada por este último excerto que trazemos da obra autobiográfica de João W. Nery. Ao conseguir documentos do gênero que ele se

identifica e passar pelos processos cirúrgicos e de hormonização à transição sexual, João se vê um homem oficialmente analfabeto, sem direitos trabalhistas e juridicamente marginal.

Dez dias depois, estava eu, perfilado, diante da bandeira do Brasil e, enquanto prestava juramento de servir ao meu país em caso de ameaça externa, pensava que, enquanto Joana, eu era psicóloga, fazia mestrado, dava aulas em três universidades e mantinha um consultório repleto de clientes. Agora, como João, tinha perdido todo o meu currículo escolar e de vida. Era um analfabeto, sem direito nem aos anos de trabalho em carteira. Não entraria na Justiça porque havia a exigência do término cirúrgico e não correria o risco de ficar à mercê de juízes, cuja maioria continuava preconceituosa e ignorante sobre a questão da transsexualidade. (W. NERY, João, p. 234)

No Brasil, a discriminação contra pessoas transgênero faz com que eles sejam expulsos não só da família, mas também da escola⁴⁸. Essa vulnerabilização e precarização de direitos colocam pessoas transexuais, na maior parte dos casos, ao trabalho compulsório de prostituição. A gravidade desta situação resultou em uma das principais políticas públicas destinada a este grupo populacional durante a gestão de Fernando Haddad na Prefeitura de São Paulo. O Transcidadania⁴⁹ foi um programa que originalmente uniu políticas públicas como Educação para Jovens Adultos e qualificação profissional associado à transferência de renda para travestis e homens e mulheres transexuais da capital do Estado de São Paulo.

A corporeidade aparece como uma ferramenta que materializa a justificativa da exclusão, vulnerabilização e precarização de direitos de qualquer sujeito desviante das normas. Pelo menos é o que aparece nas narrativas de Ricky Martin e João W. Nery. Seguimos com nosso terceiro autobiógrafo, Lázaro Ramos. A publicação de sua obra ocorre quase uma década depois dos dois primeiros autores, podemos observar outras preocupações em relação à masculinidade, entretanto, no caso dele a forte racialização de

48 Ver: CORREIO BRAZILIENSE. “**Discriminação rouba de transexuais o direito ao estudo. Agressões, ameaças e diversos tipos de violência simbólica fazem com que as pessoas trans sejam especialmente suscetíveis à evasão educacional**”. ESPECIAL. Disponível em: <<http://especiais.correiobraziliense.com.br/violencia-e-discriminacao-roubam-de-transexuais-o-direito-ao-estudo>> Acesso em 12 de jul. de 2019.

49 Ver: UOL. “**Transcidadania resgata dignidade de grupo alvo de preconceitos**”. NOTÍCIAS. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/opiniao/coluna/2015/02/13/transcidadania-resgata-dignidade-de-grupo-alvo-de-preconceitos.htm>> Acesso em 12 de jul. de 2019.

sua trajetória, o que teremos a oportunidade de aprofundar em análise na segunda parte deste trabalho.

2.3.3 Lázaro Ramos

Chegamos ao nosso terceiro autobiógrafo. Lázaro Ramos é um dos mais importantes autores, atores e produtores da atualidade brasileira. Em sua trajetória destaca-se ter sido o primeiro protagonista negro na teledramaturgia nacional. Pode-se dizer que é um avanço à cultura nacional, entretanto também veremos que ser o primeiro negro a protagonizar uma telenovela também revela o profundo racismo que vive o Brasil. Um país racializado desde sua formação a partir de uma violenta colonização que precisou, e ainda precisa, do racismo para sustentar privilégios de poucos em detrimento da maior parte da população. O que chama atenção logo de início na obra é que, assim como João W. Nery é constantemente interpolado por sua corporeidade, Lázaro também atravessado por seu corpo: o corpo negro. E isso já começa antes mesmo dele iniciar a escrita do livro, como nos revela.

Foi aí que começou a aventura. Todas as minhas ideias foram rejeitadas. E veio a provocação final: - por que não falar de sua experiência como ator negro? As duas perguntas que mais fazem a um ator negro, além das básicas “Esse personagem é um presente para você? ” E “Você prefere fazer teatro, cinema ou TV? ”, são: - Sendo um ator negro, o que acha dessa coisa toda de racismo? – Como é fazer um médico, arquiteto, sufista, Roque Santeiro, boêmio da Lapa, padre, gay, ou seja, lá quem for... negro? Quando essa última, sempre me dá vontade de responder algo bem esdrúxulo, do tipo: “Não sei, pois nunca fiz um médico, arquiteto, sufista, Roque Santeiro, boêmio da Lapa, padre, gay, ou seja, lá quem for... verde? (RAMOS, Lázaro, 2017, p. 10)

Mais uma vez a solidão aparece em nossas narrativas. Ricky Martin por não conseguir se aceitar enquanto homossexual, João W. Nery qual identidade de gênero se enquadra, e agora Lázaro Ramos, por perceber ser quase sempre “o único negro no lugar”. A solidão, aparentemente, vai se tornando mais do que um fator psicológico em se sentir sozinho no mundo, mas um dispositivo violento da sociedade, como uma punição: ou você se enquadra no que é determinado normal e aceito ou se sente sozinho. Cada personagem encontrou um caminho para se fortalecer em sua solidão, com Lázaro Ramos não foi diferente:

Ter passado a conviver com pessoas que não refletiam sobre o racismo no seu dia a dia me fez buscar argumentos para inserir esse tema nas conversas. Queria que elas percebessem o que para mim era tão claro. Queria dividir sem medo minha sensação de entrar num restaurante e ser o único negro no lugar. Queria mostrar as riquezas da cultura afro-brasileira, da qual eu tanto me orgulho e que é tantas vezes ignorada. [...] comecei a ter a clareza de que essa não é uma “questão dos negros”. É uma questão de qualquer cidadão brasileiro, ela diz respeito ao país, é uma questão nacional. Para crescer, o Brasil precisa potencializar seus talentos e o preconceito é um forte empecilho para que isso aconteça. [...] se posso fazer alguma sugestão, conselho que abra este livro não para encontrar minha biografia, mas para ouvir as vozes dos que estão ao meu lado. (RAMOS, Lázaro, 2017, p. 12-13, omissões minhas)

O chamado de Lázaro para que abramos seu livro como sua biografia, mas para ouvir as vozes dos que estão ao seu lado é um chamado, também, para refletirmos que, assim como ele afirma que o racismo também é um problema dos brancos, a homofobia também é um problema dos heterossexuais, a violência contra a mulher também é um problema dos homens, a pobreza também é um problema dos ricos.

A grande escritora Conceição Evaristo me ensinou algo que nunca vou esquecer. Ela diz que temos visto nos últimos tempos pessoas negras de estratos populares chegarem às universidades, a postos de comando no mercado de trabalho etc. São histórias exemplares, mas também perigosas. Devemos fazer uma leitura de que somos exceção. Quando nos perdemos muito a esse elogio da história pessoal (“ela veio da favela e conseguiu”), corremos o risco de dizer que o outro não conseguiu porque não quis, e isso não é verdade. A exceção simplesmente confirma a regra. (RAMOS, Lázaro, 2017, p. 63)

O dispositivo violento, de sentirmos solitários, é também um argumento para justificar que se um gay chegou onde chegou, como Ricky Martin, qualquer outro pode. O mesmo com João W. Nery, e como exposto acima por Lázaro Ramos, “a exceção simplesmente confirma a regra”.

Um jeito que o Brasil arrumou para não valorizar esse passado das nações africanas foi tratar o passado europeu como a História (com H maiúsculo) e o passado africano como etnografia. [...]. E, como estamos falando sobre o processo de compreensão das identidades, quero seguir pensando na luta pela ocupação dos veículos midiáticos, algo que é realmente importante, porque eles têm a capacidade de disseminar modelos. (RAMOS, Lázaro, 2017, p. 82)

A pergunta que nos transpassa neste momento é de que será que um homem

negro goza dos mesmos privilégios que um homem branco em sua construção e relação social? “Observem que os imigrantes europeus geralmente sabem descrever com detalhes suas histórias e erguem museus para preservar a memória de seu povo. Onde estão a valorização e a preservação da nossa? ” (RAMOS, Lázaro, 2017, p. 20). Essa narrativa evidencia o passado colonial que o Brasil, e todos os países latino-americanos passaram a partir do século XV e ainda hoje sente os reflexos deste processo que incluem o que autores e autoras chamam de racismo estrutural⁵⁰.

Destacamos três autores importantes para melhor compreender esse cenário. A filósofa e doutora em educação Sueli Carneiro (2011) que esmiúça, em uma série de artigos publicados entre 1999 e 2000, a relação da sociedade brasileira com seu passado escravocrata e as relações de gênero na obra *Racismo, Sexíssimo e Desigualdade no Brasil*; há também a icônica obra *O genocídio do negro brasileiro* escrito por Abdias Nascimento (2017), em que denuncia a falsa ideia brasileira de democracia racial; nossa terceira autora é ainda mais contemporânea, a filósofa Djamilia Ribeira (2017) em sua obra *O que é Lugar de fala?* A autora reflete sobre como a tomada de consciência histórica e racial do país pode “desestabilizar a norma hegemônica” e confrontar as desiguais relações de poder não só entre homens e mulheres, mas também entre brancos e negros. Estes autores serão fundamentais para entendermos no segundo capítulo os significados das masculinidades desde Nossa América.

A partir da narrativa de Lázaro e nossa introdução sobre a racialização das relações de poderes abre a uma pergunta: como então são criados valores e percepções próprias nas transmissões de saberes e trânsitos culturais sobre o que é ser homem e masculino no caso das experiências negras, considerando este passado tão presente em sua cotidianidade?

Zebrinha, meu mestre artístico e de vida, que me ensinou muito sobre ser um homem correto, ser negro, ser artista, e que por acaso, é coreógrafo do Bando e padrinho da minha filha. Zebrinha, meu colo e meu alento nas horas de desespero; Zebrinha me disse que às vezes nossos mais velhos tinham vergonha de seu passado, por causa de seu sofrimento. É por isso que

⁵⁰ Esse termo “racismo estrutural” tem por objetivo trazer à reflexão conceitos de racismo como estruturante nas relações sociais, com bases teóricas de estudos críticos raciais, colonialismo, imperialismo e capitalismo. Entre autores de referência no assunto está Silvio Luiz de Almeida em “O que é Racismo estrutura?”

nossa história fica com essas brechas. (RAMOS, Lázaro, 2017, p. 20)

Esse desencontro com a história coletiva, resultado de séculos de exploração dos brancos sobre os negros causam ruídos sobre como habitar o próprio ser em Lázaro Ramos. “Não era preciso enfrentar um anúncio de emprego que exigia “boa aparência”. Nos anos 1970, todo negro sabia o que essa expressão queria dizer” (RAMOS, Lázaro, 2017, p.27).

Na minha infância, não tinha esse papo de ancestralidade. Mais recentemente, numa conversa com professor Muniz Sodré, percebi que, mais do que a filosofia e a ciência, o que traz mudança mesmo são as representações coletivas, e a ficção tem um papel fundamental nessa construção. “A literatura sempre disse mais sobre o homem no Brasil que a sociologia – até hoje, muito preocupada apenas com lutas de classes. O cinema e a novela, com a força que têm hoje em nosso país, podem trazer um ataque forte aos preconceitos”, me disse Muniz [...] (RAMOS, Lázaro, 2017, p. 33)

Na narrativa de Lázaro Ramos, ele traz para quem lê sua própria jornada de autoconsciência sobre sua racialização. Ou seja, estar inserido em uma comunidade onde todos são negros não o chamou atenção sobre o lugar em que ele “deveria” ocupar na sociedade, o mesmo sentido aparece em estar presente em lugares em que ele era o único negro no lugar. Isso revela alguns ruídos em sua trajetória, inclusive em como se portar e como habitar sua própria masculinidade.

Até a quarta série (hoje quinto ano) estudei em um colégio particular na Federação. As turmas tinham um número equilibrado de negros e brancos. O curioso é que nessa escola, tão mista, ignorava-se a história dos negros. Apreendi sobre a luta de Zumbi de forma muito superficial e breve. Nas aulas sobre a escravidão no Brasil, ele aparecia como um rebelde. E ponto. Em 1995, quando já tinha dezessete anos, vivi Zumbi no teatro. [...] para ser sincero, eu nem mesmo ouvia o termo negro dentro de casa. “A gente, que é assim, tem que andar mais arrumadinho”. A palavra “assim” dizia tudo e nada ao mesmo tempo. E o padrão “arrumadinho” daquela época não era o mesmo que os negros adotam hoje. Dindinha usava o cabelo para trás, cuidadosamente preso. O único produto de maquiagem que tinha era um pó de arroz que deixava sua pele meio cinza. Eu achava estranho, mas não dizia nada. As meninas da família estavam sempre com trancinhas comportadas. Já o meu cabelo era bem curtinho, repartido e puxado para um dos lados, e eu viva cheio de talco no pescoço “para ficar cheirosinho”..., mas aquela diversãozinha de cabelo não era muito natural, a meu ver. Anos depois, quando eu ingressei no Bando de Teatro Olodum, passei a usar vez por outra dreadlocks – um exemplo típico de negociação estética de aspectos de identidade negras, que fugiam do que até então eu usava

normalmente. Acho que isso começou lá com minha mãe, que intercalava o uso de cabelo alisado com chapinha com o novo visual trancinha afro. [...] meu corpo vivia numa dúvida de até onde poderia ir. Eu pensava sempre em como meu corpo devia ocupar os espaços. Eu me sentia dono dele, pela forma como a minha família me tratava, e sabia que eu mesmo poderia definir meus limites, mas o mundo começava a me dar sinais de que talvez não fosse tão simples assim. (RAMOS, Lázaro, 2017, pp. 33-36)

Ser desejado também é uma questão que aparece na narrativa. Se a condição racial é um elemento importante na constituição do sujeito, ela também está presente em como este mesmo sujeito é desejado pelo Outro. Na tentativa de driblar a solidão que tocou João W. Nery por sua transsexualidade, e do silêncio necessário para a compreensão da homossexualidade no caso de Ricky Martin, Lázaro Ramos torna-se então o “melhor amigo” das meninas, como podemos ver a seguir.

Era a primeira época dos bailes de quinze anos e das primeiras festinhas sem adultos por perto, e eu não podia me sentir mais rejeitado. As meninas escolhiam seus pares para dançar suas paqueras do momento. Eu não estava entre as opções. Ficava um canto do salão, sem ter nem com quem conversar. Quando alguma menina me dava mais papo, eu mal conseguia falar, pela falta de exercício. Estava tão acostumado a ser deixado de lado que não sabia o que fazer, não sabia nem sequer distinguir se aquele papo tinha segundas intenções. Adotei então o papel do melhor amigo. (RAMOS, Lázaro, 2017, p. 43)

Chegamos a um dos trabalhos mais importantes para Lázaro Ramos, quando ele interpretou um dos personagens LGBTI+ mais icônicos da história brasileira. Estamos falando da carioca Madame Satã.

Satã era negro, gay, pobre, e seu corpo era sua única arma. E ele fez uso dessa arma, seja na capoeira, na sexualidade ou como artista nos palcos. Entender esse personagem como um homem que conseguiu se reinventar a despeito do pouco acesso a dinheiro e status social me fez perceber como é possível – e necessário – contar boas histórias invertendo o ponto de vista comum: Satã não é tratado como um coadjuvante de sua própria vida, ele é o senhor do seu destino. Ele tem características que eu até hoje busco em meus personagens e que podem ser resumidas do seguinte modo: ele não pode ser explicado numa frase. Vocês não podem imaginar o medo que senti desse anti-herói. Eu tinha apenas 21 anos e, sinceramente, não sabia se teria capacidade de expressá-lo em toda a sua complexidade. E, se conseguisse, sua força era tamanha que eu tinha medo de ficar marcado como ator de um personagem só. No final, posso dizer que foi libertador. Encontrei um diretor – Kim Aïnouz – que me desafiava o tempo todo e sempre achava que eu podia fazer mais. Ele me ensinou que eu deveria ser livre em cena e isso foi um marco na minha trajetória, porque o maniqueísmo, em algum momento, poderia ser uma prisão. Explico: a busca

constante por representatividade negra no palco e o desejo de suprimir as lacunas que uma dramaturgia viciada nos impõe poderiam me levar à ideia de que só devemos investir em heróis negros em contraposição a heróis brancos. Satã me mostrou que não é assim. Esse anti-heroísmo não maniqueísta d Satã eu reencontrei anos depois no Foguinho, meu personagem em *Cobras & Lagartos* (2006), e na comédia. [...] A partir daí, fiz vários filmes. Comecei a viajar pelo país e pelo mundo, a conhecer outras realidades, a receber prêmios. Ih, está ficando muito próximo de uma autobiografia, não é? Enfim... sigamos, pois, o barco nos trouxe até aqui. E assim se desenvolveu uma carreira cujas informações você pode acessar em blogs, sites e entrevistas. O que não está disponível nesses lugares é algo que permaneceu comigo durante todo esse tempo, algo sensorial e difícil de descrever com palavras. Os desafios de ascender socialmente e se inserir em outra realidade sendo uma exceção. Os olhares reais e os de soslaio. Os subtextos que se percebem nas entrelinhas. Os medos e as sutilezas do preconceito. A solidão. Será que consigo vencê-los? E será que consigo vencê-lo suprimindo também o desejo de exercer minha profissão com liberdade e criatividade? (RAMOS, Lázaro, 2017, p. 60) [omissões minhas]

Como ator, escritor, produtor, ou seja, uma pessoa ativa nos meios de comunicação e nos modos de produção de cultura, Lázaro Ramos está no centro dos debates sobre representação e visibilidade do homem negro na cultura brasileira. Ser negro, neste contexto, faz com que ele apresente debates profundos em como a sociedade enxerga sujeitos negros e como o racismo determina as representações válidas e até que ponto é oportunizado a visibilidade negra na sociedade, refletindo nele um sentimento de responsabilidade sobre como e quais circunstâncias seu corpo e seu personagens estarão em cena.

Há uma coisa que talvez só Taís, Tânia Rocha (minha empresária) e alguns poucos amigos saibam. Recusei muitos trabalhos em que teria que usar arma de fogo. Recusei porque a imagem que ficaria era a de um negro com uma arma na mão... e isso num contexto de normalidade. Essa cena me apavorava. Notem que, na retomada da cena nacional, a violência urbana foi um tema muito tratado. Escolho falar do cinema porque foi onde primeiro me inseri e onde se viram muito negros com armas em situação de normalidade ou embrutecimento. (RAMOS, Lázaro, 2017, p. 99)

Muitas vezes o racismo faz com que a gente não trilhe nosso caminho e comece a pautar nossas ações pela demanda do preconceito. Às vezes não seguimos adiante porque paramos nos limites impostos pela sociedade, e nós temos que caminhar mais, temos que entender a complexidade das coisas, das pessoas, temos que ter liberdade. Até onde isso é uma ação ou uma resposta ao preconceito? Estou buscando a liberdade ou respondendo aos limites que o racismo me impõe? Quero crer que escolhi uma maneira de não viver pela demanda do racismo. A não aceitar caixas que seriam mais facilmente adaptáveis, busco a libertação. (RAMOS, Lázaro, 2017, p. 102).

Fugindo de uma leitura comparativa simplista entre nossos autores, Lázaro Ramos traz uma experiência e uma contestação de sua vida que expõe um sistema perverso dentro dessa sociedade supremacista-branca-heterossexual-cisgênero. Ousamos dizer que assim como “muitas vezes o racismo faz com que a gente não trilhe nosso caminho e comece a pautar nossas ações pela demanda do preconceito” como ele mesmo diz acima, a homofobia também, a transfobia também, o sexíssimo e a misoginia também, o capacitismo também. Cada qual na sua particularidade e perversidade íntima em nossos corpos, através das histórias dos sujeitos. Lázaro Ramos afirma que prefere acreditar que escolheu uma maneira de não viver pela demanda do racismo. Será que podemos acreditar que nossos outros dois autores escolhidos e estudados anteriormente também escolheram não serem limitados pelas demandas da homofobia e da transfobia? E, se fizeram tais escolhas, essas escolhas moldaram homens e masculinidades distintas daqueles colocadas como homogêneas pela sociedade atual?

Aparentemente, quando surgem personagens como Ricky Martin, João W. Nery e Lázaro Ramos é como se eles tornam-se uma espécie de Totem, ou seja, um símbolo de cada grupo que pertencem e subjetivamente estão afirmando: é possível viver, trabalhar, ter acesso à educação, à economia, à construção de uma família socialmente aceita. Entretanto, o que observamos em suas narrativas é diferente. Esse pódio de chegada, nunca chega. Ele é constantemente atravessado por dores, por descaminhos, por provações e violências por vezes diretas e claras, e por outras vezes subjetivas e quase imperceptíveis. Nenhum deles reivindica esse lugar de totem de seus próximos, mas acabam – querendo ou não – trazendo essa possibilidade estratégica de se empoderar a partir das suas vulnerabilizações como estratégia de vida.

Então, “empoderar” é uma palavra que, como “sororidade” (aliança entre mulheres com base em empatia e companheirismo) e “representatividade”, ainda vai nos ajudar a encontrar novas regras de convivência, claro que gerando muitos debates, conflitos e buscas de novos significados para relações já estabelecidas. Um grande desafio, mas que nesse momento me instiga e me convida a mais uma vez a entender quem somos e como reagimos aos movimentos. Já compreendi que tudo isso ainda está em formação, num processo contínuo de resignificação. Enquanto escrevo estas palavras, “empoderamento”, “representatividade” e outros termos estão sendo absorvidos e às vezes utilizados fora do seu contexto inicial. Faz parte do jogo? A publicidade, os programas de TV, entendendo que há um público ávido por essa discussão, agora falam essas palavras o tempo todo. E muitas vezes as pessoas pensam mais na simbologia das palavras do que naquilo que realmente precisa acontecer para alguém ser, de fato,

empoderado. Ganhar autoestima, ter coragem, compartilhar poderes e informações são lados importantes, pois é também disso que se trata empoderar-se. São conquistas árduas, que demandam força interior e uma vontade coletiva imensa. Que fique em nós uma constante reflexão: estamos realmente influenciando a opinião pública e os lugares de decisão, de poder? Estamos realmente empoderados? O que é empoderar-se? Qual a dimensão das mudanças simbólicas e como elas podem ser um disparador de mudanças mais complexas? E a representatividade? Ela dá conta das individualidades? (RAMOS, Lázaro, 2017, p. 117) pp. 117-120)

“Empoderamento” e “representatividade” são dois conceitos importantes que Lázaro nos traz este excerto. Não devemos esquecer que, para além de nosso autobiógrafo ser homem e negro, ele é um sujeito inserido nas artes e comunicação como produtor, autor, ator e dramaturgo. Assim abre-se a oportunidade de tratar conceitos como representação, visibilidade e empoderamento no sentido da discussão em torno do debate racial como também dentro das próprias comunicações e artes⁵¹.

Embora a temática de representatividade e empoderamento possa estar relacionada, em muitos casos, à oportunização de negros e negras nos mais diversos campos de trabalho como política e cargos de liderança, os conceitos são interseccionais e interdisciplinares em sua própria complexidade.

Como já expostos os percursos analíticos que pretendemos neste trabalho, um debate encerrado em gênero não basta para a compreensão complexa das relações de poderes, uma análise fechada ao debate racial também é limitadora. Desse modo, empoderamento, representatividade e visibilidade devem estar abertos ao debate de classe, geração, sexualidade, geografia e linguagem.

Porém há o risco de cairmos na armadilha das falsas representatividades, falsas visibilidades e falsos empoderamentos. Por exemplo o discurso comum de muitas instituições que aderiram a palavra “diversidade” em seus quadros de recursos humanos e

51 Essa hipótese é possível pela oportunidade que o presente autor teve durante os anos de 2017 e 2018 em colaborar como consultor convidado para dois trabalhos nas Organizações Globo, em que em 2017 ouviu o próprio Lázaro Ramos durante um debate sobre masculinidade, raça e gênero; e em 2018 quando o autor trabalhou na equipe de pesquisa e criação de conteúdo de multimídia para o programa *Lazinho com você* ido ao ar durante o mês de dezembro daquele ano.

a foto estampada é de uma equipe de funcionários brancos e apenas um negro.

Às vezes, como exemplo, mal é apresentado a tal da diversidade com apenas um negro, como no caso da famosa campanha da Coca-Cola que durante uma campanha para o Mês do Orgulho LGBT apresentou a intervenção “Essa Coca é Fanta” com a proposta de ressignificar o jargão homofóbico usado como xingamento contra homens homossexuais. Com o sucesso da campanha, a empresa decidiu postar uma foto da sua equipe de marketing que desenvolveu o trabalho. Na imagem creditada como “a equipe LGBT da Coca-Cola Brasil” aparece apenas homens, brancos e de classe média. Revelando o falso discurso⁵² em torno da representatividade, empoderamento e visibilidade da diversidade empresarial.

Mais uma vez retornamos a questão da solidão desses autores. A foto que são estampadas, as imagens que são publicadas na televisão, os vídeos publicados nos sites demonstram apenas uma individualidade, um sujeito que ocupa aquele determinado lugar por diversas trajetórias e oportunidade que lhe foram dadas. Não está, na imagem ou na história de Lázaro Ramos, ou de nossos outros autores, todas as histórias de quem está ao seu lado. O que se acredita aqui é que está representada uma individualidade que inspira. Mas que não é regra.

Ainda em tempo, Lázaro chega ao ponto de sua narrativa que explora questões relacionadas ao afeto entre o homem negro e a mulher negra. Ele descreve como o racismo também interfere nas relações afetivas entre os sexos e cotidianamente coloca o homem negro em um lugar de subalternização à branquitude.

Que tal pensarmos sobre as demonstrações de afeto entre o homem negro e a mulher negra, o pai negro e os filhos negros? Isso nos revelaria algo sobre os alicerces e as armadilhas do racismo? Meu lugar de estudo para isso tem sido o *Espelho*. Sempre que possível trago esse assunto à pauta. Sempre pergunto de onde é a família dos meus entrevistados, de onde eles vieram. Muitos depoimentos retratam famílias sorridentes, em que o toque e o abraço são constantes. No Nordeste, por exemplo, é comum uma demonstração de afeto que eu acho das mais lindas. “Me dê um cheiro!”

52 Ver: G1. “**Coca-Cola é criticada por foto sobre ‘diversidade’ só com homens brancos e se explica: ‘infelicidade’**”. Disponível em <<https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/coca-cola-e-criticada-por-foto-sobre-diversidade-so-com-homens-brancos-e-se-explica-uma-infelicidade.ghtml>> Acesso em 12 de jul. de 2019.

Sempre sorrio alegremente quando alguém é recebido (ou recebe) com essa expressão. Acho íntimo e afetuoso, é um traço da nossa cultura. O fato é que já escutei as mais variadas respostas, mas tem uma coisa que sempre me intrigou: o momento de descrição desse afeto. E isso fez com que eu pensasse na minha própria família e na minha construção de afeto. Na minha infância, a injeção de autoestima que recebi em casa foi muito importante. Uma de minhas primeiras recordações de “Opa, tem algo errado aqui” foi a dificuldade de conseguir uma namorada durante a adolescência. Já contei que sempre fui o melhor amigo, o amigo engraçado, quase o bichinho de estimação da turma, mas nunca objeto de desejo, certo? E de onde vinha isso? Do ambiente em que eu estudava, certamente – uma escola particular, de maioria branca. Ou seja, quando saí do campo familiar, não encontrei esse afeto entre homem e mulher. (RAMOS, Lázaro, 2017, p. 121)

A reflexão que Lázaro nos propõe em pensarmos sobre as demonstrações de afeto entre o homem negro e a mulher negra, entre o pai negro e os filhos negros também podem ser atravessada sobre como pensarmos sobre as demonstrações de afeto entre as famílias com filhos LGBTI+. Isso porque mostra a contradição entre como as famílias negras, hétero-afetivas desfrutam de um afeto mais acalorado e próximo quando olhamos para os dados já citados aqui entre as famílias com jovens LGBTI+. Ao mesmo tempo que o próprio Lázaro diz que fora do campo familiar não encontrou afeto.

Outro fato que chama atenção está relacionado ao ambiente escolar. Lugar em que ele, por ser negro, sempre se tornou o “melhor amigo”, o “amigo engraçado”, “quase o bichinho de estimação da turma, mas nunca o objeto de desejo”. Não é difícil de encontrar narrativas parecidas como essa, em que jovens LGBTI+ sempre tornam-se o “amigo gay” da menina da sala. Aquele que dá conselhos de moda, compartilha segredos, fala dos meninos bonitos da sala, mas – em raros casos – eles/as têm a oportunidade de terem namorados/as do mesmo gênero. Se Lázaro diz não encontrar afeto entre homens e mulheres fora de casa, LGBTI+ raramente encontram afeto dentro e fora de casa.

Então qual é o nosso compromisso? Eu, como homem negro, procuro me vigiar todos os dias, pensando se minhas ações ou atitudes estão em algum momento desrespeitando ou desvalorizando a minha parceira. Como posso oferecer à minha filha os instrumentos para que ela se torne uma mulher independente e possa escolher uma boa parceria? E para que meu filho também possa encontrar boas parcerias em suas amizades, seu amor, seu afeto de casal? Essa autovigilância é eterna, porque os códigos sociais e nossa cultura estão muitas vezes afirmando o contrário. Alguns costumes precisam ser quebrados. Eu, como amigo, te digo: trate bem o seu amor. [...] Na verdade, a frase que encerra este capítulo era: “Eu, como amigo, te digo cuide bem de sua preta”. Mas aí surgiu uma ponderação, por causa do

sentido implícito, de que essa mulher precisaria de um homem para cuidar dela. Devemos pensar nesse costume do homem achar que tratar a mulher em pé de igualdade é, na verdade, cuidar dela. Eu não disse a frase com esse sentido ou intenção, mas o verbo, “cuidar” acabou abrindo espaço para essa interpretação. Foi com dor que abrir mão da frase. Está vendo como não é fácil? (RAMOS, Lázaro, 2017, p. 123) [omissões do minhas]

Lázaro Ramos expande nosso terreno de análise trazendo questões importantes não só historicamente debatidas por teóricas feministas negras e seus movimentos sociopolíticos, como também oportuniza o aprofundamento de nossas perspectivas interdisciplinar e interseccional.

Ao questionar qual nosso compromisso, enquanto homens, para transformar nossa sociedade em um espaço mais afetivo, menos violento e excludente, Lázaro Ramos acaba também deixando a pauta sobre a importância de falarmos mais sobre nossas vidas. Talvez este seja a maior pretensão desse trabalho. O convite de cada uma de nós, homens, pararmos frente ao espelho e nos questionar sobre quem realmente nos tornamos a partir das cotidianidades, políticas, instrumentos, particularidades e privilégios que nos colocaram neste lugar.

Lázaro Ramos dá uma sugestão. A constante autovigilância para a quebra de costumes que nos contradizem e nos colocam em lugares que nem sempre são os mais confortáveis, saudáveis e seguros. Podemos acrescentar também a escuta, a empatia, e a sensibilidade sobre a vulnerabilidade do outro.

Estamos chegando ao fim de nosso primeiro movimento que tem como proposta trazer às obras em evidência para uma leitura que tentará caminhar à compreensão e explicação de como as experiências de narrativa de vida contribuem para trazer à tona percepções de masculinidades que podem se afastar dos critérios hegemônicos do que é ser homem e como, simultaneamente, elas estão em uma constante possibilidade de oferta de privilégios a estes mesmos sujeitos.

CAPÍTULO III – FALAR DE SI COMO POTÊNCIA PARA FALAR DE NÓS

As autobiografias têm uma potência considerável nessa transmissão de sentidos e desejos. Sendo assim, a enunciação presume outras categorias: o tempo, o espaço e a pessoa.

Neste sentido, cada uma das obras autobiográficas que trazemos neste trabalho é enunciado em um tempo, em um espaço e por uma pessoa. É importante dizer, um tempo, um espaço e uma pessoa que atuam como em uma peça teatral solo, mas que se conjugam entre si e se reproduzem com outros tempos, espaços e pessoas.

Essa afirmação torna-se relevante para este capítulo pois estamos diante de um porto-riquenho, de dois brasileiros (que pressupõe espaço vivido), além disso estamos diante de tempos de enunciados distintos, não só de quando as obras foram publicadas nas prateleiras das livrarias, mas também do tempo que elas foram escritas, além disso temos três pessoas no singular que contam suas histórias. Por este motivo começamos essa dissertação pelas próprias obras. Então seguimos para o que estava fora delas, e pergunto quem são as pessoas (narradoras) dessas obras?

Esses elementos aparecem a todo momento nas obras. Por exemplo: quando Ricky Martin questiona o que significaria ser latino e gay; ou quando Lázaro Ramos descreve seus anos em Salvador, ou quando João W. Nery revela como descobriu ser homem transexual lendo uma revista em Paris.

As narrativas pessoais ou autobiográficas têm a finalidade de apresentar a trajetória de vida e são recursos verbais produzidos pelo indivíduo, para proferir sua representatividade social. Essas narrativas são fomentadas pelas experiências concretas de vida do sujeito, em consonância com as relações interpessoais, ou seja, da relação com outro. São delineadas também a partir da sua subjetividade e com ele se constrói e se representa no seu contexto histórico social. (SANTOS, Roseni da Silva ,2019, p.32)

Existe, portanto, uma conexão direta entre o sujeito narrador que enuncia sua própria vida com a vida outra que o cerca. Lázaro Ramos, por exemplo, como vimos no primeiro capítulo, sempre achou estranho em ser o único negro nos jantares com os amigos; Ricky Martin incomodado por ser o único que ainda não havia tido a primeira relação

sexual entre os amigos do grupo Menudos, ou até mesmo João W. Nery que sente a necessidade de ter um pênis para ser homem como os outros. Quando se fala de si, também se fala do outro. Pois, a:

Narrativa autobiográfica também pode ser compreendida como registro de experiências sociobiográficas, reveladora não apenas da construção da personalidade profunda do sujeito, mas também esclarecedora da estrutura de formas e sentidos das instituições e situações sociais de convivência e pertencimento (Santo, Roseni da Silva *apud* FERREIRA, 2006 p.19)

Assim, quando Lázaro Ramos, Ricky Martin e João W. Nery narram suas histórias dão uma relevante subjetivação sobre as construções dos sujeitos narrados, que é o que nos importa aqui. 'Esse falar de si' dentro de categorias interseccionais como raça, classe, gênero, temporalidade, construção de sujeito, construção ética de masculinidade, como o patriarcado também se narra entre linhas, como racismo se revela em parágrafos, como a misoginia se esconde entre vírgulas, e como a homofobia está ali em suas narrativas. Como essa masculinidade "preenche" determinados corpos e se esconde em determinadas subjetividades tão disfarçadas que quase não percebemos.

Cabe chamar a atenção para o fato de que os processos de subjetivação-objetivação estão constantemente sujeitos à capacidade-incapacidade de apropriação dos frutos das práxis humanas por parte de seus sujeitos, não somente em virtude de ser a sociedade brasileira dividida em classes sociais, mas também por ser ela atravessada pelas contradições de gênero e de raça/etnia. Não se trata, contudo, de conceber três diferentes ordenamentos das relações sociais, correndo paralelamente. Ao contrário, esses três antagonismos fundamentais entrelaçam-se de modo a formar um nó. Convém alertar, contudo, para o fato de que não se trata de uma dissolução dos três eixos ao longo dos quais se estruturam as desigualdades, traduzidas em hierarquias e diferentes tipos de conflitos entre os *socii*. Trata-se de um entrelaçamento, que não apenas põe em relevo as contradições próprias de cada ordenamento das relações sociais, mas que as potencializa. Em outros termos, esse nó apresenta uma lógica contraditória. (SAFFIOTI, Heleieth, 2019, p. 141)

Essa "lógica contraditória" acontece pois não existe um Eu no plural. Nós, em realidade é "Eu mais os Outro/s", "Eu mais ele/s", "Eu mais você/s". E esse entrelaçamento justamente no revela os conflitos que temos em dialogar com as diferenças. Os Outros são muitos em si mesmos. Daí a sugestão de que ao falar de si existe uma potência para falar de nós. Sobretudo quando tratamos de falar sobre homens que falam de si e de masculinidades que falam de si.

Foi exposto neste trabalho que não se pode afirmar que existe um modo de habitar as masculinidades, tampouco um corpo-genital. E que essas diferenças nos tornaram precarizados em direitos e vulnerabilizados socialmente. Cada qual dentro de suas mais distintas categorias: raça/cor, classe social, capital cultural, idade, corpo-genital, sexualidade, local. E nesses processos que vamos nos sujeitando à criação do nosso Eu que enuncia a masculinidade própria e narra a construção do seu homem, em uma constante submissão de estereótipos e narrativas outras. E continuamente acreditam que, erroneamente, não somos culpados pelas diversas violências que o patriarcado no colabora a promover.

Podemos então entender a “submissão” às regras da ideologia dominante como uma submissão à necessidade de provar a inocência diante da acusação, uma submissão à exigência de provas, uma execução dessa prova e a aquisição do status do sujeito em conformidade com os termos da lei interrogativa e através dessa conformidade. ‘Tornar-se um sujeito’, portanto, é ter sido presumido culpado, depois julgado e declarado inocente. Com essa declaração não é um ato único, mas um status *reproduzido* incessantemente, tornar-se um “sujeito” é estar continuamente no processo de quitar da acusação de culpa. É ter se tornado em um emblema da legalidade, um cidadão em boa situação, mas cujo status é tênue, na verdade um sujeito que conheceu de alguma forma, em algum lugar – o que *não* é ter essa boa situação e, por conseguinte, ter sido rejeitado como culpado. No entanto, com essa culpa condicionada o sujeito, constitui a pré-história da sujeição à lei pela qual o sujeito é produzido. (BUTLER, Judith 2018, p.126)

Por este caminho que venho construindo de raciocínio que reflito sobre como nossos narradores autobiográficos refletiram suas construções de sujeito e de exercícios de masculinidades durante o processo de escrita. Também pergunto para nós, como provocação. É interessante pensar como a filósofa e professora de Literatura Comparada Judith Butler traz uma leitura de Freud sobre a construção do Eu.

[...] como sugere Freud, o caráter é constituído pela identificação – o Eu que sempre se compara o que uma vez amou -, podemos dizer que o caráter se assemelha à caricatura, a imitação de uma imitação. Assim, como os artistas que Platão queria banir, estamos todos fazendo cópia de cópias, com a diferença de que, o nosso caso, não existe original, apenas uma infinita sucessão de semelhanças para com alguém que, para todos os efeitos, não existe. A noção freudiana de caráter é a paródia de uma obra de arte platônica; sua teoria da formação do caráter através da identificação faz troça das ideias de que o caráter possa, de alguma maneira, ser substantivo. O Eu está sempre se aprontando para o que está por vir. Na medida em que é ser como, não pode haver si-mesmos verdadeiros ou identidades de gênero nucleares. Afinal, meu sentido de autenticidade só pode vir dos sentidos de autenticidade na minha cultura. Nesse contexto, meu Verdadeiro Si-Mesmo é definido de maneira mais precisa como meu Si-Mesmo (ou Si-Mesmos) Preferido(s). Eu sou o performer das minhas preferências conscientes e inconscientes. (BUTLER, Judith, 2018 pp.159-

160)

As obras autobiográficas que trouxemos aqui refletem muito esse Eu masculino, esse Eu homem que é uma cópia de cópias. Ricky Martin aprendeu a ser homem com o avo que disse que uma mulher deve ser tratada como uma flor. Lázaro Ramos aprendeu a ser homem com seu padrinho. João W. Nery teve como referência o amigo cego. Assim, cada Eu performa numa autenticidade de um espaço e de um tempo.

Talvez conseguimos pensar um pouco sobre o que esses homens têm para dizer sobre si. Entretanto, terminamos o último capítulo também questionando sobre o que as paisagens externas dos textos têm a nos dizer sobre nós que se copia.

Para tentar trazer à discussão o propósito da potência que existem em homens falar de si para a construção de uma sociedade menos violência e patriarcal, ousou afirmar que o filósofo, político e psiquiatra colombiano Luiz Carlos Restrepo está equivocado em afirmar que:

[...] Muchas estructuras patriarcales no son más que el recubrimiento externo de un dominio de la madre, del que el psicoanálisis ha dado cuenta a su manera al hablar de la existencia en algunas mujeres de una ambición fálica [...]. (RESTREPO, 1994, pp.16-17)

Será que ao trazer dados concretos sobre as diversas formas de violências que mulheres sofrem podemos afirmar que são elas criadoras de seus próprios algozes? Ao trazer as narrativas autobiográficas e contrastá-las com outras realidades latino-americanas quero mostrar que o ato de narrar a si próprio pode trazer a oportunidade de outras formas de sentido de autenticidade.

Sujeitos violentos aprendem a serem violentos, e não por uma estrutura patriarcal dominada e ensinada por mulheres. Mas sim por grupos específicos que dominam o capital, as regras do jogo social, criam as leis:

Dizer que o sujeito performa de acordo com um conjunto de habilidade é, por assim dizer, tomar a gramática um conjunto de habilidades a serem aprendidas, se consegue ou não as aprender e só depois é possível dizer que ele domina ou não essas habilidades. Dominar um conjunto de habilidades não é simplesmente aceitar um conjunto de habilidades, mas sim reproduzi-las na própria atividade, como parte dela. Não se trata apenas de agir de acordo com um conjunto de regras, mas também de incorporar as regras durante a ação e reproduzi-las em rituais de ação incorporados” (BUTTLER, Judith 2018 p.127)

Essas habilidades estão em todo nosso cotidiano, nos personagens das novelas, nos telejornais, nos comerciais, nos vídeos locados na internet, nos filmes, nas salas de aula. E por vezes, e não poucas vezes, como narrei em parte da minha própria infância, em casa e pelos nossos pais (sem as mães).

O que seriam das mulheres ainda vivas se não existem leis de proteção contra violência? Ou o que seriam dos negros ainda vivos sem leis que criminalizam o racismo? O que seriam dos homossexuais, bissexuais e transgêneros se não houvessem leis que garantissem casar, ter filhos, usar o banheiro ou doar sangue?

“[...] o sujeito só pode garantir sua existência nos termos da lei, e a lei exige a sujeição para a subjetivação, perversamente é preciso (sempre já) se render à lei para continuar afirmando a própria existência. A rendição à lei, desse modo, pode ser interpretada como a consequência obrigatória de um apego narcísico à continuidade da existência” (BUTLER, 2017, p.120)

A pergunta que inaugura esse capítulo também tem esse propósito, de perguntar quem seriam Lázaro Ramos, Ricky Martin ou João W. Nery sem leis que garantissem eles serem quem são?

Caminhando para o fim desse trabalho, quero dizer que propor aos homens que falar de si é uma potência para falar de nós não é uma novidade. Não pretendo ser mais um, dentre tantos brancos acadêmicos que assaltam as produções de mulheres negras na academia. Tampouco espero bonificações por isso. Collins nos lembra que em 1831:

[...] a pensadora feminista negra Maria Stewart não só encorajou a auto definição e a autovalorização de mulheres negras, mas também relacionou a autoconfiança de mulheres negras [...]. Autobiografias de mulheres como *Unbought na Unbossed [não comprada e sem chefes]*, de Shirley Chisholm, e *Eu sei porque o pássaro canta a gaiola*, de Maya Angelou, exemplificam a auto avaliação das mulheres negras sobre a autoconfiança. Como explica Nancy White, uma trabalhadora doméstica negra de idade, de forma convincente: “A maior parte das mulheres negras pode ser seu próprio chefe, então é isso que elas são. (COLLINS, Hills, 2019, pp.288-289)

Que mais bichas, mais homens de seios e vagina, que mais homens pretos, que mais homens deficientes, que mais homens pobres, que mais homens refugiados, que mais homens outros escrevam suas histórias como auto avaliação sobre como se construiriam a partir da sua cultura, da sua história, da sua referência, sempre exercitando a reflexão sobre seu lugar de privilégio nesta sociedade patriarcal e como pode contribuir para mudá-lo.

Antes de julgar o outro, devemos ter algum tipo de relação com ele. Tal relação vai fundar e fundamentar os juízos éticos que finalmente fizermos. De alguma maneira, teremos de fazer a pergunta: “Quem es?” Se nos esquecemos de que estamos relacionados àqueles que condenamos, mesmo que *devamos* condená-los, perdemos a chance de ser eticamente educados ou “interpelados” pela consideração de quem são e o que sua individualidade diz acerca da gama de possibilidades humanas existentes. E ainda de nos preparar contra ou a favor dessas possibilidades. Também nos esquecemos de que julgar o outro é um modo de interpelação: até mesmo as punições são declaradas, muitas vezes transmitidas, diante dos outros, exigindo sua presença física. (BUTLER, Judith, 2017, p.65)

Durante todo este processo de escrita tentamos trazer diferentes tipos de mulheres, feministas, teóricas e pesquisadoras que pudessem colaborar para esse nosso processo de reflexão em torno das masculinidades e homens que estamos construindo. Um exemplo direto sobre como podemos nos reificar enquanto sujeitos está em uma proposta transfeminista da professora doutora em psicologia social Jaqueline Gomes de Jesus que diz:

O transfeminismo reconhece a interseção entre as variadas identidades, identificações dos sujeitos e o caráter de opressão sobre corpos que não estejam conforme os ideais racistas e sexistas da sociedade, de modo que busca empoderar os corpos das pessoas como eles são, deficientes ou não, independentemente de intervenções de qualquer natureza; ele também busca valorizar todas as expressões sexuais das pessoas transgêneros, sejam elas assexuais, bissexuais, heterossexuais, homossexuais, ou com qualquer outra identidade sexual possível. (JESUS, Jaqueline, 2015, p.11)

Pergunto quais seriam as narrativas autobiográficas de homens considerando a proposta de Jaqueline Gomes de Jesus? Encerro esse meu trabalho não com minha voz – ou melhor, com minha escrita – mas com uma proposta a nós (eu + vocês):

Uma perspectiva feminista nos ensina a iniciar nossa reconstrução do comum pela superação desse estado de esquecimento. Nenhuma comunidade é possível se não nos recusarmos a basear nossas vidas e a sua reprodução no sofrimento de outras pessoas, se não nos recusarmos a enxergar a “nós” separados “deles”. O processo de tornar comum deve ser o de produzirmos a nós mesmos como sujeitos comuns. É assim que devemos entender o slogan “não há comuns sem comunidade”. Mas “comunidade” não pode ser uma realidade guetificada, um grupo de pessoas unidas por interesses específicos que as separam das outras, como em comunidades religiosas ou étnicas; ela precisa ter como norte relações de qualidade, princípios de cooperação e responsabilidade das pessoas umas com as outras e com a terra, as florestas, os mares, os animais. (FEDERICI, Silvia, 2019, p. 388)

A humanidade – essa palavra que a gente tenta aglomerar o conjunto de

sociedades, comunidades, relações sociais, trânsitos de saberes, perpetuação da espécie... (que um dia foi chamada de homem) – passou em sua história por diversos momentos de grande impactos fora do seu controle que teve como consequências concretas em seus modos de ser. A peste amarela, por exemplo. Em outras ocasiões históricas podemos observar o trágico momento das colonizações europeias, as revoluções industriais e as guerras mundiais para citar algumas.

Porém, o tempo, em seus diferentes conceitos, passando em seu próprio compasso como ponteiros de um relógio que nunca para e essa humanidade foi se esquecendo e deixando para trás valores importantes que pudessem protegê-la de si própria. Precisamos, como diz Silva Federici (2019) a nos recusar em não basear nossas vidas a partir do sofrimento do Outro. Quando vemos os números de infectados pelo coronavírus, e os números de mortos no planeta, no nosso país, na nosso Estado, na cidade, bairro e cidade não podemos deixar de lembrar que estes sujeitos não são números, mas são pessoas. Indivíduos que, em vida, contribuíram – do seu modo possível – para a construção de uma humanidade, de uma história, de uma relação social.

A pandemia colocou este trabalho neste lugar. De lembrar de que quando falamos de masculinidades e homens – no plural – não estamos falando apenas no plural, estamos falando de sujeitos singulares que cotidianamente vivem em comunidade e contribuem aos seus próximos, em sua comunidade. Nesta minha hipótese de falar de como potência de falar de nós, é como afirma Silva Federici (2019) de que não existe um nós sem comunidade.

Ao mesmo passo, ou linhas escritas neste trabalho, estes sujeitos não devem ser lidos – como em nossos autobiografados – como sujeitos unidos unicamente dentro dos interesses de cada grupo. Talvez, este tenha sido um dos principais impactos que a pandemia proporcionou na curva de interpretação dos textos de Lázaro Ramos, Rick Martin, João W. Nery e posteriormente em convergência com os atravessamentos da pandemia sobre esses homens e masculinos.

Vamos voltar um pouco ao tema deste capítulo e à proposta desta pesquisa: falar de si como potência para falar de nós. Estar em um programa de pós-graduação

interdisciplinar não nos liberta de certas amarras de convenções acadêmicas, entretanto, nos desata em poder trazer ao campo da crítica teorias que se complementam para uma visão de mundo – vamos dizer assim, no senso comum – interpretativa das “coisas”, dos “objetos”, ou melhor dizendo da materialidade da linguagem. A doutora em psicanálise Maria Rita Kehl (2002), traça com perspicácia como o sujeito se desampara na linguagem, mesma que materialize o cotidiano moderno.

Na modernidade a linguagem já não é mais nem o conjunto dos nomes das coisas, nem a representação harmoniosa da verdade, mas a *expressão de quem fala*. O sujeito não está apenas desamparado no mundo, como ser de linguagem, mas desamparado na própria linguagem. (Kehl, R. Maria, 2002, p. 67).

Nessa afirmação de Kehl que podemos perceber as constantes angústias de nossos narradores autobiógrafos entre o silêncio para se dizer quem é e o que deseja (Ricky Martin), o incomodo de ser o único no meio de tantos (Lázaro Ramos), na contradição que desejar estar em estereótipo mesmo que todos queiram fugir deles (João W. Nery). É pela linguagem que se pode existir e ser, e nela que as leis são feitas e assim os sujeitos constituídos, como já citamos a filósofa Judith Butler. A psicanalista Kehl ainda mostra como “o homem moderno padece da falta de referentes estáveis para a linguagem; ainda que tentemos negá-lo, aderindo a crenças e dogmas, o próprio fato de nos ser permitido *escolher* nossa filiação a um corpo dogmático já torna evidente sua arbitrariedade.” (p. 67)

E quando entramos neste campo, o da linguagem, um outro universo de possibilidade nos abre. Teoria literária, Teoria Crítica, Linguística, Retórica. Fundamentos teóricos não nos falta sobre a mesa de debate, assim como nomes, de homens – claro – do estruturalismo francês e suíço ao pragmatismo e pós-estruturalismo norte-americano. Podemos também passear pelo campo da psicanálise com Freud e Lacan. Ou até mesmo sermos mais abraçados com os estudos culturais, ou mais hispânicos trazendo o problema da identidade latino-americana por Jesús Martín-Barbero. Mas não, negar essas teorias não significa que elas não servem para este trabalho, pelo contrário, chamamos atenção para as inúmeras possibilidades que temos de falar sobre masculinidades em nossa contemporaneidade.

A potência de falar de si para falar de nós está, talvez em convergência

interdisciplinar entre estas várias teorias. Pode parecer redundância dizer assim. Estamos há duas décadas passadas do que achamos estar no século XXI, entretanto, o próprio filósofo argentino radicado no México Enrique Dussel (2016) já trouxe a problemática da visão estruturalista do culturalismo, em compreender o as mudanças de hegemonia, dentro de blocos históricos bem definidos. A pandemia, e as revolução digital parece que começa agora, em 2020, nos dar boas-vindas ao século XXI.

A importância de refletir filosoficamente sobre essa potência e o tempo, de modo descolonizado está justamente em localizar este sujeito que fala de si. Se esse Eu é na verdade um nós que habita um corpo: “tudo começa com uma afirmação. A negação da negação é o segundo momento. Como poderá negar o desprezo de si mesmo, se não iniciando pelo caminho para o autodescobrimento do próprio valor?” (DUSSEL, Enrique, 2016)

O que estamos dizendo aqui é que parece inevitável o processo de homens começarem a falar de si. Ou seja, o primeiro passo se afirmar “sou homem” e a partir disso perceberem como se constroem as relações de poderes de suas masculinidades. Talvez, seja possível, nesse momento, a possibilidade de encontrar um nós comum, um nós vulnerável, o nós negro, um “nós” homossexual, um “nós” nossamericano, um “nós” muitos Outros. Aí, estará um possível ponto originário para uma possível autocrítica necessária que nós homens precisamos fazer.

As masculinidades e os homens estão em uma fronteira muito tênue entre privilégios e precarizações em que as identidades de cada sujeito sujeitado precisam ser expostas a si próprio. Por este motivo a interdisciplinaridade e a intersecção situada colabora nesse encontro de um Eu e os demais. As questões que ficam para trás, sem serem respondidas neste trabalho não sou poucas. Entretanto, o que poderia ocorrer se este movimento de falar de si ocorresse em escala global, entre os homens? A solidão que nossos narradores trouxeram em seus textos seriam ressignificadas, assim como os medos, as angústias, a raiva?

E as relações de poderes entre homens e mulheres, como se dariam? Quais mudanças sociais ocorreriam entre masculino e feminino? Esse “nós” já não teria um

gênero, uma genitália, uma hierarquia? Faria sentido essa pesquisa? Os centros de estudos de gênero espalhados pelas universidades existiriam?

Tanto a palavra dita quanto a palavra escrita – mesmo tendo valores distintos – por vezes, parecem substâncias intangíveis de nossas vidas cotidianas. Pelo contrário, as palavras são concretas, caso contrário não faria sentido dizer “eu te amo” a quem ama. E quem é amado não se sentiria tocado pela declaração. Ao mesmo tempo que uma ordem “atire” de um superior ao policial não teria como fato o tiro dado, na materialidade da vida.

Falar de si é mais do que simplesmente se autoafirmar e se autoconhecer no mundo. Também é, ao mesmo tempo, materializar o que se é, que se deseja ser e o que pode se desmanchar naquilo que se acredita não estar correto. Por isso trazemos para este trabalho autobiografias. Poderiam ser outras, de outros personagens da vida real. Qualquer que seja denunciaria essas fronteiras que as masculinidades e os homens habitam, entre privilégios e vulnerabilizações.

Porém, acreditamos que não é preciso dizer que a proposta deste trabalho seja o graal que tornará os homens santos. Não temos dúvidas de que existem muitos homens falando de si por aí, e reproduzindo violências e reforçando desigualdades. A questão não é essa trazida neste trabalho. E os homens “espertos” – e mulheres também – que acreditarem nisso podem reler este trabalho, ou buscar outros trabalhos, pois talvez não tenhamos atingido o objetivo concreto. Que é mostrar uma possibilidade real de mudança de paradigma de relações de poderes que atravessam o campo dos estudos de gênero.

Quando este trabalho diz que utiliza a interseccionalidade situada como ferramenta de interpretação das construções de masculinidades e de homens nas autobiografias, para tentar encontrar as tessituras que colocam homens e masculinos em espaços e situações de vulnerabilidade e precarização, também está sendo dito – desculpem o gerúndio – que a atual sociedade patriarcal-capitalista-supremacista-branca opera de modo interseccionado e situado. Ou seja, atravessando todo e qualquer sujeito por meio de diferentes marcadores como idade, raça/etnia, corpo-genital, identidade de gênero, orientação afetivo-sexual, classe social, capital cultural, social, econômico. Ao falar de si existe a potência de aproximação com o Outro próximo de si.

Em sua autobiografia, João W. Nery fala sobre o seu processo de envelhecimento enquanto transexual masculino. O interessante que ele chega a brincar dizendo “como homem transexual, estarei livre da terrível impotência masculina na velhice, tecnicamente enfrentada com os Viagras, mas que não se confunde com desejo” (Nery, W. João, p. 290). Ora, a impotência sexual – e a velhice – neste sentido torna-se um dos elementos mais democráticos da vida do homem. Todos nós chegaremos a este momento, e muitos de nós temos medo do momento em que perderemos nossa virilidade sexual.

Essas intersecções situadas que vão movimentando o Eu durante sua trajetória de vida, que com o passar dos anos esse Eu vai mudando de narrador e contando outras histórias da vida real e expondo como esse sistema que exclui se adapta cada vez mais rápido e mais adaptável ao tempo que está. Quem diria que, nos anos 1990, as empresas brasileiras estariam tão interessadas em criar anúncios de emprego específicos para pessoas negras e LGBT+? Naquele tempo, o comum era encontrarmos – e ainda hoje há de encontrar com raridade – a busca por alguém de “boa aparência”.

Grupos de afinidades nas empresas, publicidade nos veículos de comunicação, palestras e consultorias sobre Diversidade e Inclusão não podem ser vistos como uma transformação de uma sociedade excludente para uma sociedade empática. Tomamos como objetos de estudo neste trabalho autobiografias de homens, mas, poderíamos tomar como ponto de partida a análise da representação do homem na publicidade brasileira nos últimos dez anos.

O IBGE⁵⁴ nos revela que a pirâmide etária no Brasil nos tornará mais velhos. Desse modo, as formas que as masculinidades e os homens serão representados e contarão suas histórias serão outras. E mais uma vez o sistema que exclui mudará seus paradigmas. Esse movimento capitalista é apenas uma adaptação de um processo de autoconhecimento que sujeitos estão tomando de si. De um processo que não é recente e denunciado pelos movimentos feministas em suas diferentes vertentes.

⁵⁴ Ver: IBGE: **Pirâmide Etária**. Disponível em <

Para caminhar ao fim, como vimos no capítulo anterior, os marcadores sociais são produtos essenciais para produção de precarização de direitos fundamentais da pessoa humana e vulnerabilização, não só de homens, mas também de mulheres. No caso da pandemia são os homens e as masculinidades negras, periféricas, trabalhadores de baixa escolaridade que são os mais atingidos não só pelo vírus, enquanto contaminação, mas pelo desemprego e pela falta de acesso às políticas públicas. Por exemplo, enquanto escrevo estas linhas o Governo Federal Brasileiro⁵⁵ anunciou novas regras para a manutenção do auxílio emergencial até o final de 2020. Entre elas estão fora dos contemplados quem está preso em regime fechado. É sabido, pelo Conselho Nacional de Justiça (2018)⁵⁶ que a população de presos no Brasil é de 602.217, dos quais 95% são homens, isso sem citar outros marcadores como classe, escolaridade e raça/etnia.

⁵⁵ Ver: G1. **Auxílio Emergencial. Governo define regras e restringe quem pode receber as novas parcelas de R\$300.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/09/03/governo-edita-mp-que-prorroga-o-auxilio-emergencial-ate-o-final-do-ano-serao-4-parcelas-de-r-300.ghtml>> Acessado em 03 de ago. de 2020.

⁵⁶ Ver: JUSTIFICANDO. **CNJ divulga os mais recentes dados sobre a população carcerária no Brasil.** Disponível em <<http://www.justificando.com/2018/08/08/cnj-divulga-os-mais-recentes-dados-sobre-a-populacao-carceraria-no-brasil/>> Acessado em 03 de ago. 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comecei essa pesquisa de mestrado enquanto terminava uma especialização em Direitos Humanos na América Latina pela mesma instituição, a Universidade Federal da Integração Latino-americana. No meio do mestrado fui contemplado pela oportunidade de fazer um semestre na *Escuela de Estudios de Género* da Universidade Nacional da Colômbia, em Bogotá. Esse caminho me fez ao avesso sobre quem sou.

Quando comecei, o projeto era outro. Fomos tocados por uma tragédia global e percebi que o que cada um desses autores nos contava: Ricky Martin, João W. Nery e Lázaro Ramos não era exclusivo de seus livros vendidos nas prateleiras das grandes livrarias do país. Mas suas histórias poderiam ser encontradas em qualquer esquina.

Meu lado jornalístico acabou por pautar minha própria pesquisa, produzida não “a toque de caixa”, mas quase como uma produção de *Hard News*, em que cada parágrafo que escrevia uma nova notícia, um novo dado científico era publicado e tornando nossa hipótese mais próxima da realidade. Posso dizer que essa dissertação foi feita quase que ao vivo.

Não quero ser acusado de ter proposto estudar as masculinidades e os homens de fora, como o antropólogo e sociólogo francês Pierre Bourdieu é apontado por não ter se posicionado também enquanto homem que produz ciência. Nesse sentido, respeitando meus limites de privacidade, ter passado por esse intenso e profundo processo de compreensão sobre quais marcadores me atravessam não foi fácil. Entretanto, profundamente importante para entender não só a mim, mas quem me cerca, a comunidade que faço parte, como reajo frente minhas vulnerabilizações e precarizações – e, sobretudo, como são minhas relações de poderes em relação àqueles e àquelas que são mais vulnerabilizados e precarizados do que eu.

Espero que com esse trabalho que muitos homens possam iniciar seu processo de reconstrução enquanto sujeitos ativos em uma sociedade que ora nos privilegia por sermos homens, e em outros momentos nos precariza por sermos pobres, negros, deficientes, transgêneros, bissexuais, trabalhados precarizados, moradores das periferias

das grandes cidades e do país.

Como deixar esses personagens das autobiografias apenas em seus livros sem pensar que eles também existem nas longas filas dos bancos em busca de um misero “auxílio emergencial”, ou que estão em uma profunda solidão confinados com famílias homofóbicas, ou desempregados pois eram os primeiros da lista para serem mandados embora do trabalho por sua cor?

Talvez essa tenha sido minha maior pretensão neste trabalho, graças as todas as teóricas feministas que tive a oportunidade de ler. Ou seja, de perceber que falar de si é uma importante ferramenta de memória coletiva. Falar de si também pode ser um falar de nós. De quem nos relacionamos, de quem nos atravessou e colaborou a ser como somos, quem nos ajudou em nossas crenças e em nossos valores.

Nesse cada qual em sua história se percebe que há entrelinhas, parágrafos e capítulos que se cruzam e que precisam ser mudados para uma sociedade mais comunitária, solidária e equitária.

De modo algum tive a pretensão de colocar os homens vítimas de suas próprias masculinidades que justificassem violências tantas que promovem contra mulheres e contra eles próprios. Mas espero que eu tenha logrado demonstrar que nós (homens) habitamos de inúmeras formas nossos corpos transformando o singular masculino no plural. E que não é só por sermos homens que automaticamente estamos no topo da cadeia da dominação social.

Somos cotidianamente atravessados por tantas outras categorias que nossos privilegiam enquanto homens, que aparecem e desaparecem conscientemente ou inconscientemente. Estar ao lado das mulheres, tanto as feministas, as teóricas, as artistas, as escritoras, as intelectuais e as profissionais nos dá a oportunidade de aprender que também temos nossas vulnerabilidades, e assim podemos falar mais de nós, um nós de comunidade.

Percebe-se, com esse trabalho, que conseguimos compreender melhor como

funciona o sistema patriarcal-supremacista-branco que cria um imaginário de ideal que não existe. O que existe, na materialidade dos fatos, são diversas fronteiras onde, de acordo com cada característica social, racial, de gênero, cultural e classe, os sujeitos podem ou não atravessar para a próxima fronteira.

Não existe um centro de privilégios, mas diversos núcleos que orbitam uma ideologia que descaracteriza indivíduos, homens e mulheres, chegando até desumanizá-los. Neste sentido, falar de homens e masculinidades nos oportunizou uma compreensão mais próxima de como se dão as variadas vulnerabilizações dos sujeitos e as precarizações dos direitos fundamentais da pessoa humana.

Fica nítido o papel das instituições – Estado, Governo, Sociedade Civil e empresas – na transformação dessa sociedade que é generificada, racializada, recortada em classe e impostas limites de até onde podem viver.

Muito se ouve na imprensa e em rodas de conversas – até mesmo de especialistas – sobre um novo normal que está por vir após a pandemia. Vejamos o que está por vir sobre esse tal “novo normal”. De acordo com a Comissão Econômica para América Latina (Cepal)⁵⁷, até o final deste ano serão mais de 44,1 milhões de desempregados, e a pobreza chegará aos 37,3% com cerca de 230,9 milhões de pessoas na extrema pobreza, um número maior que a população do Brasil. Quem serão os últimos das filas que conseguirão retornar ao mercado de trabalho, ou que estarão inclusos nas chamadas políticas públicas de inclusão?

E falando de inclusão. O próprio sistema capitalista-patriarcal-supremacista-branco já está posto em prova e provado que não dá conta das garantias dos direitos fundamentais da pessoa humana, entretanto, sem querer flertar com cartas de tarô ou com a futurologia, ou búzios neste trabalho, não vislumbramos um “novo normal” onde empresas e Estado e Sociedade Civil mudem radicalmente. Não se trata de inclusão neste sistema

⁵⁷ Ver: CORREIO BRASILIENSE. **Comissão projeto 44,1 milhões de desempregados na América Latina**. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2020/07/15/internas_economia,872439/comiss_ao-projeta-44-1-milhoes-de-desempregados-na-america-latina.shtml > Acessado em 16 de jul. de 2020.

falido. E estas palavras não são deste autor que vos escreve. Devemos tratar de transformar radicalmente o sistema, e quem afirma e nos provoca é filósofa Angela Davis em conversa com a filósofa Judith Butler (2017)⁵⁸

Homens e mulheres, nós – em comunidade – devemos pensar se realmente queremos inclusão neste sistema que exclui, que assassina jovens negros das periferias brasileiras⁵⁹ pelo próprio Estado.

Sim. Os homens e as masculinidades (nós – o que inclui eu) gozamos, como já disse, de diversos privilégios na cotidianidade, mas não são todos os homens e tampouco todas as masculinidades que estão dentro deste simulacro inexistente do homem-alpha-branco-rico. Esse ideal, na solidão de qualquer sujeito que se deita para dormir sobre seu travesseiro de lã sintética (produto da extração de petróleo, matéria prima ponto de partida de muitas guerras) ou de seu travesseiro de penas de ganso (nada ecológico e respeitoso com a natureza) sabe muito bem de suas fragilidades e que este varão não existe sem este sistema imaginário, contado em histórias, com trajetórias que os colocam nas facilidades de promoção de posição na empresa em que trabalha, ou até mesmo como trata a esposa quando chega do trabalho após suas oito ou mais horas de labor cumpridas.

Aqui, aparentemente falei de homens heterossexuais cisgênero brancos, mas não se engane. Quero falar com o máximo possível de homens e de relações de poderes masculinos. Sejam eles heterossexuais, homossexuais, bissexuais, transgêneros, pretos e pardos, deficientes. Não podemos (eu + vocês), homens, acreditar que está tudo certo e na ilusão de um amanhã que não existe sem agirmos hoje e agora.

Nós, homens, também precisamos aprender quem somos.

⁵⁸ Ver: SSEXBBOX. **Angela Davis e Judith Butler em conversa sobre a desigualdade**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=5lYpk1Zj-SU>> acessado em 03 de set. 2020.

⁵⁹ Ver: UOL. **Negros são 75% dos mortos pela polícia no Brasil aponta relatório**. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/07/15/negros-sao-75-dos-mortos-pela-policia-no-brasil-aponta-relatorio.htm>> Acessado em 03 de set. 2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumbo a una nova consciência. Rev. **Estud. Fem.**, Florianópolis, vol. 13, n. 3, p. 704-719, dec. de 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300015>. Acesso em: 20 de mar. 2019. .

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo II. A experiência vivida**. Ed. 2. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Trad. Rogério Bettoni. 1ª ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2017.

_____. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Trad. Rogério Bettoni. 1ª Ed. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2018.

COLLINS, H. Patricia. **Pensamento feminista negro o poder da autodefinição**. In: *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Org. Heloisa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, pp. 288-289.

COMBAHEE RIVER COLLECTIVE, “Déclaration du Combahee River Collective”, in FALQUET Jules, LADA Emmanuelle, RABAUD Aude SOS CORPO 26 **Instituto Feminista para a Democracia** (orgs.), (Ré)articulation des rapports sociaux de sexe, classe et “race”. Repères historiques et contemporains, Paris, Cahier du CEDREF – Université Paris-Diderot, 2006, pp. 53-67 [Publicação original: “Black Feminist Statement”, in EISENSTEIN Zillah (org.). *Capitalist Patriarchy and the Case for Socialist Feminism*, Nova Iorque, Monthly Review Press, pp. 362-372].

CONNELL, Raewyn. W. La organización social de la masculinidad. In: Valdés, T. & Olavarría, J. Ed. **Masculinidades, poder y crisis**. Santiago de Chile: Flacso, pp. 31-48. 197.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero, *Estudos feministas* 1, p.171-189, 2002

DUSSEL, Enrique. ¿El ser latinoamericano tiene pasado y futuro? In: ALVEZ, L. J. G. (Org.) **Filosofía de la historia Latinoamericana**. Bogotá: Editorial El Búho, 1983. p. 133-151.

FREDERICI, Silvia. **O feminismo e a política dos comuns** In: *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Org. Heloisa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 388.

FREUD, Sigmund. **A Dissolução do Complexo de Édipo**. Rio de Janeiro: Imago. Ed. Standart Brasileira, Obras Completas, vol. XIX, pp. 215-224. 1924.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. **Revista Isis Internacional**, vol. IX, p.133-141, 1988.

HERNÁNDEZ, Franklin Gil. ¿Para qué estudiar a los hombres? Hombres, feminismo y estudios sobre masculinidades. **III Colóquio Internacional de Estudios Sobre Varones y Masculinidades**, 2008. Disponível em: <http://www.lazoblanco.org/wp-content/uploads/2013/08manual/bibliog/material_masculinidades_0033.pdf> Acesso em 20 de mar. de 2019.

hooks, bell. **El feminismo es para todo el mundo**. Madrid: Ed. Traficante de Sueños, 2017.

JESUS, G. de Jaqueline, et. al.. **Transfeminismo: teorias e práticas**. 2ª Edição. Rio de Janeiro Metanoia, 2015, p. 11.

KAUFMAN, Michael. Los hombres, el feminismo y las experiencias contradictorias del poder entre los hombres (Versión revisada del artículo *Men, Feminism, and Men's Contradictory Experiences of Power*, publicado en Harry Brod y Michael Kaufman, editores) **Theorizing Masculinities, Thousand Oaks**. Sage Publication, 1994, pp. 142-165) Disponível em:<<https://www.michaelkaufman.com/wp-content/uploads/2008/12/los-hombres-el-feminismo-y-las-experiences-contradictorias-del-poder-entre-los-hombres.pdf>> pp. 1-22. Acesso em 01 de abril de 2019.

Kehl, Maria Rita. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. 1ª ed. 2002

MALINOWSKI, K. Bronislaw. **Sexo e Repressão na Sociedade Selvagem**. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda. 1973.

MARTÍ, José. **Nuestra América**. Buenos Aires: Losada, 1980.

MARTIN, Ricky. **Eu**. São Paulo: Planeta, 2010.

MEAD, Margaret. **Sexo y temperamento**. Buenos Aires: Paidós, 1961.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Ed. Mulheres, p. 25-37, 1998. Disponível em: <> . Acesso em 24 de mar. 2019.

RAMOS, Lázaro. **Na Minha Pele**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. **Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade**. In: Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto. Org. Heloisa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 141.

SANTOS, Roseni da Silva. **Autobiografia como lugar de memórias: enunciação, discurso e atitude responsiva ativa**. Dissertação. Universidade Estadual do Sudoeste da Baía. Orientação Drº Maria Aparecida Pacheco Gusmão. 2019, p. 32 Disponível em: <> acessado em 19 de jun de 2020.

SOUSA SAMPAIO, Ricardo; AMORIM GARCIA, Claudia. **Dissecando a masculinidade na encruzilhada entre a psicanálise e os estudos de gênero**. Psicologia em Revista, v. 16, n. 1, p. 81-102, 2010. Disponível em: <>. Acessado em 10 de ago. de 2018.

VIVEROS VIGOYA, Mara. **As cores da masculinidade. Experiências interseccionais e**

práticas de poder na Nossa América. Belo Horizonte: Papéis Selvagens. 2018.

VIVEROS VIGOYA, Mara. Teorías feministas y estudios sobre varones y masculinidades. Dilemas y desafíos recientes. **La Manzana de la Discordia**, [S.l.], vol. 2, n. 2, p. 25-36, mar. 2016. ISSN 2500-6738. Disponível em: <>. Acesso em 24 mar. 2019 doi: .

W. NEY, João. **Viagem Solitária - Memórias de um transexual 30 anos depois.** São Paulo: Leya, 2011.

WEATHERS, Maryanne. An argument for Black women's liberation as a revolutionary force. **Radical Feminism: A Documentary Reader**, p. 450, 2000.

YUVAL-DAVIS, Nira. Situated intersectionality and social inequality. **Raisons politiques**, vol. 2, nº58, pp. 91-100, 2015.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 28, p. 19-54, June 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100003&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 16 ago. 2020

ALTMANN, Helena. Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n. 2, p. 333, 2007.

FOUCAULT, MICHAEL. **História da Sexualidade I: A vontade de Saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. **Tabuleiro de Letras**, v. 12, n. 1, p. 77-88, 2018.

DA SILVA, Alexander Lima; DE OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto. Transexualização em Narrativas de Histórias de Vida sobre a Infância. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 15, n. 2, p. 484-508, 2015.